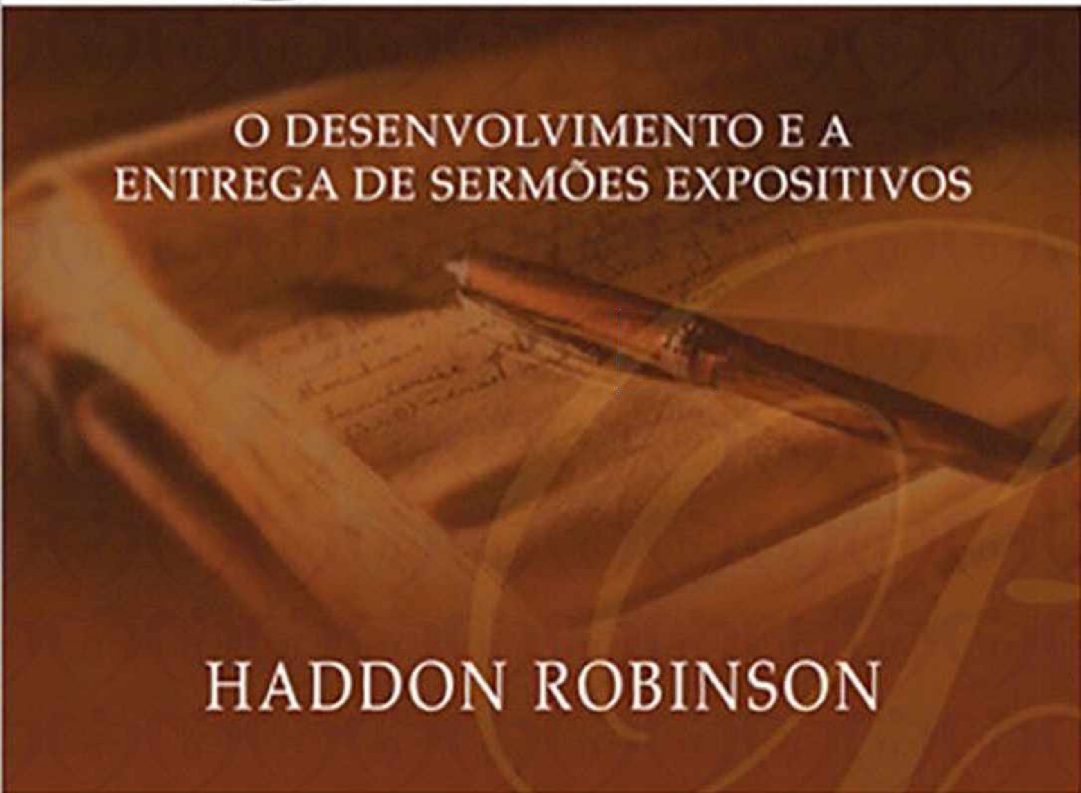
SHEDD
PUBLICAÇÕES

Pregação Bíblica



O DESENVOLVIMENTO E A
ENTREGA DE SERMÕES EXPOSITIVOS

HADDON ROBINSON

A Pregação Bíblica

O Desenvolvimento e a Entrega de Sermões Expositivos

Haddon W. Robinson

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Caixa Postal 21486 - São Paulo, SP.

Título do Original em Inglês:
BIBLICAL PREACHING: The Development and Delivery of Expository Messages

Copyright © 1980 — Baker Book House Company
Grand Rapids, MI, U.S.A.

Tradução: Gordon Chown
Revisão: Júlio Paulo T. Zabatiero

Primeira Edição em Português: 1983 — 5.000 exemplares

Capa: José A. Poyares

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados pela

SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Caixa Postal 21486 — São Paulo — SP
04698 Brasil

ÍNDICE

Prefácio **9**
Abreviaturas **11**
1 O Argumento em prol da Pregação Expositiva **13**
Novos Conceitos 22 *Definições* 22
2 Qual é a Grande Idéia? **23**
Novos Conceitos 31 *Definições* 31
Exercícios 32
3 Ferramentas do Ofício **37**
Etapa 1 Selecionando a Passagem 38
Etapa 2 Estudando a Passagem 40
Etapa 3 Descobrindo a Idéia Exegética 45
Bibliografia 48 *Novos Conceitos* **51**
Definições 51
4 O Caminho do Texto para o Sermão **53**
Etapa 4 Analisando a Idéia Exegética 54
Etapa 5 Formulando a Idéia Homilética 64
Novos Conceitos 67 *Definições* 67
Exercícios 68
5 O Poder de um Propósito **73**
Etapa 6 Determinando o Propósito do Sermão **73**
Novos Conceitos 77 *Definições* 77
6 As Formas que os Sermões Assumem **79**
Etapa 7 Resolvendo como Atingir este Propósito 79
Etapa 8 Fazendo o Esboço do Sermão 86
Novos Conceitos 90 *Definições* 90
7 Dando Vida aos Ossos Secos **93**
Etapa 9 Preenchendo o Esboço do Sermão 93
Novos Conceitos 105 *Definições* 105
8 Comece com um Estrondo e Termine com Tudo Completo **107**
Etapa 10 Preparando a Introdução e a Conclusão 107
Novos Conceitos 116 *Definições* 116
9 A Vestimenta do Pensamento **117**
Novos Conceitos 126 *Definições* 126
10 Como Pregar de Modo que as Pessoas Ouçam **127**
Novos Conceitos 138 *Definições* 138

Apêndices
1 Respostas aos Exercícios 139
2 Diagrama de Efésios 4:11-16 141
3 Formulário para a Avaliação do Sermão 143

Bibliografia Seletiva de Obras Citadas 145
Índice de Pessoas 147
Índice de Escrituras 150

Aos homens e mulheres
que observam um compromisso sagrado
no domingo de manhã.
Desnorteados por vozes sedutoras,
acalentando feridas que a vida lhes deu,
ansiosos acerca de coisas que não importam.
Mesmo assim vêm escutar uma palavra clara da parte de Deus
que fala à sua condição.
E àqueles que lhes ministram agora
e àqueles que o farão no futuro.

PREFÁCIO

Durante a leitura de um livro, às vezes tenho pensado no prefácio como sendo matéria que pode ser omitida. É como os hinos num culto mal planejado. O autor o colocou como um pára-choque antes de tratar do assunto do seu livro.

Como autor, porém, considero o prefácio algo absolutamente necessário. Não é sem hesitação que escrevo este volume, e o prefácio me dá a oportunidade de registrar uma renúncia de responsabilidade, que é necessária. A literatura da homilética destaca os nomes de pregadores brilhantes e de mestres superiores. A gente deve pensar duas vezes — e mais duas vezes — antes de nomear-se como membro desse grupo.

Um leitor pode, compreensivelmente, tomar por certo que qualquer pessoa que escreve sobre a pregação deve considerar-se um mestre nesta disciplina. Não é o caso! Já preguei minha porção de sermões esquecíveis. Conheço a agonia de preparar uma mensagem e, depois de a ter pregado, sentir que não sabia absolutamente nada acerca da arte da pregação.

Se posso alegar possuir qualquer qualificação, é esta: sou um bom ouvinte. Durante duas décadas na sala de aula avaliei quase seis mil sermões de estudantes. Meus amigos ficam maravilhados porque, depois de eu escutar centenas de pregadores principiantes passarem tropeçando por seus primeiros sermões, ainda não sou ateu. Mesmo assim, aprendi quais os ingredientes de um sermão eficaz, e acho que descobri o que fazer e o que evitar. Como professor de pregadores, sou um pouco como Leo Durocher. Quando jogava basebol, sua média de pontos não era muito maior que o número da sua camisa, mas como técnico treinou vários times bem-sucedidos.

Muitos dos meus estudantes passaram a ser comunicadores eficientes da Palavra de Deus, e me garantem que tive influência sobre seus ministérios. Eles e eu descobrimos que as regras da homilética, por si próprias, não produzem pregadores eficientes. O estudante deve possuir algum dom e, muito mais, um desejo inapagável de colocar uma passagem da Escritura em contato com a vida. Richard Baxter comentou, certa vez, que nunca conheceu um homem que valesse qualquer coisa no seu ministério que não tivesse um desejo, chegando quase à tristeza, de ver o fruto de seu labor. Deve haver uma união entre os princípios e a paixão antes de muita coisa significativa ocorrer no púlpito. Neste livro portanto, passo adiante um método para aqueles que estão aprendendo a pregar, ou para pessoas experimentadas que querem fazer uma recordação dos princípios básicos. Espero ter expressado de modo suficientemente claro para beneficiar a leigos e leigas que ensinam as Escrituras. Mesmo assim, a esta matéria o leitor traz a si mesmo — sua vida, suas introspecções, sua maturidade, sua imaginação e sua dedicação. Como o hidrogênio e o oxigênio que produzem água, o desejo e a instrução juntos ficam sendo comunicadores eficazes.

Quando comecei a ensinar, não pretendia escrever. Só queria achar conselhos úteis suficientes para dar aos meus alunos um modo de proceder enquanto se preparavam para

pregar. Sentindo desespero para achar alguma coisa sensata para dizer, fiz muita leitura. É difícil falar suficientemente acerca da dívida que tenho para com os outros. Por exemplo, H. Grady Davis fez uma contribuição especial. Enquanto estava procurando achar meu caminho, o livro dele me achou. Embora ele talvez queira repudiar qualquer conexão com este volume, sua obra *Design for Preaching* foi como que fermento para meus pensamentos. Fiz uso de uma miríade de outras fontes também — algumas já esquecidas, mas não deliberadamente. Diante daqueles contribuintes desconhecidos, pleiteio a experiência de Homero conforme Rudyard Kipling a relata:

Quando Homero tocava aquela sua lira,
Ouvia os homens cantar em terra e mar;
E o que pensava que lhe seria necessário,
Ia lá pegar — assim como eu faço!

As moças do mercado e os pescadores,
Os pastores e os marinheiros também,
Ouviram canções antigas surgirem de novo,
Mas nada contaram — assim como vocês!

Sabiam que ele furtava; sabia que sabiam.
Não contavam, nem faziam escândalo,
Mas piscavam para Homero pelo caminho
E ele piscava de volta — assim como nós![1]

Reconheço minha dívida a centenas de outros. Aqueles estudantes que levantaram as perguntas que fui forçado a responder, e que me contavam de modos gentis quando, simplesmente, não estava conseguindo explicar com clareza, devo mais do que agradecimentos. Meus ex-colegas do Seminário Teológico de Dallas contribuíram muito mais do que fazem idéia. Duane Litfin, John Reed, Mike Cocoris, Elliott Johnson, Harold Hoehner, e Zane Hodges, entre outros, são homens que amam a Deus com suas mentes — e que não hesitam em dar sua opinião. Bruce Waltke, do Regent College, contribuiu enormemente à minha vida no decurso de vinte anos e providenciou um modelo da erudição ligada à vida. Visto que todos estes e outros me influenciaram profundamente, não é mais do que justo que carreguem boa parte da culpa pelas fraquezas existentes neste volume!

Nancy Lewis merece menção especial. Não somente preparou e datilografou o manuscrito, como também, qual sentinela vigilante, vigiou meu tempo de modo que pudesse achar oportunidades para escrever.

E minha esposa, Bonnie! Quanta coisa devo a ela! Somente ela sabe, enquanto lê estas palavras, quanta coisa fez por mim. Somente eu posso saber a influência profunda que teve sobre minha vida.

Agora, que foi escrito o prefácio, podemos ocupar-nos com a tarefa. Qualquer pessoa que é sensível às Escrituras conhece o reverente temor do ministério. Matthew Simpson, na sua obra *Lectures on Preaching*, colocou o pregador no seu devido lugar: "Seu trono é o púlpito, ele representa a Cristo, sua mensagem é a palavra de Deus, em derredor dele há almas imortais, o Salvador, sem ser visto, está a seu lado; o Espírito Santo paira sobre a congregação; anjos contemplam a cena, e o céu e o inferno aguardam o resultado. Que associações, e que responsabilidade vasta!"[2]

Abreviaturas

ASV *American Standard Version.* 1901.[1]
KVJ *King James Version,* 1611.
NASB *New American Standard Bible.* La Habra, Calif.: Lockman Foundation, 1971.
NIV *New International Version.* East Brunswick, N.J.: New York International Bible Society, 1978.
NKJB *New King James Bible: New Testament.* Nashville: Thomas Nelson, 1979.
Phillips *The New Testament in Modern English* Traduzido por J. B. Phillips. Nová York: Macmillan, 1958.
RSV *Revised Standard Version.* Nova York: Divisão de Educação Cristã do Concílio Nacional das Igrejas de Cristo nos EEUU, 1952, 1971.

---

1. *Rudyard Kipling's Verse: 1885-1926* (Garden City, N.Y., Doubleday, Page, 1927), pág. 403.
2. (Nova York: Phillips & Hunt, 1879), pág. 166.

1. Nas citações da American Standard Version, *Jeová* foi alterado para *Javé*.

Capítulo 1

O Argumento em prol da Pregação Expositiva

Este é um livro acerca da pregação expositiva, mas talvez tenha sido escrito para um mercado em depressão. Nem todos concordam que a pregação expositiva — ou qualquer tipo de pregação, — é uma necessidade urgente da igreja. Em certos círculos, o recado é que a pregação deve ser abandonada. O dedo que avança já passou por ela e agora aponta para outros métodos e ministérios que são mais "eficazes" e em harmonia com os tempos.

A Desvalorização da Pregação

Explicar porque a pregação recebe estas notas baixas nos levaria a cada área da nossa vida comum. Mudou-se a imagem do pregador, que já não é considerado o líder intelectual nem sequer espiritual. Peça ao homem no banco da igreja que descreva um ministro, e a descrição talvez não será lisonjeira. Conforme Kyle Hasselden, o pastor surge como "composto manso" da congregação: "escoteiro congenial, sempre prestativo, sempre pronto para ajudar; como o querido das senhoras de idade, e como suficientemente reservado com as jovens; como a imagem paternal para os mais jovens, e companheiro para os homens solitários; como o cordial recepcionista afável nos chás e nos almoços dos clubes cívicos."[1] Se isto de algum modo retrata a realidade, mesmo que as pessoas gostem do pregador, certamente não irão respeitá-lo.

Além disto, a pregação é levada a efeito numa sociedade alvo de comunicações em demasia. Os meios de comunicação de massa nos bombardeiam com cem mil "mensagens" por dia. A televisão e o rádio apresentam mascates que entregam uma "palavra do patrocinador" com toda a sinceridade de um evangelista. Dentro daquele contexto, o pregador talvez dê a impressão de ser mais uma pessoa mercenária que, nas palavras de John Ruskin, "faz truques de palco com as doutrinas da vida e da morte."

Mais importante, talvez: o homem no púlpito se sente furtado de uma mensagem autoritativa. Boa parte da teologia moderna lhe oferece pouco mais do que palpites santificados, e suspeita que os sofisticados nos bancos das igrejas têm mais fé nos textos da ciência do que nos textos da pregação. Para alguns pregadores, portanto, a última moda na comunicação fica sendo mais estimulante do que a mensagem. As apresentações em muitos meios comunicativos, as curtas metragens, as sessões de compartilhação, as luzes piscantes, e a música da atualidade podem ser sintomas ou da saúde, ou da doença. Sem dúvida, as técnicas modernas podem realçar a comunicação, mas, por outro lado, podem substituir a mensagem — o surpreendente e o incomum podem ser máscaras para um vácuo.

A ação social apela mais a certo segmento da igreja do que o falar ou o escutar. Para que servem palavras de fé, perguntam, quando a sociedade exige obras de fé? As pessoas com este cunho mental jugalm que os apóstolos inverteram as coisas quando resolveram:

"Não é razoável que nós abandonemos a palavra de Deus para servir às meses" (Atos 6:2). Num dia de ativismo, seria mais relevante declarar: "Não é razoável que abandonemos o serviço às meses para pregar a Palavra de Deus."

O Argumento em Prol da Pregação

A despeito da maledicência contra a pregação e os pregadores, ninguém que leva a sério a Bíblia ousa descartar a pregação. Paulo era um escritor. Da sua pena, temos a maioria das cartas inspiradas do Novo Testamento, e, encabeçando a lista das suas cartas há aquela aos Romanos. Medida por seu impacto sobre a história, poucos documentos se comparam com ela. Mesmo assim, quando Paulo escreveu esta Carta à congregação em Roma, confessou: "Porque muito desejo ver-vos, a fim de repartir convosco algum dom espiritual, para que sejais confirmados; isto é, para que, entre vós, reciprocamente nos confortemos, por intermédio da fé mútua, vossa e minha" (1:11-12). Paulo reconhecia que alguns ministérios não podem realizar-se, de modo algum, fora do contato face a face. Até a leitura de uma carta inspirada não serve de substituto: "Estou pronto a anunciar o evangelho também a vós outros, em Roma" (1:15). Através da palavra pregada vem um poder que nem sequer a palavra escrita inerrante pode substituir.

Para os escritores do Novo Testamento a pregação destaca-se como o evento através do qual Deus opera. Pedro, por exemplo, lembrou seus leitores que "fostes regenerados, não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente" (1 Pedro 1:23). Como é que esta palavra veio a afetar as vidas deles? "Esta palavra", Pedro explicou, "é boa nova que vos *foi pregada*" (1:25). Através da pregação, Deus os redimira.

Além disto, Paulo recontou a história espiritual dos tessalonicenses: "deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro, e para aguardardes dos céus o seu Filho" (1 Ts 1:9-10). Aquela reviravolta ocorreu, explicou o apóstolo, porque "tendo vós recebido a palavra que de nós ouvistes, que é de Deus, acolhestes não como palavra de homens, e, sim, como em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes" (2:13). A pregação, na idéia de Paulo, não consistia em um homem que discutia a religião. Pelo contrário, o próprio Deus falava através da personalidade e mensagem de um pregador para confrontar os homens e mulheres e trazê-los a Ele.

Tudo isto explica por que Paulo encorajava seu jovem companheiro Timóteo a "pregar a palavra" (2 Tm 4:2). *Pregar* significa "proclamar, anunciar ou exortar." A pregação deve comover um homem a tal ponto que entregue a mensagem com paixão e fervor. Nem todas as súplicas apaixonadas feitas do púlpito, no entanto, possuem autoridade divina. Quando um pregador fala como arauto, deve proclamar "a palavra". Qualquer coisa a menos não pode legitimamente passar por pregação cristã.

A Necessidade da Pregação Expositiva

O homem no púlpito enfrenta a insistente tentação de pregar alguma mensagem que não seja aquela das Escrituras — um sistema político (seja direitista, seja esquerdista), uma teoria de ciências econômicas, uma nova filosofia religiosa, divisas religiosas antigas, uma tendência na psicologia. Um pregador pode proclamar qualquer coisa, com voz imponente, às 21:00 no domingo depois de os hinos terem sido cantados. Mesmo assim, quando um pregador deixa de pregar as Escrituras, perde sua autoridade. Já não confronta seus

ouvintes com uma palavra da parte de Deus, mas meramente com outra palavra, da parte dos homens. Logo, a maior parte da pregação moderna evoca pouco mais do que bocejos profundos. Deus não está nela.

Deus fala através da Bíblia. É a principal ferramenta de comunicação mediante a qual Se dirige aos indivíduos hoje. A pregação bíblica, portanto, não deve ser igualada com "a velha história de Cristo e Seu amor" como se recontasse uma história acerca de tempos melhores quando Deus estava com vida e passando bem. A pregação não é tampouco um prato requentado de idéias acerca de Deus — ortodoxas, sim — porém sem vida. Através da pregação das Escrituras, Deus Se encontra com homens e mulheres e os traz à salvação (2 Tm 3:15) e à riqueza e maturidade do caráter cristão (2 Tm 3:16-17). Alguma coisa que provoca reverente temor acontece quando Deus confronta um indivíduo através da pregação, e agarra-o pela alma.

O tipo de pregação que melhor transmite a força da autoridade divina é a pregação expositiva. Seria fátuo, porém, pressupor que todos concordam com esta declaração. Uma amostra de freqüentadores das igrejas que ficaram contorcidos por muitas horas, ouvindo pregação rotulada expositiva — mas seca como flocos de milho sem leite — não poderia concordar com ela, e nem seria de se esperar. Embora a maioria dos pregadores apoie a pregação expositiva, sua prática os desmascara. Visto que raras vezes a põem em prática, eles também votam "não".

Reconhecemos que a pregação expositiva tem sofrido severamente nos púlpitos de homens que alegam ser seus amigos. Nem toda a pregação expositiva, porém, é necessariamente qualificada como "expositiva" nem sequer como "pregação". Infelizmente, a Repartição de Pesos e Medidas (ABNT — Associação Brasileira de Normas Técnicas) não tem um sermão-padrão expositivo numa redoma de vidro, com o qual as demais mensagens devam ser comparadas. Qualquer fabricante pode colar o rótulo "expositivo" em qualquer sermão que queira, e nenhum Ralph Nader o corrigirá. A despeito dos danos feitos por impostores, a pregação expositiva genuína tem por detrás dela o poder do Deus vivo.

Qual pois, é o artigo genuíno? Em que se constitui a pregação expositiva? Como se compara ou contrasta com outros tipos de pregação?

A Definição da Pregação Expositiva

A definição é um negócio desajeitado porque ao definir algo, às vezes o destruímos. O menino dissecou uma rã para descobrir o que a levava a pular, mas ao aprender alguma coisa acerca das partes, destruiu sua vida. A pregação é um processo vivo que envolve Deus, o pregador, e a congregação, e nenhuma definição pode pretender captar essa dinâmica. Mesmo assim, devemos tentar uma definição aproveitável para a prática.

A pregação expositiva é a comunicação de um conceito bíblico, derivado de, e transmitido através de um estudo histórico, gramatical e literário de uma passagem no seu contexto, que o Espírito Santo primeiramente aplica à personalidade e experiência do pregador, e depois, através dele, aos seus ouvintes.

A Passagem Governa o Sermão

Quais são os pormenores desta definição complexa e algo seca que devemos ressaltar? Primeiro, e acima de tudo, o pensamento do escritor bíblico determina a substância de um sermão expositivo. Em muitos sermões, a passagem bíblica lida à congregação assemelha-se ao hino nacional tocado num jogo de futebol — dá início às atividades, mas

não é mais ouvido a tarde inteira. Na pregação expositiva, conforme a descrição de R. H. Montgomery, "o pregador empreende a apresentação de livros específicos (da Bíblia) como alguns homens abordariam o último *best seller*. O pregador procura levar ao seu povo a mensagem de unidades específicas da Palavra de Deus."

A pregação expositiva é, no seu âmago, mais uma filosofia do que um método. Se um homem pode ser chamado expositor ou não depende do seu propósito e da sua resposta à pergunta: "Você, como pregador, procura curvar seu pensamento às Escrituras, ou emprega as Escrituras para apoiar seu pensamento?" Esta não é a mesma pergunta que : "O que você prega é ortodoxo ou evangélico?" Nem sequer é a mesma que: "Você tem um alto conceito da Bíblia ou crê que ela é a infalível Palavra de Deus?" Por mais importantes que estas perguntas possam parecer noutras circunstâncias, uma nota de aprovação em teologia sistemática não qualifica um indivíduo como expositor da Bíblia. A teologia talvez nos proteja dos males que ficam de espreita nas interpretações atomísticas e míopes, mas, ao mesmo tempo, pode nos vendar para não vermos o texto. Na sua abordagem a uma passagem, o intérprete deve estar disposto a reexaminar suas convicções doutrinárias e a rejeitar as opiniões dos seus professores mais respeitados. Deve abandonar os seus modos anteriores de entender a Bíblia caso estes entrem em conflito com os conceitos do escritor bíblico.

Adotar esta atitude para com a Escritura exige simplicidade e sofisticação. De um lado, o expositor aborda sua Bíblia com uma atitude infantil para ouvir a história de novo. Não vem argumentar, nem comprovar um ponto de vista, nem sequer achar um sermão. Lê para entender e para experimentar o que entende. Ao mesmo tempo, sabe que vive, não como criança, mas sim, como adulto trancado nas pressuposições e numa cosmovisão que tornam difícil o entendimento. A Bíblia não é um livro de histórias para crianças, mas, sim, literatura grandiosa que requer uma resposta bem pensada. Todos seus diamantes não jazem expostos na superfície para serem colhidos como flores. Sua riqueza é extraída somente através de árduo trabalho preparatório intelectual e espiritual.

O Expositor Comunica um Conceito

A definição enfatiza que o expositor comunica um conceito. Alguns pregadores conservadores têm sido desencaminhados pela sua doutrina da inspiração e por uma compreensão inferior de como funciona a linguagem. Os teólogos ortodoxos insistem que o Espírito Santo protege as palavras individuais do texto original. As palavras são a matéria de que são feitas idéias, argumentam eles, e, a não ser que as palavras sejam inspiradas, a as idéias não podem ser preservadas do erro. Embora seja um princípio necessário da plataforma evangélica da autoridade bíblica, às vezes frustra a pregação expositiva. Embora o pregador examine palavras no texto e trate com palavras específicas na pregação, as palavras e frases nunca devem tornar-se finalidades em si mesmas. As palavras são coisas vazias até que venham a ser ligadas com outras palavras para transmitir significado. Em nossa abordagem à Bíblia, portanto, estamos primeiramente ocupados não com o significado das palavras individuais, mas, sim, com aquilo que o escritor bíblico quer dizer mediante seu emprego das palavras. Colocando este fato de outra forma, não entendemos os conceitos de uma passagem meramente porque analisamos suas palavras separadas. Uma análise gramatical, palavra por palavra, pode ser tão sem finalidade e enfadonha quanto a leitura de um dicionário. Se o expositor pretende entender a Bíblia e comunicar sua mensagem, deve fazê-lo no nível das idéias.

Francis A. Schaeffer, no seu livro *Verdadeira Espiritualidade* argumenta que a grande batalha pelos homens é travada no âmbito do pensamento:

> As idéias são o estoque do mundo do pensamento, e das idéias desabrocham todas as coisas externas; a pintura, a música, os edifícios, o amor e o ódio dos homens na prática, e igualmente os resultados de amar a Deus ou da rebelião contra Deus, no mundo externo. Onde o homem passará a eternidade depende de ele ler ou ouvir a verdade proposicional, os fatos do evangelho. . . ou de ele crer em Deus com base no conteúdo do evangelho, ou de ele chamar a Deus de mentiroso... A pregação do evangelho é idéia, idéias flamejantes trazidas aos homens, conforme Deus no-las revelou na Escritura. Não é uma experiência sem conteúdo, recebida internamente, mas, sim, idéias cheias de conteúdo internamente postas em prática que fazem diferença. Logo, quando declaramos nossas doutrinas, devem ser idéias, e não meramente frases. Não podemos empregar doutrinas como se fossem peças mecânicas de uma quebra-cabeça. A verdadeira doutrina é uma idéia revelada por Deus na Bíblia e uma idéia que se encaixa devidamente no mundo externo conforme ele é, e conforme Deus o criou, e no homem conforme ele é, conforme Deus o fez, e pode ser realimentado através do corpo do homem para dentro do seu mundo de pensamentos, sendo adotada ali a ação à altura. A batalha em prol do homem está centralizada no mundo do pensamento.[2]

O Conceito Advém do Texto

A ênfase sobre as idéias como sendo a substância da pregação expositiva não nega, de modo nenhum, a importância do vocabulário ou da gramática. A definição passa a explicar que, no sermão expositivo, a idéia é *derivada de, e transmitida através de um estudo histórico, gramatical e literário de uma passagem no seu contexto.* Trata, em primeiro lugar, de como o pregador chega à sua mensagem e, em segundo lugar, de como a comunica. As duas coisas envolvem o exame da gramática, da história, e das formas literárias. No seu escritório, o expositor procura o significado objetivo de uma passagem através de seu entendimento da linguagem, pano de fundo, e cenário do texto. Depois, no púlpito, apresenta à congregação parte suficiente do seu estudo para o ouvinte averiguar por si mesmo a interpretação.

Em última análise, a autoridade por detrás da pregação reside não no pregador mas, sim, no texto bíblico. Por esta razão, o expositor lida principalmente com uma explicação da Escritura, de tal maneira que focaliza na Bíblia a atenção do ouvinte. Um expositor pode ser respeitado por suas capacidades exegéticas e por seu preparo diligente, mas estas qualidades não o transformam em papa protestante que fala *ex cátedra*. Conforme escreveu Henry David Thoreau: "Leva duas pessoas para falar a verdade — uma para falar, e outra para escutar." Nenhuma verdade que vale a pena ser conhecida será adquirida sem uma luta; logo, se uma congreção crescer, terá que participar da luta. "Para haver grandes poetas, deve haver grandes auditórios", confessou Walt Whitman. A pregação expositiva eficiente exige ouvintes com ouvidos para ouvir. Visto que as almas deles dependem disto, o pregador deve oferecer aos seus ouvintes informações suficientes para decidirem se aquilo que estão ouvindo é aquilo que a Bíblia realmente diz.

Se as pessoas nos bancos da igreja devem esforçar-se para entender o pregador, ele mesmo deve labutar para entender os escritores da Bíblia. *Comunicação* significa "um encontro de significados", e para a comunicação ocorrer através de um auditório ou através dos séculos, as pessoas envolvidas devem compartilhar de coisas em comum — língua, cultura, uma cosmovisão, formas de comunicação. Um expositor aproxima sua cadeira para onde se assentavam os autores bíblicos. Procura ir trabalhando seu caminho

de volta para o mundo das Escrituras, para entender a mensagem. Embora não precise dominar todas as línguas, história e formas literárias dos escritores bíblicos, um expositor deve apreciar a contribuição de cada uma destas disciplinas. Pode tornar-se consciente do amplo sortimento de ajudas interpretativas que há à sua disposição para o uso no seu escritório. [3] Na medida do possível, o expositor procura um conhecimento em primeira mão dos escritores bíblicos e das suas idéias no seu contexto.

O Conceito é Aplicado ao Expositor

Nossa definição da pregação expositiva passa a dizer que a verdade deve ser aplicada *à personalidade e experiência do pregador.* Isto coloca no centro do processo o modo de Deus lidar com o pregador. Por mais que desejássemos que a situação fosse diferente, o pregador não pode ser separado da mensagem. Quem não ouviu algum irmão devoto orar no momento antes de um sermão: "Esconde nosso pastor atrás da cruz de modo que não o vejamos, mas somente Jesus." Recomendamos o espírito de semelhante oração. Não existe, porém, lugar algum onde um pregador possa esconder-se. Nem sequer um púlpito grande pode ocultá-lo de vista. Phillips Brooks descobriu alguma coisa quando descreveu a pregação como sendo "verdade derramada através da personalidade." O homem afeta a sua mensagem. Pode estar enunciando pela boca uma idéia bíblica, mas permanecer tão impessoal como uma gravação no telefone, tão superficial quanto um propaganda comercial no rádio, ou tão manipulatório como um vigarista. O auditório não ouve um sermão, ouve um homem.

O Bispo William A. Quayle tinha isto em mente quando rejeitava definições padronizadas da homilética. "A pregação é a arte de fazer um sermão e entregá-lo?" perguntou. "Mas não, isso não é pregação. A pregação é a arte de fazer um pregador e entregá-lo!" A pregação expositiva deve fazer do pregador um cristão maduro. À medida em que o expositor estuda sua Bíblia, o Espírito Santo estuda a ele. Quando um homem prepara sermões expositivos, Deus prepara o homem. Conforme disse P. T. Forsyth: "A Bíblia é o supremo pregador ao pregador."

As distinções que são feitas entre "estudar a Bíblia à procura de um sermão e estudar a Bíblia para alimentar sua própria alma," são enganosas e falsas. Um estudioso pode examinar a Bíblia como poesia hebraica ou como registro dos nascimentos e reinados de reis que morreram há muito tempo, e não ser confrontado por sua verdade. Nenhum desligamento deste tipo, porém, pode existir para alguém que abre a Bíblia como sendo a Palavra de Deus. Antes de alguém proclamar aos outros a mensagem da Bíblia, deve ele mesmo conviver com aquela mensagem.

Lastimavelmente, muitos pregadores fracassam como cristãos antes de fracassar como pregadores, porque não pensam biblicamente. Um número significante de ministros — dos quais muitos professam alta estima para as Escrituras — preparam seus sermões sem consultar a Bíblia de modo algum. Embora o texto sagrado sirva como aperitivo para colocar o sermão em andamento, o prato principal consiste no próprio pensamento do pregador ou no pensamento doutra pessoa, requentado para a ocasião.

Mesmo naquilo que é anunciado como "pregação expositiva", os versículos podem ficar sendo plataformas de lançamento para as opiniões do próprio pregador. Certa receita comum que se acha nos livros de receitas homiléticas diz algo mais ou menos assim: "escolher vários chavões teológicos ou morais, misturar com partes iguais de 'dedicação', 'evangelização' ou 'a Bíblia diz', acrescentar enquanto bate uma seleção de histórias, juntar 'salvação' a gosto. Servir quente com guarnição de versículos bíblicos." Tais ser-

mões não somente deixam uma congregação subnutrida; pior: deixam o pregador morrer de fome. Não cresce, porque o Espírito Santo não tem com que o nutrir. William Barclay fez o diagnóstico da causa da subnutrição espiritual na vida de um ministro quando escreveu: "Quanto mais um homem permite que sua mente se torne relaxada, preguiçosa e balofa, tanto menos o Espírito Santo pode dizer-lhe. A pregação verdadeira aparece quando o coração amoroso e a mente disciplinada estão colocados à disposição do Espírito Santo."[4] Em última análise, Deus está mais interessado em desenvolver mensageiros do que mensagens, e, visto que o Espírito Santo Se confronta com os homens principalmente através da Bíblia, o pregador deve aprender a escutar a Deus antes de falar em nome dEle.

O Conceito é Aplicado aos Ouvintes

O Espírito Santo, porém, não somente aplica Sua verdade à personalidade e à experiência do pregador; conforme nossa definição, passa então a aplicar aquela verdade *através dele, aos seus ouvintes.* Um expositor pensa em três áreas. Primeiramente, como *exegeta* fica a braços com os significados do escritor bíblico. Depois, como *homem de Deus* esforça-se para saber como Deus quer transformá-lo pessoalmente. Finalmente, como *pregador* medita sobre aquilo que Deus quer que ele diga à sua congregação.

A aplicação dá propósito à pregação expositiva. Como pastor, o expositor relaciona-se com as dores, gritos e temores do seu rebanho. É por isso que estuda as Escrituras, querendo saber o que dizem ao seu povo que está em grande aflição e culpa, dúvida e morte. Paulo relembrou a Timóteo que as Escrituras foram dadas para serem aplicadas. "Toda a Escritura é inspirada por Deus," escreveu, "e é útil para ensinar a fé e corrigir o erro, para orientar a vida do homem e treiná-lo a viver virtuosamente. As Escrituras são um vasto repositório de equipamentos, que preparam devidamente o crente para todos os ramos da sua atividade" (2 Tm 3:16-17 *Cartas às Igrejas Novas*).

A pregação expositiva enfadonha usualmente é deficiente em aplicações criativas. Os sermões enfadonhos evocam duas queixas principais. Em primeiro lugar, os ouvintes resmungam: "É sempre a mesma velharia." O pregador dá a todas as passagens a mesma aplicação, ou pior, aplicação nenhuma. "Que o Espírito Santo aplique esta verdade às nossas vidas," entoa um preletor que não tem o mínimo palpite de como o conteúdo do seu sermão transforma as pessoas. Uma segunda reação negativa reflete que o sermão não tem relacionamento com o mundo de modo suficientemente direto para ter utilidade prática: "Está tudo bem certo, acho eu; mas e daí? Que diferença faz?" Afinal das contas, se um homem ou uma mulher resolver viver sob a orientação das Escrituras, esta ação normalmente acontecerá fora do edifício da igreja. Lá fora, as pessoas perdem empregos, preocupam-se com seus filhos, e descobrem que a tiririca está invadindo seus gramados. É muito raro que pessoas normais percam sono por causa dos jebuseus, dos cananeus ou dos perizeus, ou mesmo por causa daquilo que Abraão, Moisés ou Paulo disseram ou fizeram. Ficam na cama acordadas com as preocupações a respeito dos preços na venda, da quebra das safras, de discussões com uma namorada, do diagnóstico de um tumor maligno, de uma vida sexual frustrada, da corrida dos ratos em que parece que somente os ratos vencem. Se o sermão não faz muita diferença naquele mundo, ficam pensando que talvez não faça diferença alguma.

Um pregador, portanto, deve esquecer-se de falar às eras, e falar para seus próprios dias. Um pregador expositivo confronta as pessoas no que diz respeito a elas mesmas, baseado na Bíblia, ao invés de lhes dar preleções, tiradas da Bíblia, acerca da história ou da arqueologia. Uma congregação se reúne como júri, não para condenar Judas, Pedro ou

Salomão, mas para julgar-se a si mesma. O expositor deve conhecer seu povo e não somente sua mensagem, e para adquirir esse conhecimento, faz exegese tanto da Escritura quanto da congregação. Afinal de contas, quando Deus fala, dirige-Se aos homens e mulheres tais quais são, e onde estão. Imaginemos que as cartas de Paulo aos Coríntios tivessem se desviado no correio, e que acabassem sendo entregues aos cristãos em Filipos Os filipenses teriam ficado perplexos acerca dos problemas específicos sobre os quais Paulo escreveu, pois eles viviam numa situação diferente do que seus irmãos em Corinto. As cartas do Novo Testamento, bem como as profecias do Antigo, foram endereçadas a grupos específicos que estavam a braços com seus problemas distintivos. Os sermões expositivos hoje serão ineficazes a não ser que o pregador reconheça que seus ouvintes, também, existem num endereço específico, e que têm uma mentalidade que lhes é única.

A aplicação eficaz lança um expositor para a teologia e para a ética. Passando da exegese para a aplicação, o homem faz uma viagem difícil através de perguntas relacionadas com a vida e que causam perplexidade. Além dos relacionamentos gramaticais, também explora relacionamentos pessoais e psicológicos. Como é que as personalidades no texto estão relacionadas entre si? Como se relacionam com Deus? Quais valores subjazem as escolhas que fazem? O que passava pelas mentes daqueles que estavam envolvidos? Estas perguntas não se dirigem ao "ali e então", como se Deus lidasse com os homens e as mulheres lá naquele tempo do "era uma vez." As mesmas perguntas podem ser feitas no "aqui e agora." Qual é o nosso mútuo relacionamento hoje em dia? Como é que Deus nos confronta com estas mesmas questões? De que maneira o mundo moderno se compara ou se contrasta com o mundo bíblico? As perguntas solucionadas na Escritura são as perguntas que os homens fazem hoje? Estão propostas da mesma maneira, ou de formas diferentes? Estas investigações ficam sendo a matéria-prima da ética e da teologia. A aplicação alinhavada num sermão expositivo, numa tentativa de torná-lo relevante, passa ao largo destas perguntas, e desconsidera a máxima dos nossos antepassados protestantes: "As doutrinas devem ser pregadas de modo prático, e os deveres doutrinariamente."

A aplicação inapropriada pode ser tão destrutiva quanto a exegese inepta. Quando Satanás tentou Jesus no deserto, procurou ganhar a vitória mediante a falsa aplicação da Escritura. O tentador sussurrou Salmo 91 com exatidão admirável: "Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos... para não tropeçares nalguma pedra" (vv. 11-12), Satanás passou a raciocinar: "Sendo que você possui esta promessa forte, por que não aplicá-la a um pulo do pináculo do templo e demonstrar de uma vez para sempre que você é o Filho de Deus?" Ao refutar o diabo, Jesus não debateu a gramática do texto hebraico. Ao invés disto, atacou a aplicação de Salmo 91 a pulos do templo. Outra passagem da Escritura se encaixa melhor naquela situação: "Não tentarás o Senhor teu Deus."

Devemos pregar a um mundo ao qual se dirige o novelista, o jornalista, e o teatrólogo. Senão, teremos ouvintes que são ortodoxos na sua cabeça, mas hereges na sua conduta. É claro que ao pregar a um mundo secular não devemos pregar uma palavra secular. Embora as idéias bíblicas devam ser adaptadas à experiência humana, os homens e as mulheres devem ser conclamados a conformar-se com a verdade bíblica. "Sermões relevantes" podem tornar-se ninharias de púlpito a não ser que demonstrem a relação entre a situação atual e a eterna Palavra de Deus.

F. B. Meyer entendia o reverente temor com que um pregador bíblico fala às questões difíceis dos seus tempos. "Está na linhagem de uma grande sucessão. Os reformadores, os puritanos, os pastores dos Pais Peregrinos eram essencialmente expositores. Não proclamavam sua próprias opiniões particulares, que talvez fossem questão de interpre-

tação particular ou de disposição duvidosa, mas, tomando posição na Escritura, faziam sua mensagem chegar ao alvo com efeito irresistível, com 'Assim diz o Senhor.' "[4]

1. *The Urgency of Preaching*, págs. 88-89. Note-se que as informações bibliográficas completas não são fornecidas nas notas de rodapé de livros incluídos na "Bibliografia Seletiva das Obras Citadas." Além disto, as informações bibliográficas dadas no texto não são repetidas nas notas de rodapé.
2. (Wheaton, Il.: Tyndale, 1971), págs. 121-22.
3. Algumas destas ajudas serão discutidas no capítulo 3.
4. *A Spiritual Autobiography* (Grand Rapids: Eerdmans, 1975).

Novos Conceitos

Pregação expositiva.

Definições

Pregação expositiva — a comunicação de um conceito bíblico, derivado de, e transmitido
através de um estudo
histórico,
gramatical
e literário de uma passagem no seu contexto,
que o Espírito Santo primeiramente aplica
à personalidade e experiência do pregador,
e depois, através dele, aos seus ouvintes.

Capítulo 2

Qual é a Grande Idéia?

Não aprecio a ópera; o que é pior, tenho vários amigos que apreciam. O convívio com eles me faz sentir que existo num deserto cultural, e já tomei várias medidas para alterar minha condição. Ocasionalmente, cheguei mesmo a ir à ópera. Como um pecador envergonhado ao freqüentar a igreja, fui caminhando para o teatro para deixar a cultura ter livre curso dentro em mim. Na maioria destas visitas, porém, voltei para casa indiferente àquilo que os artistas procuraram fazer.

Entendo suficiente acerca da ópera, naturalmente, para saber que uma história foi encenada, e que os atores cantaram seus papéis ao invés de falá-los. Usualmente, porém, o fio da meada da história permanece sendo tão vago para mim como a letra das canções italianas, mas os apaixonados da ópera me informam que o enredo é incidental ao espetáculo. Se alguém se desse o trabalho de perguntar como avalio a ópera, comentaria os cenários bem construídos, as vestes brilhantes, ou o peso da soprano. Não poderia emitir um juízo fidedigno quanto à interpretação da música ou até mesmo do impacto dramático do espetáculo. Quando volto da ópera com um programa amassado e um monte de impressões a esmo, realmente não sei como avaliar o que aconteceu.

Quando as pessoas freqüentam a igreja, talvez reajam ao pregador como um novato à ópera. Nunca foram informadas sobre aquilo que um sermão deve fazer. Comumente o ouvinte reage aos pontos altos de emoção. Gosta das histórias de interesse humano, anota uma frase cativante ou outra, e julga que o sermão é um sucesso se o pregador termina dentro do horário. Questões importantes, tais como o assunto do sermão, talvez lhe escapem completamente. Há muitos anos, Calvin Coolidge voltou para casa depois dos cultos certo domingo, e a esposa perguntou-lhe sobre o que o ministro falara. Coolidge respondeu: "O pecado." Quando a esposa insistiu em saber o que o pregador dissera acerca do pecado, Coolidge respondeu: "Acho que ele era contra." A verdade é que muitas pessoas nos bancos das igrejas não ganhariam uma nota muito mais alta do que Coolidge se fossem interrogadas acerca do conteúdo do sermão do domingo anterior. Para elas, os pregadores pregam acerca do pecado, da salvação, da oração ou do sofrimento — todos juntos ou um por vez em trinta e cinco minutos. A julgar pelo modo incompreensivo de os ouvintes falarem acerca de um sermão, é difícil acreditar que escutaram uma mensagem. Pelo contrário, as respostas indicam que saem de lá com uma cesta cheia de fragmentos mas nenhum senso adequado do conjunto.

Infelizmente, alguns entre nós aprendem a pregar conforme temos escutado. Os pregadores, como seus auditórios, podem conceber de sermões como coletânea de assuntos que têm pouco relacionamento entre si. Aqui, os manuais projetados para ajudar o preletor podem chegar a embaraçá-lo. As discussões acerca dos esboços usualmente enfatizam as posições dos alagarismos romanos e arábicos juntamente com as reentrâncas apropriadas, mas estes fatores, por importantes que sejam, talvez deixem desapercebido o óbvio —

um esboço é formado da idéia do sermão, e todas as partes devem ser relacionadas com a totalidade. Três ou quatro assuntos que não se relacionem com um assunto mais inclusivo não fazem uma mensagem: fazem três ou quatro sermãozinhos todos pregados de uma só vez. Reuel L. Howe escutou centenas de sermões gravados em fita, sustentou debates com leigos, e tirou a conclusão de que as pessoas nos bancos das igrejas "queixam-se quase unanimemente de que os sermões freqüentemente contêm um número demasiado de idéias."[1] Esta observação talvez não seja exata. Os sermões raramente fracassam porque têm idéias em demasia; mais freqüentemente fracassam porque lidam com idéias não relacionadas entre si.

A fragmentação apresenta um perigo especial para o pregador expositivo. Alguns sermões expositivos oferecem pouco mais do que comentários espalhados baseados em palavras e frases de uma passagem, sem fazer tentativa alguma para demonstrar como os vários pensamentos se encaixam. Logo de começo, o pregador pode captar a mente da congregação com alguma observação acerca da vida, ou, pior, pode atacar o texto diretamente sem pensamento algum acerca do presente. À medida em que o sermão continua, o pregador comenta sobre as palavras e frases na passagem com os subtemas e temas principais e palavras individuais, todos os quais recebem ênfase igual. Na conclusão, se houver, usualmente substitui a aplicação relevante por uma vaga exortação, visto que nenhuma verdade sequer emergiu para ele aplicar. Quando a congregação volta ao mundo, não recebeu nenhuma mensagem à luz da qual possa viver, pois não ocorreu ao pregador que devesse pregá-la.

Uma afirmação importante da nossa definição da pregação expositiva, portanto, sustenta que "a pregação expositiva é a comunicação de um conceito bíblico." É uma afirmação do óbvio. Um sermão deve ser uma bala e não chumbo grosso. Idealmente, cada sermão é a explicação, interpretação ou aplicação de uma única idéia dominante apoiada por outras idéias, todas tiradas de uma passagem ou várias passagens da Escritura.

A Importância de uma Idéia Única

Os estudantes dos discursos e pregações têm argumentado durante séculos que a comunicação eficaz exige um tema único. Os retóricos sustentam fão fortemente este conceito que virtualmente todo manual dedica algum espaço a um tratamento do princípio. A terminologia pode variar — a idéia central, a proposição, o tema, a declaração da tese, o pensamento principal — mas o conceito é o mesmo: um discurso eficiente "centraliza-se numa só coisa específica, numa idéia central."[2] Este pensamento é tão axiomático para a comunicação da fala que alguns autores, tais como Lester Thossen e A. Craig Baird, quase o tomam por garantido:

> Pouca coisa precisa ser dita aqui acerca da necessidade do tema central. Toma-se por certo que o discurso possui uma tese ou propósito claramente definido e facilmente determinado; que esta tese está desembaraçada de teses colaterais que interferem com a percepção clara da principal; e que o desenvolvimento é de tal caráter que preveja a emergência fácil e inconfundível da tese através do desdobrar do conteúdo do discurso.[3]

Os homiléticos juntam suas vozes para insistir que um sermão, como qualquer outro bom discurso, incorpora um conceito único que a tudo abrange. Donald G. Miller, num capítulo dedicado ao coração da pregação bíblica, fala claramente:

> ... qualquer sermão individual deve ter uma só idéia principal. Os pontos ou subdivisões devem ser partes deste único grande pensamento. Assim como bocados de

> qualquer determinado alimento são todos partes da totalidade, cortados em tamanhos apropriados para o paladar e a digestão, assim também os pontos principais de um sermão devem ser seções menores do único tema, quebrados em fragmentos minúsculos de tal maneira que a mente possa captá-los e a vida assimilá-los... Agora estamos prontos para declarar nos termos mais simples o tema principal deste capítulo. É este: *Todo sermão deve ter um tema, e esse tema deve ser o tema do trecho da Escritura sobre o qual é baseado.*[4]

Alan M. Stibbs, que participa de uma tradição diferente, acrescenta uma voz de apoio: o "pregador deve desenvolver seu tratamento expositivo do texto com relação a um único tema dominante..." [5] H. Grady Davis desenvolve seu livro *Design for Preaching* para apoiar a tese de que "um sermão bem preparado é a corporificação, o desenvolvimento, a declaração plena de um pensamento relevante."[6] Uma declaração clássica deste conceito nos chega de J. H. Jowet nas suas preleções de Yale sobre a pregação:

> Tenho uma convicção de que nenhum sermão está pronto para ser pregado, ou para ser escrito por extenso, até que possamos expressar seu tema numa frase curta e fecunda, clara como cristal. Acho que chegar a essa frase é a labuta mais pesada, mais exigente e mais frutífera no meu escritório. Compelir-se a formular aquela frase, a ir pensando até chegar a uma forma de palavras que define o tema com exatidão escrupulosa — este é, decerto, um dos fatores mais vitais e essenciais na produção de um sermão: e não penso que qualquer sermão deve ser pregado ou até mesmo escrito, até que essa frase surja, clara e lúcida como uma lua sem nuvens.[7]

Negligenciar o princípio de que uma idéia central e unificadora deva estar no âmago de um sermão eficiente é deixar de lado aquilo que os estudantes da pregação tem para nos dizer.[8]

Um novato pode rejeitar a importância de uma idéia cental como sendo manobra dos professores de homilética para forçar pregadores jovens dentro do molde deles. Deve ser notado, portanto, que este fato básico da comunicação também declara ter apoio bíblico firme. No Antigo Testamento, os sermões dos profetas são chamados "o peso do Senhor." Estas proclamações não eram algumas "observações apropriadas" proferidas porque esperava-se que o homem de Deus dissesse alguma coisa. Pelo contrário, o profeta dirigia-se aos seus compatriotas porque tinha algo para dizer. Pregava uma mensagem, completa e inteira, para persuadir seus ouvintes a voltarem para Deus. Como resultado, os sermões dos profetas possuíam forma bem como propósito. Cada um deles corporificava um único tema que se dirigia a um auditório específico para conseguir uma resposta específica.

No Novo Testamento, o historiador Lucas apresenta amostras da pregação que capacitava a igreja a penetrar no mundo antigo. Os sermões dos apóstolos eram, sem exceção, a proclamação de uma única idéia dirigida para um auditório específico. A conclusão de Donald R. Snukjian acerca da pregação de Paulo poderia ser aplicada igualmente aos sermões de todos os grandes pregadores em Atos: "Cada mensagem de Paulo centraliza-se em derredor de uma só idéia ou pensamento simples. Cada preleção se cristaliza numa única frase que expressa a soma e a substância do discurso inteiro. Tudo nos sermões ou leva para um tema unificante, ou desenvolve o mesmo, ou se segue dele."[9]

Deve ser notado que cada idéia recebe um tratamento diferente pelo pregador apostólico. Em Atos 2, por exemplo, no dia de Pentecoste Pedro ficou em pé diante de um

auditório antagônico e, para conseguir ser ouvido, pregou um sermão indutivo. Não declara sua idéia até à conclusão: "Esteja absolutamente certa, pois, toda casa de Israel de que este Jesus que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo" (Atos 2:36). Em Atos 13, do outro lado, Paulo emprega uma disposição dedutiva. Sua idéia principal consta no começo do sermão, e os assuntos que seguem a amplificam e apoiam. A declaração achada em v. 23 anuncia: "Da descendência deste, conforme a promessa, trouxe Deus a Israel o Salvador, que é Jesus." Em Atos 20, quando o apóstolo falava aos presbíteros de Éfeso, sua estrutura foi indutiva bem como dedutiva. Em primeiro lugar, Paulo traz da sua própria vida um exemplo de cuidado para com a igreja, depois adverte, em v. 28: "Atendei por vós e por todo o rebanho". Tendo declarado aquele pensamento central, Paulo passa a explicar e aplicar aquela idéia aos líderes assentados diante dele. Embora nem todos os sermões em Atos se desenvolvam do mesmo modo, cada um deles focaliza-se num só conceito central unificante.

Se pregamos de modo eficiente, devemos saber o que estamos fazendo. Sermões eficientes especializam-se em idéias bíblicas que são reunidas numa unidade que dê cobertura a todas elas. Tendo pensado os pensamentos de Deus depois dEle, o expositor comunica e aplica aqueles pensamentos aos seus ouvintes. Em dependência do Espírito Santo, visa confrontar, convencer, converter e consolar homens e mulheres através da pregação de conceitos bíblicos. Sabe que as pessoas moldam suas vidas e determinam seu destino eterno em resposta a idéias.

A Definição de uma Idéia

O que queremos dizer com uma idéia? Uma olhada no dicionário demonstra que definir uma idéia é como achar uma agulha num palheiro. Uma resposta completa nos enviaria para os campos amplos da filosofia, da lingüística e da gramática. O Dicionário Webster tem um alcance que percorre o caminho de "uma entidade transcendente que é um padrão real do qual as coisas existentes são representações imperfeitas" para "uma entidade (tal como um pensamento, conceito, sensação ou imagem) real ou potencialmente presente à consciência."

A própria palavra *idéia* veio para a língua portuguesa a partir da palavra grega *eidó,* que significa "ver" e, portanto, "saber." Uma idéia às vezes nos capacita a ver aquilo que anteriormente não era claro. Na vida de todos os dias, quando uma explicação fornece nova compreensão, exclamos; "Oh, vejo o que você quer dizer!" Ainda outro sinônimo para *idéia* é *conceito,* que vem do verbo "conceber." Assim como o esperma e o óvulo se juntam no útero para produzir vida nova, assim também uma idéia começa na mente quando as coisas que normalmente estão separadas juntam-se para formar uma unidade que ou não existia ou não era reconhecida anteriormente.

A capacidade para abstrair e sintetizar, ou seja, para pensar em termos de idéias, desenvolve-se com a maturidade. As crianças pequenas pensam em termos de pormenores. A criança que ora antes do café da manhã agradece a Deus pelo leite, pelos cereais, pelo suco de laranja, pelos ovos, pelo pão, e pela geléia, mas um adulto combina todos estes ítens separados na única palavra alimento. Uma idéia, portanto, pode ser considerada uma destilação da vida. Abstrai dos pormenores da vida aquilo que têm em comum, e os relaciona uns com os outros. Através das idéias, fazemos sentido das partes da nossa experiência.

Nem todas as idéias, naturalmente, são igualmente válidas; temos boas e más idéias. As idéias más oferecem explicações da experiência que não refletem a realidade. Atri-

buem à vida um significado que não existe. Muitas vezes aceitamos idéias inválidas porque não foram enunciadas com clareza e, portanto, não podem ser avaliadas. Em nossa cultura, que é influência pela comunicação em massa, somos bombardeados por conceitos ridículos que deliberadamente são formulados imprecisamente para agirmos em pensar Há alguns anos, os cigarros Marlboro foram lançados no mercado como cigarros para mulheres sofisticadas, mas Marlboro conquistou menos que um por cento das vendas totais. Pesquisas entre os consumidores revelaram, no entanto, que os homens fumam porque acreditam que assim ficam sendo mais masculinos, ao passo que as mulheres fumam porque pensam que assim ficam sendo mais atraentes aos homens. Como resultados desta descoberta, os propagandistas retiraram das mulhres a campanha deles e a aplicaram aos homens, e deram aos cigarros Marlboro uma imagem masculina. Vaqueiros robustos, marcados pelas intempéries, eram retratados fumando cigarros enquanto arrebanhavam o gado, e a frase com o tema convidava o consumidor a "vir para o mundo de Marlboro." Visto que a associação de cigarros com vaqueiros transmitia a idéia de que fumar cigarros Marlboro torna os homens másculos, as vendas subiram rapidamente, até quatrocentos por cento. A idéia, óbviamente, é um contra-senso. As evidências médicas nos advertem de que o mundo de Marlboro é um cemitério e que o homem Marlboro provavelmente sofre de câncer ou de doença nos pulmões. Mesmo assim, porque a idéia de que "fumar torna-o másculo" escorregou para dentro da mente sem ser claramente declarada, conseguiu ampla aceitação e deu um ímpeto dramático às vendas.

Este não é um incidente isolado. William Bryan Key, falando acerca da propaganda, fez esta declaração perturbadora acerca de uma doutrina da Madison Avenue (centro dos negócios de propaganda — N. Tr.): "Nenhuma crença ou atitude relevante sustentada por qualquer indivíduo é adotada, segundo parece, com base em fatos conscientemente percebidos." Se for esta uma afirmação fundamental por detrás da "palavra do patrocinador," não devemos ficar surpresos por causa de ser tão difícil achar veracidade na propaganda.

As idéias às vezes ficam de espreita no sub-solo da nossa mente como fantasmas que são difíceis de reprimir. Às vezes fazemos um grande esforço para dar expressão às idéias. "Sei o que quero dizer," dizemos, "mas não consigo mesmo expressá-lo em palavras." A despeito da dificuldade em exprimir os pensamentos em palavras, o pregador precisa fazê-lo. A menos que as idéias sejam expressadas em palavras, nã poderemos entender, avaliar ou comunicar as mesmas. Se o pregador não quer — ou não pode — pensar até chegar à clareza, de modo que diga o que pretende, nada tem para fazer no púlpito. É como um cantor que não sabe cantar, um ator que não sabe representar, um contador que não sabe somar.

A Formação de uma Idéia

Definir uma idéia com "exatidão escrupulosa" significa que devemos saber como são formadas as idéias. Uma idéia, quando é reduzida à sua estrutura básica, consiste em apenas dois elementos essenciais: um sujeito e um complemento. Os dois são necessários para uma idéia ser completa. Quando falamos acerca do sujeito de uma idéia, queremos dizer a resposta completa e definida à pergunta: "Acerca de que estou falando?" o termo *sujeito* aqui está sendo usado num sentido técnico. Por exemplo, o sujeito conforme é empregado na homilética não é idêntico ao sujeito na gramática. Um sujeito gramatical freqüentemente é uma palavra única. O sujeito de uma idéia de sermão nunca pode ser uma só palavra, visto que exige a resposta exata e completa à pergunta: "Acerca de que estou falando?" Embora palavras avulsas tais como *discipulado, testemunho, adoração,*

aflição, ou *amor* talvez possam disfarçar-se em sujeitos, são por demais vagas para serem viáveis.

Um sujeito não pode subsistir por si só. Por si mesmo é incompleto, e, portanto, precisa de um complemento. O complemento "define" o sujeito ao responder à pergunta: "O que estou dizendo quanto àquilo acerca de que estou falando?" Um sujeito sem complemento fica pendurado como uma frase sem conclusão. Complementos sem sujeitos se assemelham a peças automobilísticas não montadas num carro. Uma idéia emerge somente quando o complemento é ligado a um sujeito específico.

Um exemplo de um sujeito é *o teste do caráter de uma pessoa.* (Para ser totalmente exato, o sujeito é: *Qual é o teste do caráter de uma pessoa?)* Esta frase, porém, deve ser completada para ter significado. Se ela ficar sozinha, não saberemos qual é o teste do caráter. Vários complementos devem ser acrescentados a este sujeito para formar uma idéia. Aqui temos alguns:

O teste do caráter de uma pessoa é o que é necessário para fazê-la parar.

O teste do caráter de uma pessoa é o que ela faria se tivesse a certeza de que nunca ninguém ficaria sabendo.

O teste do caráter de uma pessoa é como o teste de um carvalho — quanta força tem nas raízes?

Cada novo complemento nos informa o que está sendo dito acerca do sujeito, e cada novo complemento forma uma idéia diferente. Cada idéia pode ser explicada, comprovada ou aplicada.

Um estudante da pregação deve procurar idéias quando lê um sermão ou prepara sermões dele mesmo. Davis ressalta que um principiante, especialmente, deve prestar atenção ao modo de serem formadas as idéias:

> Deve parar de perder-se nos pormenores e estudar a estrutura essencial dos sermões. Por enquanto, deve esquecer-se das frases, dos argumentos que são empregados, das citações, das histórias com interesse humano. Precisa recuar-se do sermão até uma distância a partir da qual possa ver seu formato como um todo. Obstinadamente precisa perguntar: "Acerca de que o homem realmente está falando, e quais são as coisas básicas que está dizendo acerca do seu assunto?" Isto quer dizer que ele deve aprender a distinguir entre a estrutura orgânica, de um lado, e seu desenvolvimento, do outro lado. É como começar com o esqueleto no estudo da anatomia.[10]

Achar o sujeito e o complemento não começa quando o pregador expositivo começa a construção de seu sermão. Procura o sujeito e o complemento quando estuda sua Bíblia. Visto que cada parágrafo, seção ou subseção da Escritura contém uma idéia, o exegeta não entende uma passagem até que possa declarar com exatidão seu sujeito e complemento. Embora outras perguntas surjam na luta para entender o significado de um escritor bíblico, estas duas — Sobre o que o autor está falando? e O que está dizendo quanto àquilo acerca de que está falando? — são fundamentais.

Exemplos da Formação de uma Idéia

Nalgumas passagens, o sujeito e o complemento podem ser descobertos com relativa facilidade, ao passo que noutras, determinar a idéia fica sendo o problema principal no estudo da Bíblia. O Salmo 117 oferece um exemplo de um pensamento sem complicação. O salmista conclama:

Louvai ao SENHOR, vós todos os gentios;
Louvai-o todos os povos!
Porque mui grande é a sua misericórdia,
E sua fidelidade subsiste para sempre.

Não entendemos o Salmo até que possamos declarar seu sujeito. Sobre que está falando o salmista? O sujeito não é *louvor*, que é assunto amplo e sem precisão. O salmista não nos conta tudo acerca do louvor. O sujeito nem sequer é *louvor a Deus*, que ainda é amplo demais. O sujeito precisa de mais limites. O sujeito exato é *por que todos devem louvar ao Senhor.* O que, pois, o salmista diz acerca disto? Há dois complementos para seu sujeito. o Senhor deve ser louvado em primeiro lugar porque sua misericórdia é grande e também porque Sua fidelidade é eterna. Neste breve salmo, o salmista declara sua idéia desguarnecida, despida de qualquer desenvolvimento, mas, mesmo no seu mero esqueleto, tem um sujeito específico e dois complementos.

Passagens mais longas, em que a idéia recebe desenvolvimento extensivo, podem ser mais difíceis de analisar à procura do sujeito e do complemento, mas o trabalho terá de ser feito. Em Hebreus 10:19-25 o autor aplica uma discussão prévia da obra sumo-sacerdotal de Jesus:

> Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne, e tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo os corações purificados de má consciência, e lavado o corpo com água pura. Guardemos firme a confissão da esperança, sem vacilar, pois quem fez a promessa é fiel. Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não abandonemos a nossa própria congregação, como é costume de alguns; antes, façamos admoestações, e tanto mais quanto vedes que o dia se aproxima.

Embora muitos pormenores nesta passagem exijam explicação, o estudante cuidadoso separará os galhos das árvores. Até que um sujeito surja, não é possível determinar o valor ou relevância de qualquer outra coisa que é dita. Um leitor casual talvez seja tentado a declarar que o sujeito é *o sumo sacerdócio de Jesus,* mas esse sujeito abrange demais. O autor de Hebreus não diz aos seus leitores tudo acerca da obra sumo sacerdotal de Cristo neste único parágrafo. Nem sequer está falando acerca da *intrepidez para entrar no Santo dos Santos,* que realmente é uma idéia secundária na passagem. Pelo contrário, a discussão estreita-se para *o que deve acontecer uma vez que podemos entrar com confiança na presença de Deus e temos um grande sumo sacerdote.* Esperamos, portanto, que os complementos deste sujeito sejam uma série de resultados, e realmente, há três. O primeiro: aproximemo-nos de Deus com a confiança que advém de um coração purificado; o segundo, guardemos firme a esperança que professamos, sem vacilar; e o terceiro: estimulemo-nos uns aos outros ao amor e às boas obras. Tudo mais no parágrafo desenvolve este sujeito com seus complementos.

Em cada uma destas passagens, determinamos o sujeito e seu(s) complemento(s) para descobrir a estrutura da idéia. A fim de pensarmos de modo claro devemos distinguir constantemente entre a estrutura da idéia e a maneira pela qual a idéia se desenvolve. O esforço para declarar a idéia de uma passagem ou de um sermão em palavras exatas pode ser frustrador e irritante, mas, no cômputo geral, é o emprego mais econômico do tempo. O que é mais importante, não se consegue nada sem fazê-lo. Você não entende o que está lendo a não ser que possa expressar claramente o sujeito e complemento da seção que está estudando. Aqueles que o ouvem não entendem o que você está dizendo a não ser que possam responder às perguntas básicas: Sobre o que o pregador está falando? O que

está dizendo acerca daquilo de que fala? Mesmo assim, domingo após domingo, homens e mulheres saem da igreja sem ser capazes de declarar a idéia básica do pregador, porque o próprio pregador não se deu o trabalho de declará-la. Quando as pessoas saem envoltas em bruma, correm o perigo de não saber o que fazer em relação à mensagem ouvida.

Pensar é difícil, mas consta como a obra essencial do pregador. Que não haja mal entendimento algum acerca da natureza da tarefa. Freqüentemente é lenta, desanimadora, assoberbante, mas quando Deus chama os homens para pregar, chama-os a amá-Lo com suas mentes. Deus merece esse tipo de amor, e assim também as pessoas às quais ministramos o merecem. Certa manhã fria e sombria, um pregador trabalhou com seu sermão desde o café da manhã até ao meio-dia, com pouca coisa para mostrar como resultado da sua labuta. Impaciente, largou sua caneta na mesa e olhou desconsolado pela janela, sentindo dó de si mesmo porque seu sermão estava custando para aparecer. Foi então que raiou na sua mente um pensamento que teve um efeito profundo sobre seu ministério a partir de então: seus irmãos cristãos dedicarão muito mais tempo a este sermão do que você. Virão de uma centena de lares. Viajarão mil quilômetros, no cômputo global, para estarem no culto. Passarão trezentas horas participando do culto e escutando o que você têm para dizer. Não se queixe das horas que está passando no preparo, nem da agonia que sente. O povo merece tudo quanto você pode lhe dar.

---

1. *Partners in Preaching: Clergy and Laity in Dialogue,* pág. 26.
2. William Norwood Brigance, *Speech: Its Techniques and Disciplines in a Free Society,* pág. 35. Ver também as discussões da idéia central em Donald C. Bryant e Karl R. Wallace, *Fundamentals of Public Speaking,* 3.ª edição, págs. 146-48; Milton Dickens, *Speech: Dynamic Communication,* págs. 58, 254-56, 267-71; Alma Johnson Sarett, Lew Sarett, e William Trufant Foster, *Basic Principles of Speech,* pág. 215.
3. *Speech Criticism: The Development of Standards for Rhetorical Appraisal,* pág. 393.
4. *The Way to Biblical Preaching,* págs. 53, 55. Grifos dele.
5. *Expoundjng God's Word: Some Principles and Methods,* pág. 40.
6. Pág. 20.
7. *The Preacher: His Life and Work,* pág. 133.
8. Por exemplo, ver Andrew W. Blackwood, *Expository Preaching for Today: Case Studies of Bible Passages,* pág. 95; John A. Broadus, *On the Preparation and Delivery of Sermons,* págs. 52-56; James W. Cox, *Guide to Biblical Preaching,* pág. 61; Faris D. Whitesell e Lloyd M. Perry, *Variety in Your Preaching,* pág. 75; John Wood, *The Preacher's Workshop: Preparation for Expository Preaching,* pág. 32.
9. "Patterns for Preaching: A Rhetorical Analysis of the Sermons of Paul in Acts 13, 17 and 20," pág. 176.
10. *Design for Preaching,* pág. 27.

Novos Conceitos

Idéia
Dois elementos essenciais na declaração de uma idéia:
sujeito
complemento

Definições

Complemento — a resposta à pergunta: O que, exatamente, estou dizendo acerca do que estou falando?

Idéia — uma distilação da vida que abstrai dos pormenores da experiência aquilo que têm em comum e os relaciona uns aos outros.

Sujeito — a resposta completa e específica à pergunta: Acerca de que estou falando?

Exercícios

Determine o sujeito e o complemento dos seguintes parágrafos:

1. Um bom sermão deixa você pensando como é que o pregador sabia tudo acerca de você.

Sujeito: .....

Complemento: .....

.....

2. O púlpito dos nossos dias perdeu sua autoridade porque tem desconsiderado, em grande média, a Bíblia como fonte da sua mensagem.

Sujeito: .....

Complemento: .....

.....

3. G. K. Chesterton disse, certa vez, que freqüentemente se supõe que quando as pessoas cessam de crer em Deus, não crêem em nada. Lamentavelmente, a situação é pior do que esta. Quando cessam de crer em Deus, acreditam em qualquer coisa.

Malcolm Muggeridge

Sujeito: .....

Complemento: .....

.....

4. Mais vale o bom nome do que as muitas riquezas; e o ser estimado é melhor do que a prata e o ouro.

Provérbios 22:1

Sujeito: .....

.....

Complemento: .....

.....

5. Louvai ao SENHOR, vós todos os gentios;
   Louvai-o todos os povos!
   Porque mui grande é a sua misericórdia,
   E sua fidelidade subsiste para sempre. SI 117

Sujeito: .....

Complemento: .....

.....

6. Todas as pessoas precisam das suas lembranças. Afastam da porta o lobo da insignificância.

Sujeito: .....

.....

Complemento: .....

.....

7. Não fale duramente a um homem mais velho do que você, mas aconselhe-o como faria com seu próprio pai; trate os homens mais jovens como irmãos, e as mulheres mais velhas como trataria sua própria mãe. Sempre trate as mulheres jovens com decoro, como se fossem suas irmãs. 1 Tm 5:1-2

Sujeito: .....

Complemento: .....

.....

8. Andar é o exercício que não precisa de ginásio. É a receita sem tomar remédio, o controle do peso sem dieta, o cosmético que não se acha em farmácia alguma. É o tranquilizante sem pílula, a terapia sem psicanalista, a fonte da juventude que não é lenda. Um passeio a pé é férias que não custam um centavo.

Sujeito: .....

Complemento: .....

.....

9. O recente interesse pela astrologia demonstrado pela nação norte-americana, que veio à atenção do público na década de 1960, ainda está bem vivo. A Federação Americana de Astrólogos duplicou sua membrezia nacional nos últimos cinco anos, para além de quatro mil, e seus mistérios, tão antigos quanto a Babilônia, até mesmo infiltraram um lugar tão "sério" quanto Washington, D.C. *New York Times*

Sujeito: .....

Complemento: .....

.....

10. Um novo livro, *Eating in America: A History* ("História da Comida na América do Norte"), tem um só observação para fazer acerca da Cozinha da Casa Branca: "...no momento em que escrevo, há um cozinheiro-chefe francês ali, que produz excelentes "milkshakes" e hamburgers duplos." Bem, nada há de errado com "milkshakes" e hamburgers de primeira categoria, e o cozinheiro-chefe é suiço, e não francês, mas o próprio fato de que um tomo de 512 páginas a respeito da história da cozinha americana só tem aquilo para dizer acerca da cozinha da Casa Branca reflete um triste aspecto: a reputação culinária da Casa Branca é realmente sombria.
Além disto, a reputação não é merecida, de modo geral. Na realidade, a Casa Branca tem tido um cozinheiro-mor esplêndido no decurso destes últimos doze anos, e faz uma exibição de alimentos de qualidade muito além do comum para os dignitários visitantes. Mesmo assim, persiste o mito de que os presidentes (excetuando-se Kennedy) deliberadamente oferecem aos seus hóspedes tais ítens corriqueiros como chili, cachorro quente, ou queijo fresco e ketchup. (Estes alimentos são produzidos na cozinha particular do presidente, no segundo andar, que não deve ser confundida com a cozinha do andar térreo que se usa para a hospedagem oficial). *Julia Childs*

Sujeito: .....

Complemento: .....

.....

(Respostas no Apêndice 1).

* N. E. Caso o leitor sinta dificuldades na execução destes exercícios, recomendamos o estudo do assunto na obra *Português Para Pregadores Evangélicos,* desta Editora.

Etapas no Desenvolvimento de Mensagens Expositivas

1. ***Selecionando a Passagem,*** pág. 38
2. ***Estudando a Passagem,*** pág. 40
3. ***Descobrindo a Idéia Exegética,*** pág. 45

Capítulo 3

Ferramentas do Ofício

É difícil pensar corretamente. É mais difícil pensar acerca do pensar. É dificílimo falar a respeito de pensar acerca do pensar. Mesmo assim, esta é a tarefa básica da homilética. Um homilético observa como trabalham os pregadores, e procura entrar dentro de suas mentes para descobrir o que acontece ali enquanto se preparam para pregar. Depois, deve explicar o processo com suficiente clareza para fazer sentido para o aluno. A tarefa chega às raias do impossível.

A quem um homilético deve estudar? Certamente não todo pregador. Há patetas no púlpito assim como há no campo de golfe, e para descobrir como fazer bem alguma coisa, usualmente estudamos aqueles que são eficazes naquilo que fazem. Mesmo assim, muitos homens famosos do púlpito que escrevem livros sobre "como eu o faço" revelam tantas variedades de procedimento quanto há autores. Talvez ainda mais desconcertante são os não-métodos supostamente empregados por alguns pregadores eficazes. Estes ministros que "falam com um coração cheio" ou que "compartilham" insistem em dizer que, embora tenham abandonado as regras, seus sermões continuam atingindo o alvo. Semelhante pregação deve ser levada em conta. Quanto às perícias profissionais, a construção do sermão classifica-se entre as mais inexatas quando é comparada com, digamos, cozinhar espagueti, remover um apêndice, ou pilotar um avião.

Como podemos avaliar o sortimento de abordagens ou explicar a eficácia aparente de sermões que não parecem ter por detrás deles método algum? Mais exatamente: cômo derivamos de tudo isto, procedimentos que outros podem seguir?

Primeiro, estamos ocupados com a pregação expositiva, e os ministros cuja pregação é moldada pela Bíblia possuem mais em comum do que os pregadores de modo geral. Além disto, os expositores que alegam que não seguem regra alguma usualmente não analisaram como estudam. Qualquer coisa que fazemos regularmente fica sendo nosso método, ainda que tenhamos chegado a ele de modo intuitivo, e poucos expositores eficazes são tão desprovidos de método quanto às vezes alegam. Além disto, para analisar como fazer bem alguma coisa, somos atraídos para aqueles que a fazem bem de modo consistente, e não para aqueles que a fazem bem de vez em quando, e isto por acaso. A exposição bíblica clara e relevante não ocorre domingo após domingo por intuição ou acidente. Os bons expositores têm sistemas para seu estudo.

Duas conclusões realmente surgem do fato de que os expositores procedem ao seu trabalho de modos diferentes: (1) pensar é um processo dinâmico, e (2) instrução pormenorizada acerca de como pensar pode, às vezes, ser um empecilho para o processo. O dano que a instrução pode fazer é refletido na história de um advogado e um médico que regularmente jogavam golfe juntos. Suas capacidades eram iguais, e desfrutavam de um senso agudo de rivalidade. Certa primavera o jogo do advogado melhorou tanto que o médico estava perdendo regularmente. As tentativas do médico para melhorar seu próprio

jogo eram mal sucedidas, mas depois ocorreu-lhe uma idéia. Numa livraria comprou três manuais sobre como jogar golfe, e enviou-os para o advogado de presente de aniversário. Dentro em breve, voltaram a estar equiparados.

A pregação bíblica eficaz requer compreensão, imaginação, e sensibilidade espiritual, e nenhuma destas coisas advém de meramente seguir direções. Quando uma discussão sobre o preparo de um sermão expositivo se assemelha às instruções para construir um canil, alguma coisa desandou. Edificar o sermão expositivo aproxima-se mais da edificação de catedrais do que martelar até produzir um abrigo para animais.

Até mesmo os contrutores de catedrais, porém, têm seu método de fazer as coisas. Embora seja necessária uma vida inteira com as Escrituras e com as pessoas para fazer exposição madura, o aprendiz precisa de ajuda específica para saber como começar. Saber como outros trabalham com a Bíblia pode ser uma ajuda benvinda. A este conselho, cada indivíduo deve contribuir com sua própria mente, espírito e experiência, e, a partir da prática repetida no trabalho extenuante de pensar, deve desenvolver seu próprio modo de operar. Mesmo assim, a consciência de como outras pessoas abordam a tarefa produz confiança e contribui para um emprego mais eficiente de tempo e energia.

No decurso da discussão de como desenvolver um sermão expositivo, portanto, devemos conservar em mente que, embora as etapas para o preparo sejam tratadas em seqüência, às vezes se misturam. Por exemplo, o momento lógico para preparar uma introdução chega quando ficou claro o desenvolvimento do sermão inteiro. Um pregador experimentado, porém, às vezes acha por acaso um idéia funcional para uma introdução logo cedo no seu preparo. Aceita-a sempre quando a pode conseguir, embora talvez espere até perto do fim da sua obra para adaptá-la ao seu sermão.

Quais são, pois, as etapas no preparo do sermão expositivo?

Etapa 1 Escolher a passagem a ser pregada.

Uma receita antiga de um prato com coelho começa assim: "Em primeiro lugar, caçar o coelho." Assim, o início é colocado no primeiro lugar. Sem o coelho, não há prato. As primeiras perguntas que confrontam o expositor são: Acerca de que falarei? De qual passagem da Escritura tirarei meu sermão?

Estas perguntas não precisam ser enfrentadas na terça-feira de manhã, seis dias antes de pregar o sermão. Um ministério consciencioso nas Escrituras depende do planejamento bem pensado para o ano inteiro. O expositor sábio poupará tempo para si mesmo ao investir tempo num calendário de pregação. Algum tempo antes de seu ano começar, forçar-se-á a resolver o que pregará domingo após domingo, culto após culto. Embora toda a escritura seja proveitosam nem toda a Escritura possui igual proveito para uma congregação num determinado tempo. A compreensão e a solicitude do pregador serão refletidas em quaisquer verdades bíblicas que oferece ao seu povo. No seu ministério, o expositor serve como construtor de pontes enquanto se esforça para ligar o abismo entre a Palavra de Deus e as preocupações dos homens e das mulheres. Para fazer assim, precisa estar tão familiarizado com as necessidades da sua igreja quanto com o conteúdo de sua Bíblia. Embora haja muitas maneiras de ele relacionar as Escrituras com as vidas do seu povo, nenhuma destas maneiras será mais importante do que escolher o que lhe ensinará no decurso do ano.

Unidades de Pensamento

Freqüentemente, irá avançar trabalhando, capítulo após capítulo, versículo por versículo, através de vários livros da Bíblia. Ao fazer seu calendário, lerá o conteúdo total dos livros várias vezes, e depois os dividirá em trechos que exporá nos sermões específicos. Ao fazer assim, deve selecionar as passagens segundo as divisões naturais, e não forçadas, da matéria. Não fará a contagem de dez ou doze versículos por sermão como se cada versículo pudesse ser manejado como pensamento separado. Ao invés disto pesquisará as idéias do escritor bíblico. Nas Epístolas do Novo Testamento, isto quer dizer que os textos serão selecionados segundo as divisões dos parágrafos, visto que os parágrafos delineiam os blocos de construção do pensamento. O expositor usualmente escolherá um ou mais destes parágrafos para expor, dependendo de como se relacionam entre si e, assim, com a idéia do autor.

É claro que nenhuma mão divina formou nossas divisões em parágrafos. Os títulos em nossas traduções refletem as decisões dos editores que procuram destacar mudanças do pensamento no original. Conseqüentemente, as divisões dos parágrafos em determinada tradução podem ser diferentes daquelas em outra tradução. Como regra geral, as traduções mais antigas tendem para parágrafos mais longos e pesados do que as traduções mais modernas, que enfatizam a facilidade de leitura e a atração visual. Até mesmo os textos grego e hebraico refletem variações editoriais nas divisões dos parágrafos. Mesmo assim, todos os esforços no sentido de dividir em parágrafos reconhecem os princípios centrais do desenvolvimento e transição do pensamento. O expositor diligente examinará a separação dos parágrafos tanto nos textos originais quanto nas traduções em português, selecionará as divisões da matéria que parecem ser de maior utilidade, e as empregará como base da sua exposição.

Se estiver trabalhando dentro de seções narrativas, porém, o expositor provavelmente tratará com uma unidade literária maior do que um ou dois parágrafos. Por exemplo, ao explorar um episódio tal como o adultério de Davi com Bate-Seba, o expositor violaria a história se fosse pregá-la um parágrafo por vez. Ao invés disto, provavelmente tiraria seu sermão da totalidade do capítulo 11 de 2 Samuel, e pelo menos de parte do capítulo 12, visto que tudo isto registra o pecado e suas conseqüências devastadoras.

Na literatura poética, tal como o salmo, um parágrafo é aproximadamente igual à estrofe de um poema. Embora o pregador talvez faça exposição de uma única estrofe, normalmente tratará do salmo inteiro. Ao selecionar passagens para o sermão expositivo, um princípio para seguir é este: Baseie o sermão nalguma unidade de pensamento bíblico.

A Duração do Sermão

Um segundo fator na escolha do assunto da pregação diz respeito ao tempo. O ministro deve pregar seu sermão dentro de um número limitado de minutos. Embora poucas congregações que recebem alimento bíblico, bem preparado e servido de modo atraente, ficarão assentadas diante do pastor com cronômetros na cabeça, o homem honesto não furtará tempo que não lhe é oferecido. O expositor deve fazer seu sermão sob medida para o tempo disponível, e os cortes devem ser feitos no escritório e não no púlpito.

Ainda que o ministro tenha disponíveis cinqüenta ou sessenta minutos para seu sermão, deve fazer escolhas. O pastor diligente raras vezes pode contar ao seu povo tudo quanto descobriu acerca de uma passagem, nem sequer deve tentar fazê-lo. Quer tenha trinta minutos quer uma hora, deve escolher o que incluir ou excluir num sermão específico. Por meio da experiência, o pregador sabe qual o tamanho de uma passagem que pode

explicar com pormenores. Sabe também quando tem de restringir-se a uma vista geral de uma passagem ao invés de uma análise detalhada. Deve considerar não somente as unidades do pensamento mas também o tempo alocado para tratar delas quando seleciona uma passagem para ser pregada.

Exposição Tópica

Embora muitos expositores vão sistematicamente passando por livros bíblicos inteiros, todos os pregadores, numa ou outra ocasião, devem pregar sobre tópicos. As festas tais como a Páscoa, as Ações de Graças, e o Natal requerem tratamento especial. Além disto, o pastor deve pregar sobre assuntos teológicos tais como a Trindade, a reconciliação, a inspiração e autoridade das Escrituras. Dirigirá a palavra a questões pessoais tais como a culpa, a aflição, a solidão, os ciúmes, o casamento e o divórcio. Na exposição tópica, o pregador começa com um assunto ou problema e depois procura a passagem ou passagens que dizem respeito ao mesmo. Ao lidar com uma doutrina bíblica, pode receber ajuda em achar matéria de uma concordância analítica ou de uma Bíblia de tópicos. Uma lista panorâmica de livros de teologia também providenciará orientação. Pregar sobre problemas pessoais, o que às vezes é chamado de pregação para a situação vivencial, talvez se revele mais difícil. Um expositor com conhecimento amplo da sua Bíblia terá consciência de passagens que destacam pessoas com problemas. Conhecerá a tentação de Adão, os ciúmes de Caim, a consciência de culpa de Jacó, e a depressão de Elias. Uma concordância freqüentemente oferece indícios que podem ser trabalhados. Além disto, livros que enfrentam questões difíceis morais e éticas do ponto de vista cristão não somente analisarão o problema como também sugerirão materiais bíblicos a serem considerados.

Depois de ter selecionado a passagem, no entanto, o expositor deve permitir que ela fale por si mesma. Com demasiada freqüência uma passagem não diz aquilo que esperávamos que dissesse. A exposição tópica enfrenta o perigo especial de que o pregador atribuirá alguma coisa a mais ao relato bíblico a fim de extrair dele um significado que não está ali. Pode ter recurso a "textos de prova" para doutrinas prediletas, mediante o desprezo total do contexto em que uma passagem se acha. Pode ser tentado a transformar um autor bíblico em psicólogo moderno ao insistir que diga no sermão aquilo que nunca disse na Bíblia. A exposição tópica difere do sermão tópico, portanto, em que o pensamento da Escritura deve moldar tudo quanto se diz ao definir e desenvolver o tópico.

Etapa 2 Estude sua passagem e colecione suas anotações.

O Contexto

Em primeiro lugar, o ministro deve referir qualquer passagem específica da Escritura ao livro do qual faz parte. Usualmente, exige-se que o livro seja lido várias vezes, freqüentemente em várias traduções. Até mesmo aqueles que têm perícia em hebraico ou grego acharão mais fácil delinear os desenvolvimentos gerais do pensamento de um autor ao lê-lo em português. Existem muitas versões, percorrendo a gama das traduções literais, palavra-por-palavra, como aquelas nos interlineares até as versões coloquiais que fazem uso da gíria ou do estilo de conversa informal. Diferentes traduções servem as necessi-

dades de diferentes leitores. O ministro pode obter uma impressão da nitidez e vitalidade do grego ou hebraico original ao ler vários tipos de traduções. Por exemplo, como Bíblia de estudo pode usar a RAB, que fica perto do original mas que soa dura e desajeitada ao ser lida em público. Para uma tradução que capta o equivalente dinâmico do original e que se concentra em idéias mais do que em meras palavras, pode ter recurso à BLH Bíblia na Linguagem de Hoje, à Bíblia Viva, ou à Bíblia de Jerusalém. Um texto que procura o meio do caminho entre a lealdade ao hebraico ou grego e uma delicada sensibilidade para com o estilo é a "New international Version". Com o emprego destas traduções e outras, o expositor pode entender o contexto geral da passagem.

Colocar a passagem dentro do seu arcabouço mais amplo simplesmente oferece à Bíblia a mesma oportunidade que damos ao autor de um livro de bolso. O que um escritor quer dizer num parágrafo ou capítulo específico pode ser basicamente determinado ao encaixá-lo no argumento mais amplo do livro. O estudante não precisa investigar sozinho Seções introdutórias dos comentários e introduções ao Antigo Testamento e ao Novo Testamento usualmente discutem por que um livro foi escrito, e fazem um esboço do seu conteúdo. Embora os comentaristas às vezes discordem entre si sobre estas questões, o expositor pode fazer uso das conclusões deles à medida em que lê a Escritura por si mesmo.

Não somente a passagem deve ser colocada dentro da unidade geral do livro, mas também deve ser relacionada com o contexto imediato. Mais indícios do significado advêm de um estudo do contexto em derredor do que de um exame de pormenores dentro de uma passagem. Para entendermos um parágrafo ou subseção devemos explicar como é desenvolvido a partir daquilo que o antecede, e qual o seu relacionamento com aquilo que o segue. Faria alguma diferença se esta passagem específica não estivesse ali? Qual propósito é estabelecido para esta passagem específica do livro? Para entender 1 Coríntios 13, por exemplo, devemos entender que faz parte de uma unidade maior que trata dos dons espirituais — capítulos 12 — 14. Estes capítulos devem ser apropriamente estudados juntos para interpretar o contraste entre o amor e os dons espirituais no capítulo 13.

Enquanto lê a passagem nas várias traduções, tenha uma caneta na mão. Escreva por extenso, tão exatamente quanto possível, os problemas que encontra no entendimento da passagem. Anote todos eles — force-se a declará-los. Se as diferentes traduções discordam entre si de modo relevante, anote este fato. Usualmente quer dizer que os tradutores vêem a passagem de pontos de vista diferentes. Procure declarar as diferenças. Talvez aquilo que o deixa confuso é um pano de fundo pouco conhecido ou figuras de linguagem que você não conhece bem. Fazer as perguntas certas é o passo essencial para achar as respostas.

Procure declarar de modo geral aquilo que, segundo você pensa, o escritor está querendo dizer — ou seja, seu sujeito — e quais asseverações importantes está fazendo acerca do seu sujeito — ou seja, seu complemento. Se você não puder declarar um sujeito a esta altura; por que não? O que precisa saber a fim de fazer isso?

Tendo colocado a passagem dentro do seu contexto, o exegeta deve passar agora a examinar seus pormenores: a estrutura, o vocabulário, e a gramática. A esta altura, algum conhecimento das línguas originais é de valor inestimável. Embora a mensagem da Escritura possa ser entendida em português, algum entendimento do hebraico ou do grego se assemelha a sintonizar um programa na televisão a cores. Tanto um aparelho preto e branco como um aparelho a cores obtêm a mesma imagem, mas a cor acrescenta uma vividez e exatidão que não são possíveis em preto e branco.[1] Um expositor não precisa ser um perito nas línguas para empregá-las com benefício, e quase qualquer pessoa pode empregar algumas das ferramentas lingüísticas disponíveis. A exatidão, sem falar da

integridade, exige que desenvolvamos toda perícia possível para nos guardar de declarar em nome de Deus aquilo que o Espírito Santo nunca teve a intenção de transmitir.

Dicionários

Pelo menos quatro ajudas diferentes estão disponíveis para ajudar o ministro enquanto examina os pormenores da sua passagem. Em primeiro lugar, mediante o emprego de um dicionário pode achar definições de uma palavra. As contribuições principais dos dicionários incluem, juntamente com a definição da palavra, a identificação dalgumas formas gramaticais, uma lista de passagens onde ocorre a palavra, a classificação dos seus usos em vários contextos, e algumas ilustrações que ajudam a dar detalhe realístico à palavra. Para o Antigo Testamento, *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament* por William Gesenius, Francis Brown, S.R. Driver e Charles A. Briggs permanece insuperável nos seus estudos etimológicos e na discussão de nuanças de palavras nos seus vários contextos. Embora compartilhe das limitações dos trabalhos eruditos produzidos no começo do século XX, contém um tesouro de matérias para desvendar o Antigo Testamento. Uma limitação técnica do dicionário para aqueles que não estão bem equipados no hebraico é que as palavras estão alistadas segundo suas raízes hebraicas. Este fato forna bem difícil a tarefa de achar certas palavras hebraicas. Um *Index to Brown, Driver & Briggs Hebrew Lexicon* compilado por Bruce Einspahr agora capacita o estudante a ter mais facilidade em pesquisar o dicionário. Alista por livro, capítulo e versículo toda palavra hebraica tratada no dicionário e a página e seção da página onde a palavra é discutida. Outro dicionário mais recente, embora de menor confiança, é o *Lexicon in Veteris Testamenti Libros* por Ludwing Koehler e Walter Baumgartner.

Para o Novo Testamento temos o *Dicionário do Grego do Novo Testamento,* por W. C. Taylor. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature por Walter Bauer, William F. Arndr, F. Wilbur Gingrich, e Frederick W. Danker é* insuperável. Um *Index to the Bauer-Arndt-Gingrich Greek Lexicon,* projetado para aqueles que têm pouca ou nenhuma base do Grego, foi compilado por John R. Alsop. Juntamente com este dicionário, o exegeta perceberá detalhes realísticos das palavras gregas através do exame feito por James Hope Moulton e George Milligan em *The Vocabulary of the Greek Testament Illustrated from the Papyri and Other Non-Literary Sources.* Para ter o domínio de como uma palavra era empregada no decurso do amplo alcance da literatura grega desde a era clássica até 600 d.C., o estudande deve apelar para *A Greek-English Lexicon* por Henry George Liddell e Robert Scott. Para um tratamento extenso das palavras e conceitos que se acham no Novo Testamento, os dez volumes do *Theological Dictionary of the New Testament* editado por Gerhard Kittel e Gerhard Friedrich oferecem discussão a partir de uma variedade de perspectivas teológicas. Falando pessoalmente, no entanto, acho que estes volumes prometem mais do que realmente oferecem a um expositor. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento* (Edições Vida Nova) editado por Colin Brown oferece boa parte das mesmas informações dadas por Kittel e Friedrich, mas numa forma muito mais própria para o uso. Seus artigos são claros e sucintos, e os não-especialistas também podem entender a obra.

Concordâncias

Embora os léxicos definam palavras, às vezes é essencial realmente estudar uma palavra na passagem onde foi falada ou escrita. Para determinar o significado das palavras

através do uso, é essencial uma concordância. Para o Antigo Testamento, a *Concordance on the Bible,* por Salomon Mandelkern é a melhor obra disponível, mas, por ser escrita em hebraico, aqueles que não têm capacidade na língua acham-na difícil para usar. Os estudantes que não sabem ler hebraico podem tirar benefício de *The Englishman's Hebrew and Chaldee Concordance of the Old Testament* editada por George V. Wigram. Embora a obra sejam um pouco incompleta, e vários estudos de palavras agora sejam inexatos ou enganosos, é a melhor concordância disponível para quem lê inglês.

Para o Novo Testamento, *A Concordance to the Greek Testament,* por W.F. Moulton e A. S. Geden não tem igual, e é especialmente útil com os tempos dos verbos. O texto é dado em Grego, no entanto, e aqueles que lêem inglês acharão mais fácil usar *The Englishman's Greek Concordance of the New Testament* por George V. Wigram. Embora as palavras gregas sejam alistadas como em Moulton e Geden, as citações são tiradas da Versão "King James" (ou Autorizada).

É óbvio que os autores do Novo Testamento eram homens da Bíblia, e que refletiam o pensamento vetero-testamentário mais do que o pensamento pagão no seu uso das palavras relevantes. Visto que estudavam a Septuaginta, a tradução grega das Escrituras em hebraico, o entendimento de como uma palavra era empregada na Septuaginta pode ser da máxima utilidade. Para estudar o significado teológico das palavras vetero-testamentárias empregadas no Novo Testamento, uma ajuda normativa é a *Concordance to the Septuagint* por Edwin Hatch e Henry A. Redpath. Infelizmente, comprar o volume é o preço do resgate de um príncipe.

Provavelmente a melhor concordância em inglês seja a *Analytical Concordance to the Bible,* por Robert Young. Relativamente pouco valor há em poder localizar ocorrências de palavras em inglês que porventura se usem numa tradução em inglês. Certamente, a concordância de Young capacita o leitor a localizar um versículo específico, mas também capacita o leitor em inglês a reconhecer as palavras diferentes hebraicas ou gregas traduzidas pela mesma palavra em inglês, ou a variedade de palavras em inglês que traduzem uma única palavra grega ou hebraica. Outra concordância que é muito usada é a *Exhaustive Concordance of the Bible,* por James Strong. Embora esta obra seja mais completa — toda palavra da Versão de "King James" é alistada — oferece menos assistência no estudo do uso das palavras hebraicas ou gregas. Há, em português, a *Concordância Bíblica,* editada pela Sociedade Bíblica do Brasil.

Gramáticas

O significado, porém, não vem somente das palavras por si. As palavras devem ser entendidas conforme seu uso nas frases, cláusulas e parágrafos. Um estudo da sintaxe examina como as palavras se combinam para produzir o significado, e as gramáticas nos ajudam nesse estudo. Não somente uma gramática oferece ajuda geral ao descrever como as palavras são formadas e juntadas em frases, como também aquelas que têm uma índice de passagens bíblicas freqüentemente oferecem discernimento de passagens específicas que estão sendo estudadas. A gramática padrão do Antigo Testamento é a tradução em inglês por A. E. Cowley da edição de E. Kautzsch da *Hebrew Grammar* de William Gesenius. As discussões nesta obra às vezes são detalhadas e complexas e, portanto, de difícil compreensão. Thomas O. Lambdin, na sua *Introduction to Biblical Hebrew* oferece ao novato um tratamento mais útil da língua hebraica. Em Português, temos a *Gramática Elementar da Língua Hebraica,* por Guilherme Kerr e *Noções de Hebraico Bíblico* (Edições Vida Nova).

Existe muito mais ajuda para o Novo Testamento. Provavelmente a gramática-padrão seja aquela que foi escrita por F.W. Blass, A. Debrunner e R.W. Funk, *A Greek Grammar of the New Testament.* Para uma gramática mais popular,os estudantes apelam a *A Manual Grammar of the Greek New Testament* por H. E. Dana e Julius R. Mantey. Tratamentos mais extensivos da sintaxe do Novo Testamento podem ser achados nos três volumes por James Hope Moulton, W. F. Howard e Nigel Turner, *A Grammar of New Testament Greek,* ou na obra de A. T. Robertson, *Grammar of the Greek New Testament in Light of Historical Research.* Robertson também escreveu um livro pequeno e prático, *The Minister and His Greek New Testament,* que inclui um capítulo sobre "Figuras em Preposições" que qualquer expositor lerá com proveito. Em Português, temos *Introdução ao Estudo do Novo Testamento Grego,* por William Carey Taylor, a *Pequena Gramática Exegética,* por H. Grennle e os textos programados produzidos pelo CEIBEL e SABE.

Estudos de Palavras

Os livros de estudo de palavras fornecem ao exegeta discernimento das palavras e da gramática. Por exemplo, A.T. Robertson nos serve muito bem com seus volumes sobre *Word Pictures in the New Testament,* e Richard Chenevix Trench nos oferece matéria útil em *Synonyms of the New Testament.* W. E. Vine também segue a origem de muitas palavras neotestamentárias nos seus contextos em seu *Expository Dictionary of New Testament Words.*

Dicionários Bíblicos

Muitas perguntas acerca do pano de fundo e da biografia, bem como de assuntos específicos,podem ser respondidas mediante o emprego de dicionários e enciclopédias bíblicas. Visto que as diferentes obras de referência revelam diferentes vantagens, um exame do mesmo assunto em várias enciclopédias e dicionários diferentes capacita o ministro a chegar ao equilíbrio e à integralidade. Mediante o uso das bibliografias que se acham no fim de cada artigo, o leitor pode seguir um tópico em profundidade ainda maior. J.D. Douglas fez uso dos serviços de 139 estudiosos evangélicos para editar *O Novo Dicionário da Bíblia* (Edições Vida Nova). W. F. Albright descreve-o como sendo "o melhor dicionário em um volume na língua inglesa." Fornece bibliografias úteis e revela fortaleza especial na história e arqueologia do Oriente Próximo. A coletânea em cinco volumes editada por George Arthur Buttrick e Keith Crim, *The Interpreter's Dictionary of the Bible,* fornece informações extensivas sobre muitos dos mesmos assuntos, do ponto de vista teologicamente liberal. *The International Standard Bible Encyclopaedia,* publicada originalmente em 1915 e editada por James Orr, está sendo publicada de novo, sendo Geoffrey W. Bromiley o editor. Estes volumes combinam a função de um dicionário com as apresentações mais amplas de uma enciclopédia. Merril C. Tenney é o editor da *Zondewan Pictorial Bible Encyclopedia,* em 5 volumes. Merill F. Unger editou um *Bible Dictionary* que muitos pastores têm achado de grande valor. Um volume que trata do povo, das cidades, da cultura e da literatura da Grécia clássica é *The Oxford Classical Dictionary* editado por N.G.L. Hammond e H.H. Scullard.

Comentários

Um professor nas Escrituras precisa de professores. Os comentários oferecem um fundo de informações acerca do significado de palavras, do pano de fundo das passagens,

e do argumento do escritor. Como regra geral, é um investimento menos proveitoso comprar uma série de comentários na sua inteireza. Uma aplicação mais sábia do dinheiro é selecionar volumes sobre livros individuais da Bíblia, tirados de várias coletâneas diferentes. Certamente é sábio consultar vários comentários sobre uma passagem, e avaliar aquilo que dizem, uns em comparação com os outros, para determinar o significado do autor bíblico. Várias bibliografias existem para orientar o expositor na sua seleção de uma biblioteca. Brevard S. Childs oferece conselho acerca da edificação de uma biblioteca para o Antigo Testamento na sua obra *Old Testament Books for Pastor And Teacher.* Frederick W. Danker dedica um capítulo de *Multipurpose Tools for Bible Study* à avaliação de coletâneas de comentários e comentários individuais sobre a Bíblia inteira. David M. Scholer também alista comentários sobre o Novo Testamento no capítulo 15 da sua obra *Basic Biographic Guide for New Testament Exegesis.* Um tratamento mais amplo que diz respeito à formação e organização de uma biblioteca é *The Minister's Library* por Cyril J. Barber. Livros neste volume são avaliados primeiramente com base no conservadorismo de sua teologia. Ainda outro recurso são as bibliografias inéditas que ajudam o exegeta a fazer o melhor investimento com seu orçamento para livros. Por exemplo, duas delas que podem ser obtidas do Seminário Teológico de Dallas são uma *Bibliography for Old Testament Exegesis and Exposition,* compilada por Kenneth L. Barker e Bruce K. Waltke editada por Roy B. Zuck, e uma *Bibliography for New Testament Exegesis and Exposition,* compilada por S. Lewis Johnson. Outro exemplo é *Essential Books for a Pastor's Library,* anotado pelo corpo docente do Seminário Teológico Union na Virgínia, EEUU, onde pode ser comprado. Em Português, temos o *Novo Comentário da Bíblia (Edições Vida Nova), a Série Cultura Bíblica* de comentários individuais (Edições Vida Nova), *Comentário Bíblico Moody* (I. Batista Regular), o *Novo Testamento Interpretado,* por R. Champlin (Milenium), entre outros.

Outras Ferramentas

Para os estudantes cuja base nas línguas é esparsa, ou cuja eficácia na exegese enferrujou por falta de uso, existe alguma ajuda para se colocar em andamento. Frederick W. Danker: *Multipurpose Tools for Bible Study* oferece uma discussão útil e de agradável leitura das ferramentas interpretativas disponíveis ao pastor, bem como conselhos práticos sobre como usá-las. John D. Grassmick preparou um manual de sala de aula para ser usado no curso básico de exegese e homilética ministrado no Seminário Teológico de Dallas. Sua obra *Principles and Practice of Greek Exegesis* orienta o estudante através de um procedimento passo a passo no estudo do livro de Colossenses. Qualquer expositor tirará proveito da exploração do tratamento que Robert A. Traina dá ao *Methodical Bible Study,* visto que o livro fica à altura do seu título em providenciar um modo de operação.

Muitos ministros usam um bloco de papel tamanho ofício para registrar os resultados do seu estudo. Para passagens que abrangem uns poucos versículos apenas, uma página, separada é dedicada a cada versículo. Para seções maiores, uma página pode ser usada para conservar o controle sobre a matéria que diz respeito a um parágrafo inteiro. Folhas separadas também podem ser usadas para notas sobre a idéia e seu desenvolvimento, ilustrações, e possíveis introduções e aplicações.

Ao estudar os pormenores da passagem e colocá-la no seu contexto, o expositor já está avançando para a etapa seguinte.

Etapa 3 Enquanto estudar a passagem, relacione as partes umas com as outras para determinar a idéia exegética e seu desenvolvimento.

A análise lingüística e gramatical nunca deve vir a ser uma finalidade em si mesma; pelo contrário, deve levar a uma compreensão mais clara da passagem como uma totalidade. O processo se assemelha a uma ampulheta que vai da síntese para a análise, e depois volta à síntese. Inicialmente, o exegeta lê a passagem e seu contexto em português para entender o que o autor quer dizer. Depois, através da análise, testa sua impressão inicial mediante um exame dos detalhes. Depois disto, faz uma declaração final do sujeito e complemento à luz daquele estudo.

No decurso da análise e síntese, portanto, você perguntará: "Sobre o que, exatamente, o escritor bíblico está falando?" Quando você tiver um sujeito possível, volte a ler a passagem e relacione o sujeito com os detalhes. O sujeito encaixa nas partes? É amplo demais? É estreito demais? Seu sujeito é uma descrição exata daquilo que a passagem está falando?

O Sujeito

A declaração inicial de um sujeito freqüentemente será ampla demais. Para estreitá-la, procure testar seu sujeito com uma série de perguntas definidoras. Um trecho de poesia popular nos diz quais são essas perguntas:

Tinha seis amigos fiéis,
Ensinaram-me tudo quanto sei,
Chamam-se Como e Que e Por que,
Onde e Quando e Quem.

A aplicação destas seis perguntas ao seu sujeito proposto ensinará você a ser mais exato. Como caso típico, podemos estudar Tiago 1:5-8: "Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente, e nada lhes impropera; e ser-lhe-á concedida. Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando; pois o que duvida é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento. Não suponha esse homem que alcançará do Senhor alguma coisa; homem de ânimo dobre, inconstante em todos os seus caminhos."

Uma resposta inicial a este parágrafo pode ser que Tiago está falando acerca da *sabedoria*. Embora a sabedoria apareça como elemento importante na passagem, é um sujeito amplo demais, porque Tiago não discute tudo acerca da sabedoria. Olhando a passagem mais de perto, descobrimos que está falando acerca de *como obter a sabedoria*, uma declaração mais exata do sujeito. A consciência do contexto imediato, no entanto, nos capacita a limitar ainda mais o sujeito. O parágrafo anterior, vv. 2-4, demonstra que a alegria é a resposta apropriada diante das provações, e o presente parágrafo continua aquela discussão. Logo, um sujeito mais completo para Tiago 1:5-8 seria *como obter a sabedoria em meio às provações*. Todos os pormenores no parágrafo, direta ou indiretamente, têm relacionamento com aquele sujeito. Quando um sujeito proposto descreve com exatidão aquilo que o autor está falando, ilumina os pormenores da passagem; e o sujeito, por sua vez, será iluminado pelos pormenores.

O Complemento

Tendo isolado o sujeito, você agora deve determinar o complemento, ou os complementos, que completam o sujeito e o transformam em idéia. Ao fazer assim, você deve

tomar consciência da estrutura da passagem e fazer distinção entre suas asseverações principais e as de apoio. Freqüentemente, o complemento se torna imediatamente óbvio uma vez que você tenha declarado o sujeito. Em Tiago 1:5-8 o complemento ao sujeito *como obter a sabedoria em meio às provações é peça-a a Deus com fé.* Uma declaração completa da idéia meramente liga o sujeito com o complemento: *A sabedoria em meio às provações é obtida ao pedi-la a Deus com fé.* Tudo mais no parágrafo apoia ou elabora essa idéia.

Nalgumas passagens, especialmente nas Epístolas, o escritor tece um argumento bastante complexo que pode ser analisado mediante uma diposição mecânica. Esta disposição desvenda o relacionamento entre as cláusulas dependentes e as cláusulas independentes. A diagramação, um método mais exigente para desemaranhar a estrutura, determina o relacionamento entre palavras individuais dentro das frases. Uma disposição mecânica ou um diagrama pode ser baseado no texto original ou numa tradução em português. Os dois métodos juntam a análise e a síntese de tal maneira que as asseverações principais da passagem fiquem separadas do seu apoio. Um exemplo da disposição mecânica pode ser achado no Apêndice 2.

Outras Formas Literárias

Embora as cartas no Novo Testamento façam uma contribuição fundamental à teologia cristã, constituem apenas uma das muitas formas literárias que se acham na Bíblia. Na realidade, uma grande maioria das pessoas nem sequer tem consciência de que as Escrituras contêm vários tipos de literatura, tais como: parábolas, poesia, provérbios, orações, discursos, alegorias, história, leis, contrato, biografia,drama, apocalíptica, e contos. Para entender qualquer um deles,devemos ter consciência do tipo de literatura que estamos lendo e das convenções que lhe são exclusivas. Não interpretamos poesias como o fazemos com contratos jurídicos. Uma parábola difere de modo significante de uma narrativa histórica ou de uma canção de amor. Quando estiver trabalhando com literatura narrativa, o expositor raras vezes terá que se ver a braços com um labirinto de relacionamentos gramaticais complexos, mas, ao invés disto, terá que derivar o que o autor quer dizer através do estudo global de muitos parágrafos. Uma série de perguntas diferentes deve ser feita quando se procura compreender uma história. Uma amostra daquelas perguntas poderia ser: Quais são as personagens na história, e por que o autor as incluiu? Há contraste entre as personagens? Como é que estas personagens se desenvolvem à medida em que a história se desdobra? Qual a contribuição do cenário à história? Qual estrutura mantém junta a história e fornece sua unidade? Como é que os episódios individuais se encaixam no arcabouço total? Quais conflitos se desenvolvem, e como são resolvidos? Por que o escritor se deu o trabalho de narrar a história? Que idéias subjazem a história, subentendidas mas não declaradas? Finalmente, essas idéias podem ser declaradas através de um sujeito e complemento?

Boa parte do Antigo Testamento é poética quanto à sua forma. Naquelas traduções bíblicas que imprimem a poesia como poesia e não como prosa, descobrimos que a poesia se revela como sendo a forma mais usada na literatura do Antigo Testamento. Até mesmo as seções que usualmente consideramos como sendo prosa (a história, a profecia, a literatura sapiencial) contêm grandes quantidades de poesia. Os poetas usualmente não contam histórias; pelo contrário, expressam sentimentos e reflexões acerca da vida e das suas perplexidades. Na literatura hebraica, comunicam através do paralelismo que repete, contrasta, ou acrescenta aos pensamentos anteriores, e empregam linguagem figurada

que talvez não seja exata e figuras de linguagem dão mais vida e força à fala, porque juntam o âmbito da experiência aos fatos. Quando um lavrador observa que "a terra precisa de chuva", está sendo exato quanto aos fatos, mas quando diz que "o solo está sedento pela chuva," está sendo leal aos fatos bem como aos sentimentos. Um poeta se especializa nas estruturas e na linguagem para acrescentar força e profundidade àquilo que está dizendo. Logo, a interpretação da poesia levanta sua própria coletânea de perguntas. Que significados há por detrás dos quadros e figuras de linguagem? Quais são os sentimentos que o poeta expressa através do seu uso da linguagem? Que elementos de forma e de estrutura o poeta emprega para disciplinar seu pensamento? Que seria perdido se a mesma verdade fosse apresentada em prosa?

Enquanto determina a idéia do escritor, você também desejará discernir como ele desenvolve esse pensamento na passagem. Seja exato no pensamento, e declare com cuidado os relacionamentos que vê dentro do texto, quer a Bíblia explicitamente os declare, ou não. À medida em que escreve, alterará a declaração da sua idéia exegética para se encaixar nas partes da passagem. Nunca force a passagem para adaptar-se à sua declaração da idéia.

A esta altura, como resultado do seu estudo, você deverá saber fazer duas coisas: em primeiro lugar, declarar a idéia da passagem numa única frase que combina seu sujeito e complemento; em segundo lugar, esboçar o desenvolvimento daquela idéia a partir da passagem.

Bibliografia

Alsop, John R. *Index to the Bauer-Arndt-Gingrich Greek Lexicon.* Grand Rapids: Zondervan, 1968.

Barber, Cyril J. *The Minister's Library.* Grand Rapids: Baker, 1974. Suplementos Periódicos, 1976.

Barker, Kenneth L., e Waltke, Bruce K. *Bibliography for Old Testament Exegesis And Exposition.* Editado por Roy B. Zuck, 3.ª ed. Dallas: Seminário Teológico de Dallas, 1975.

Bauer, Walter; Arndt, William F.; Gingrich, F. Wilbur; e Danker, Frederick W. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature.* 2.ª ed. Chicago: Universidade de Chicago, 1979.

Blass, F. W; Debrunner, A.; e Funk, R. W. *A Greek Grammar of the New Testament.* Chicago: Universidade de Chicago, 1961.

Bromiley, Geoffrey W., ed. *The International Standard Bible Encyclopedia.* Edição revista. 4 vols. Grand Rapids: Eerdmans, 1979.

Brown, Colin, ed. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento.* 4 vols. Edições Vida Nova, São Paulo.

Buttrick, George Arthur, e Crim, Keith, eds. *The Interpreter's Dictionary of the Bible:* An Illustrated Encyclopedia. 5 vols. Nashville: Abingdon, 1962-1976.

Childs, Brevard S. *Old Testament Books for Pastor and Teacher.* Filadélfia: Westminster, 1977.

Dana, H. E., e Mantey, Julius R. *A Manual Grammar of the Greek New Testament.* Nova York: Macmillan, 1927.

Danker, Frederick W. *Multipurpose Tools for Bible Study,* 3.ª ed. St. Louis: Concordia, 1970.

Douglas, J. D., ed. *O Novo Dicionário da Bíblia.* Edições Vida Nova, São Paulo.

Einspahr, Bruce, ed. *Index to Brown, Driver & Briggs Hebrew Lexicon.* Chicago: Moody, 1976.

Essential Books for a Pastor's Library. Richmond: Union Theological Seminary em Virgínia, 1976.

Gesenius, William; Brown, Francis; Driver, S. R.; e Briggs, Charles A. *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament.* Edição corrigida. Oxford: Clarendon, 1952.

Gesenius, William; Kautsch, E.; e Cowley, A. E. *Hebrew Grammar.* 2.ª ed. Oxford: Clarendon, 1910.

Grassmick, John D. *Principles and Practice of Greek Exegesis.* Dallas: Seminário Teológico de Dallas, 1974.

Hammond, N. G. L., e Scullard, H. H., eds. *The Oxford Classical Dictionary.* 2.ª ed. Oxford Clarendon, 1970.

Hatch, Edwin, e Redpath, Henry A. *A Concordance to the Septuagint and the Other Versions of the Old Testament (Including the Aprocryphal Books).* 2 vols. Nova York: International, 1954.

Johnson, S. Lewis. *Bibliography for New Testament Exegesis and Exposition.* Dallas: Seminário Teológico de Dallas, sem data.

Kittel, Gerhard, e Friedrich, Gerhard, eds. *Theological Dictionary of the New Testament.* Traduzido e editado por Geoffrey W. Bromiley. 10 vols. Grand Rapids: Eerdmans, 1964-1976.

Koehler, Ludwig, e Baumgartner, Walter, eds. *Lexicon in Veteris Testamenti Libros.* Leiden: Brill, 1958.

Lambdin, Thomas O., *Introduction to Biblical Hebrew.* Nova York: Scribner, 1971.

Liddell, Henry George, e Scott, Robert, eds. *A Greek-English Lexicon.* Editado por Henry Stuart Jones. 9.ª ed. Oxford: Clarendon, 1940.

Mandelkern, Salomon. *Concordance on the Bible.* Editada por Chaim Mordecai Brecher. 2 vols. Nova York: Shulsinger Brothers, 1955.

Moulton, James Hope; Howard, W. F.; e Turner, Nigel. *A Grammar of New Testament Greek.* 4 vols. Edimburgo: T. & T. Clark, 1906-1976.

Moulton, James Hope, e Milligan, George. *The Vocabulary of the Greek Testament Illustrated from the Papyri and Other Non-Literary Sources.* Londres: Hodder and Stoughton, 1930. Reimpresso. Grand Rapids: Eerdmans, 1976.

Moulton, W. F., e Geden, A. S. *A Concordance to the Greek Testament According to the texts of Westcott and Hort, Tischendorf and the English Revisers.* Revista por H. K. Moulton. 5.ª ed. Edimburgo: T. & T. Clark, 1978.

Orr, James, ed. *The International Standard Bible Encyclopedia.* 5 vols. Chicago: Howard Severance, 1930. Reimpresso. Grand Rapids: Eerdmans, 1952.

Robertson, A. T. *A Grammar of the Greek New Testament in Light of Historical Research.* 2.ª ed. Nashville: Broadman, 1934.

. *The Minister and His Greek New Testament.* Nova York: George H. Doran, 1923. Reimpresso. Grand Rapids: Baker, 1977.

. *Word Pictures in the New Testament.* 6 vols. Nova York: R. R. Smith, 1930-1933. Reimpresso. Nashville: Broadman, 1943.

Scholer, David M. *A Basic Bibliographic Guide for New Testament Exegesis.* 2.ª ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1973.

Strong, James. *The Exhaustive Concordance of The Bible.* Nova York: Hunt & Eaton, 1890. Reimpresso. Nova York: Abingdon, 1961.

Traina, Robert A. *Methodical Bible Study: A New Approach to Hermeneutics.* Ridgefield Park (?), N. J.: Robert A. Traina, 1952.

Trench, Richard Chenevix. *Synonyms of the New Testament.* 9.ª ed. Londres: Macmillan, 1880. Reimpresso. Grand Rapids: Eerdmans, 1948.

Unger, Merril F. *Unger's Bible Dictionary.* 3.ª ed. Chicago: Moody 1963.

Vine, W. E. *Expository Dictionary of New Testament Words.* Westwood, N. J.: Revell, 1956.

Wigram, George V., ed. *The Englishman's Greek Concordance of the New Testament.* 9.ª ed. Londres: Bagster, 1903. Reimpresso. Grand Rapids: Zondervan, 1970.

_____, ed. *The Englishman's Hebrew and Chaldee Concordance of the Old Testament.* 5.ª ed. Londres: Bagster, 1890. Reimpresso. Grande Rapids: Zondervan, 1972.

Young, Robert. *Analytical Concordance to the Bible.* 22.ª ed. Grand Rapids: Eerdmans, 1955.

---

1. Agradeço por esta analogia a Harold W. Hoehner, catedrático de literatura e exegese do Novo Testamento no Seminário Teológico de Dallas.

2. Para uma discussão mais detalhada das formas literárias na Bíblia, ver Leland Ryken, *The Literature of the Bible* (Grand Rapids: Zondervan, 1974); e idem, "Good Reading in the Good Book," *Christianity Today,* 17 de janeiro de 1975, págs. 4-7.

Novos Conceitos

Contexto
Léxico
Concordância
Dicionário e enciclopédia bíblicos
Disposição mecânica
Diagramação
Paráfrase da passagem

Definições

Dicionário e enciclopédia bíblicos — contêm artigos sobre uma ampla variedade de assuntos bíblicos, inclusive o fundo histórico dos livros bíblicos e as biografias das personagens bíblicas.

Concordância — ajuda a determinar o significado das palavras através do seu uso.

Contexto - o arcabouço mais amplo no qual uma passagem ocorre. Pode ser tão estreito como um parágrafo ou capítulo, mas em última análise inclui o argumento maior do livro.

Diagramação - demonstra o relacionamento entre as palavras individuais dentro das sentenças bem como o relacionamento entre as cláusulas.

Léxico - fornece definições, significado de raízes, identificação dalgumas formas gramaticais, uma lista de passagens nas quais ocorre uma palavra, as classificações do uso de uma palavra nos seus vários contextos, e algumas ilustrações que ajudam a dar detalhe realístico a uma palavra.

Disposição mecânica — demonstra o relacionamento entre as cláusulas dependentes e independentes num parágrafo.

Paráfrase de uma passagem —declara a progressão de idéias em linguagem contemporânea.

Etapas no Desenvolvimento de Mensagens Expositivas

1. Selecionando a Passagem
2. Estudando a Passagem
3. Descobrindo a Idéia Exegética
4. *Analisando a Idéia Exegética,* pág. 54.
5. *Formulando a Idéia Homilética,* pág. 64.

Capítulo 4

O Caminho do Texto para o Sermão

Os sermões expositivos consistem em idéias tiradas das Escrituras e relacionadas com a vida. Para pregar de modo eficiente, portanto, o expositor deve estar envolvido em três mundos diferentes.

No seu escritório reúne conhecimentos acerca da Bíblia. Visto que Deus escolheu revelar-Se dentro da história a nações que podem ser localizadas num mapa, através de línguas que são descritas em gramáticas, e em culturas tão desenvolvidas quanto a nossa, o exegeta deve entender o que a revelação de Deus significa para os homens e mulheres aos quais originalmente foi dada.

O expositor deve também ter consciência das correntes que vão redemoinhando através dos seus próprios dias, pois cada geração se desenvolve a partir da sua própria história e cultura e fala sua própria língua. Um ministro pode ficar em pé diante de uma congregação e pregar sermões exegeticamente exatos, eruditos e organizados, mas mortos e sem poder porque desconsideram os problemas que torcem as vidas dos seus ouvintes, e as perguntas destes. Tais sermões, pronunciados com voz de cristal, e que empregam uma linguagem em código que nunca é ouvida na praça, mexem superficialmente com grandes conceitos bíblicos, mas o auditório fica sentindo que Deus pertencia a tempos idos e a lugares longínquos. Os expositores não somente devem fazer as perguntas que nossos pais faziam; devem ficar a braços com as perguntas que nossos filhos fazem. Os homens ou mulheres que falam eficientemente em prol de Deus devem primeiramente lutar com as questões da sua era, e então falar aquelas questões tendo por base a verdade eterna de Deus.

Uma terceira esfera em que o pregador deve participar é seu próprio mundo específico. A igreja tem um CEP, e fica perto da Rua Tal e a Avenida Central, nalguma cidade dalgum Estado. As profundas questões difíceis da Bíblia, e as questões éticas e filosóficas dos nossos tempos assumem formatos diferentes em aldeias rurais, comunidades da classe média, ou nos guetos das cidades super-populadas. Em última análise, o pregador não se dirige à totalidade da humanidade; fala a um povo específico e o chama pelo nome. O dom de "pastor-mestre" subentende que as duas funções devam ser ligadas, senão pode apresentar uma exposição irrelevante que refletirá negativamente contra Deus. Conforme a expressão de certo freqüentador desnorteado: "O problema é que Deus é como o pastor: não o vemos durante a semana, e não o entendemos aos domingos." J. M. Reu estava bem no alvo quando escreveu: "A pregação é fundamentalmente uma parte do cuidado das almas, e o cuidado das almas envolve uma compreensão total da congregação."[1] Um pastor competente conhece seu rebanho.

Durante as etapas a seguir, o pregador esforça-se para juntar o mundo antigo, o mundo moderno, e seu mundo específico no desenvolvimento do seu sermão. Os homens e mulheres modernos estão sujeitos a Deus em exatamente a mesma posição como seus

equivalentes na Bíblia, e escutam a Palavra de Deus que se dirige a eles agora. "Javé nosso Deus fez aliança conosco em Horebe." Esta afirmação é feita por um povo que recebe o Decálogo pela segunda vez e que vivia décadas depois de a Lei ter sido originalmente dada. Mesmo assim, declarou através de Moisés: "Javé nosso Deus fez aliança *conosco* em Horebe. Não foi com nossos pais que fez Javé esta aliança, e, sim, conosco, todos os que hoje aqui estamos vivos" (Dt 5: 2-3). A comunidade da fé, relembrando um evento que ocorrera num tempo distante e num lugar diferente, experimentou aquela história como uma realidade presente. A palavra de Deus falada no Sinai continuava a falar àquela nova geração e não somente a colocou em relacionamento com Deus, mas também definiu aquilo que Deus esperava da parte dela no seu relacionamento uns com os outros.

Expor as Escrituras de tal modo que o Deus contemporâneo nos confronte onde quer que vivamos requer que o pregador estude seu auditório e não somente sua Bíblia. Também significa que é mister fazer algumas perguntas muito práticas, e responder a elas, para descobrir como a idéia exegética e seu esboço podem ser expandidos em sermão. O expositor relaciona a Bíblia com a vida quando entra na fase seguinte do seu estudo.

Etapa 4 Submeta a idéia exgética a três perguntas de desenvolvimento.

O estudo exegético pode ficar na página como sucrilhos empapados numa tigela. O que pode ser feito para obter o "croc" e o "crac" da idéia, para torná-la em sermão vital e vivo? Para responder a essa pergunta prática o pregador deve ter consciência de como o pensamento se desenvolve.

Quando alguém faz uma observação declarativa, somente quatro coisas podem ser feitas para desenvolvê-la. Pode ser reformulada, explicada, comprovada, ou aplicada. Reconhecer este fato simples abre o caminho para o desenvolvimento do sermão.

Pelo emprego de uma reformulação, o autor ou preletor meramente declara uma idéia "noutras palavras" para esclarecê-la ou para impressionar com ela o ouvinte. A reformulação ocupa um lugar de destaque no paralelismo da poesia hebraica. "Cantarei a Javé enquanto eu viver," o salmista nos informa em Salmo 104:33; "Cantarei louvor ao meu Deus enquanto tiver existência" (ASV). O apóstolo Paulo, enfurecido pelos falsos mestres que substituem o evangelismo pelo legalismo, emprega a reformulação para enfatizar a condenação deles. "Mas, ainda que nós, ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema. Assim como já dissemos, e agora repito, se alguém vos prega evangelho que vá além daquele que recebestes, seja anátema" (Gl 1:8-9). Jeremias martela até ao fundo sua denúncia da Babilônia ao reformular o mesmo pensamento em pelo menos seis pormenores diferentes:

"A espada virá sobre os caldeus,
diz o SENHOR,
e sobre os moradores de Babilônia,
sobre os seus príncipes, sobre os seus sábios.
A espada virá sobre os gabarolas
e ficarão insensatos;
Virá sobre os valentes dela,
e ficarão aterrorizados.

A espada virá sobre os seus cavalos, e sobre os seus carros,
e sobre todo o misto de gente, que está no meio dela,
e este será como mulheres;
A espada virá sobre os tesouros dela,
e serão saqueados.
A espada virá sobre as águas,
e estas secarão;
Porque a terra é de imagens de escultura,
e os seus moradores enlouquecem por estas coisas horríveis."

Jr 50:35-38.

Embora a reformulação tome bastante espaço numa comunicação escrita — e especialmente oral, para um pregador que se esforça para expandir seu pensamento exegético num sermão, não é de importância primária como meio de desenvolvimento. Três outras formas de expansão, englobadas em três perguntas de desenvolvimento, revelam-se mais provocadoras. [2]

O que Quer Dizer Isto?

Uma das perguntas de desenvolvimento centraliza-se na explicação: *O que isto quer dizer?* Este conceito, ou partes dele, precisa de explicação? A pergunta pode visar vários alvos. Em primeiro lugar, quando se dirige para a Bíblia, pergunta: "O autor, na passagem a minha frente, está desenvolvendo seu pensamento primariamente através da explicação?" Quando Paulo escreveu para seus amigos em Corinto, explicou como a diversidade de dons outorgados aos membros deve trabalhar a favor da união na congregação, e não contra ela. Resume sua idéia em I Conríntios 12:11-12: "Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente. Porque, assim como o corpo é um, e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo." Nos versículos em derredor desta declaração, Paulo explica o conceito, ou por analisá-lo em pormenores, como na enumeração dos dons espirituais, ou por ilustrá-lo mediante o exemplo do corpo humano. Com aquela analogia explica que uma igreja, como um corpo, consiste em muitas partes diferentes, mas cada uma delas contribui para a vida e benefício de todos. O pregador que trata desta seção da Epístola aos Coríntios deve ter consciência de que Paulo expande seu pensamento primariamente através da explicação, e que a explicação provavelmente será o impacto principal de um sermão tirado desta passagem.

Em segundo lugar, a pergunta de desenvolvimento: "O que quer dizer isto?" também pode sondar o auditório. Assume várias formas. Se eu meramente declarasse minha idéia exegética, meu auditório responderia: "O que quer dizer com isto?" Há elementos na passagem que o escritor bíblico toma por certos, mas que requerem uma explicação para meu auditório? Quando Paulo aconselhou os coríntios em I Coríntios 8 acerca da carne oferecida aos ídolos, a idolatria e os sacrifícios eram tão familiares aos leitores dele como os "shopping centers" o são para os auditórios modernos. Do outro lado, as pessoas hoje estão tão desnorteadas acerca das práticas da idolatria como um coríntio ficaria num supermercado. Logo, um expositor sensível reconhece que quando começa a falar acerca de "comida sacrificada a ídolos," deve oferecer algumas explicações. A passagem pode ser entendida erroneamente, ou, ainda mais danificante, aplicada erroneamente a não ser que seus ouvintes entendam o fundo histórico a partir do qual o problema desenvolveu-se. Devem entrar nas pretensões psicológicas, emocionais, e espirituais levadas por comer

carne que antes tinha sido oferecida em sacrifício a deuses pagãos. Como caso típico, quando Paulo fala do irmão fraco, não se refere a um indivíduo que é facilmente influenciado a pecar. Pelo contrário, tem em mente alguém que é demasiadamente escrupuloso e que não entende a teologia da idolatria a saber: "o ídolo de si mesmo nada é no mundo" mas, sim, apenas uma criação de imaginações supersticiosas. Nas igrejas modernas, muitos que se consideram "fortes" seriam, na mente de Paulo, "fracos." Num tratamento desta passagem, portanto, aquilo que Paulo tomava por certo com seus leitores requer explanações extensas hoje.

Em I Coríntios 12:13, o apóstolo observa: "Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito." Aqui, também, Paulo toma por certo aquilo que não podemos — que seus leitores entendem a obra batizadora do Espírito Santo. Uma referência ao "batismo no Espírito Santo" hoje leva alguns ouvintes a deslocar-se inquietos nos bancos da igreja e perguntar a si mesmos: "O que significa isso?" "Isso não é uma experiência importante para carismáticos, e não tem alguma coisa a ver com o falar em línguas?" "O que é que as pessoas na minha denominação pensam acerca disto?" O ministro não deve desconsiderar essas respostas. Pelo contrário, preve-las-á no seu preparo e dedicará tempo para explicar o batismo no Espírito Santo, embora Paulo não tenha feito assim.

Uma das batalhas principais da pregação é conseguir ser entendido. Napoleão tinha três ordens para seus mensageiros que são aplicáveis a qualquer comunicador: "Seja claro! Seja claro! Seja claro! A clareza não surge facilmente. Quando alguém é treinado para ser um expositor, provavelmente passará três ou quatro anos no seminário. Embora aquele treinamento o prepare para ser um teólogo, às vezes o estorva como comunicador. O jargão teológico, o pensamento abstrato, as questões religiosas ficam sendo parte da bagagem intelectual que impede os pregadores de falar claramente a homens e mulheres comuns. Se o pregador entrasse no hospital, no estúdio, na gráfica, no vestiário, ou na garagem local, para entender o que acontece ali teria de perguntar persistentemente: "O que você quer dizer?" Um perito noutras ocupações raras vezes precisaria fazer-se entendido para os que estão fora da sua profissão, mas os pregadores são diferentes. Para a religião, ninguém está por fora, e, na realidade, entender o que Deus está dizendo é uma questão de vida e morte. Logo, o expositor deve antever aquilo que seus ouvintes não sabem e explicá-lo a eles.

A pergunta de desenvolvimento "O que isto quer dizer?", portanto, lida não somente com a passagem mas também côm o povo. Imagine o expositor que alguma alma corajosa se levante no meio do sermão para indagar sobre o que está sendo dito, e ele tomará consciência das questões que devem ser explicadas à medida em que seu sermão é desenvolvido.

É Verdade?

Outra pergunta de desenvolvimento é centralizada na validade. Depois de entendermos — ou pensarmos que entendemos — o significado de uma declaração, freqüentemente perguntamos, *É verdade?* Posso realmente acreditar nisto? Exigimos provas. Um impulso inicial daqueles que levam a Bíblia a sério é não fazer caso desta idéia e tomar por certo que uma idéia deva ser aceita como verdadeira porque vem da Bíblia. A aceitaçãao psicológica raras vezes vem somente pela citação das Escrituras, deve também, ser conquistada através do raciocínio, das provas, e das ilustrações.

Até mesmo os escritores inspirados — embora fossem homens das Escrituras — estabelecem a validade não somente do Antigo Testamento mas também da vida comum. Quando Paulo quis comprovar à congregação de Corinto que tinha o direito de receber apoio financeiro pelo seu ministério, argumentou tanto a partir da experiência quanto da lei mosaica. Numa série de perguntas retóricas, expôs seu argumento:

> Ou somente eu e Barnabé não temos o direito de deixar de trabalhar? Quem jamais vai à guerra à sua própria custa? Quem planta a vinha e não come do seu fruto? Ou quem apascenta um rebanho e não se alimenta do leite do rebanho? Porventura falo isto como homem, ou não o diz também a lei? Porque na lei de Moisés está escrito: Não atarás a boca ao boi que debulha. Acaso é de bois que Deus se preocupa? ou é seguramente por nós que ele o diz? Certo que é por nós que está escrito; pois o que lavra, cumpre fazê-lo com esperança; o que debulha, faça-o na esperança de receber a parte que lhe é devida. Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito recolhermos de vós bens materiais? Se outros participam desse direito sobre vós, não o temos nós em maior medida? (I Co 9:6-12).

Paulo apela em primeiro lugar, a lógica da experiência. Afinal das contas, se soldados, vinhateiros, pastores de ovelhas, e agricultores recebem salário pelo seu trabalho, por que um apóstolo ou mestre não pode? Depois, Paulo arrazoou a partir de um princípio abrangente que se acha na lei, quando é proibido que o boi esteja amordaçado quando debulha o grão. O trabalhador — seja um animal ou um homem — deve ser recompensado pelo trabalho.

Ao empregar esta pergunta de desenvolvimento, portanto, o expositor deve notar como o escritor bíblico confirma aquilo que tem para dizer. Os apóstolos empregavam todos os meios legítimos que tinham disponíveis para obter o assentimento dos seus auditórios. Quando Pedro pregou seu sermão em Pentecoste, raciocinou da experiência bem como da Bíblia para comprovar que "A este Jesus que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo" (At 2:36). Os milagres de Jesus, a crucificação, a ressurreição, o túmulo de Davi, os fenômenos do Pentecoste: aqueles eventos passíveis de averiguação suportavam o peso do argumento de Pedro. Joel e Davi, honrados pelo auditório judaico como profetas inspirados, foram citados como testemunhas para interpretar o que o povo experimentou. Quando escreviam e quando pregavam, os apóstolos adaptavam-se aos seus leitores e ouvintes a fim de estabelecer a validade das suas idéias.

Quando Paulo se dirigiu aos intelectuais no Campo de Marte, discutiu a teologia natural — o fato da criação e suas implicações necessárias. Embora propusesse conceitos bíblicos, o apóstolo nunca citou o Antigo Testamento, pois a Bíblia nada significava ao seu auditório grego pagão. Pelo contrário, apoiava seus argumentos com referência aos ídolos e filósofos poetas deles, e ao tirar deduções da vida comum. Ao citar os poetas e filósofos gregos, é claro, Paulo não estava recomendando a filosofia ateniense aos filósofos atenienses. O Antigo Testamento era a autoridade para suas asseverações maiores e menores, conforma demonstram as referências à margem do texto grego de Nestle. Ao citar fontes pagãs, Paulo meramente aproveitou discernimentos consistentes com a revelação bíblica e mais facilmente aceites pelos seus ouvintes. [3]

Embora a competência requeira que um expositor entenda como o escritor bíblico estabelece validade, também requer que nos esforcemos para enfrentar a pergunta: "Isso é verdade? Posso realmente crer nisso?" à medida em que surge da parte dos nossos ouvintes. Essas perguntas apresentam-se freqüentemente. Numa geração passada, talvez, o pregador podia contar com um senso de culpa presente nas orlas do pensamento da congregação. Hoje, pode contar somente com uma atitude de questionar e dúvida. Nosso

sistema educacional contribui para este ceticismo crescente, como também contribuem as comunicações em massa. Os propagandistas criaram um auditório de céticos que dão de ombros diante de reivindicações dogmáticas e endossos entusiastas, quem quer que faça, como sendo nada mais do que propaganda do patrocinador.

O expositor, portanto, faz bem em adotar a atitude de que uma declaração não é verdadeira por estar na Bíblia; está na Bíblia porque é verdadeira. Escrever um parágrafo nas páginas de um livro encadernado em couro não o torna válido. Pelo contrário, a Bíblia declara a realidade conforme ela existe no universo que é como Deus o criou e como Ele o governa. Esperaríamos, portanto que as afirmações da Escritura sejam refletidas no mundo ao nosso redor. Não se quer dizer com isto que estabelecemos a verdade bíblica mediante o estudo da sociologia, da astronomia, ou da arqueologia, mas, sim, que os dados válidos destas ciências apoiam a verdade ensinada na Escritura.

Como o pregador lida com a pergunta de desenvolvimento: "Isso é verdade?" Imagine que você fosse declarar diante de uma congregação moderna a poderosa afirmação de Paulo: "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Rm 8:28). A maioria das pessoas recebe essa declaração com expressão de dúvida. "Isso é verdade? Podemos crer nisso" O que se diz da mãe que foi morta por um motorista fugitivo, e que deixou sós o marido e três filhos? E aqueles pais cristãos cujo filho de quatro anos de idade foi diagnosticado como sendo um caso de leucemia? Como é que isto é bom? O que há de "bom" quando um jovem missionário é afogado nas águas lamacentas de um rio na mata antes de ter testificado a um só indígena? Trabalhar com esta passagem e deixar de tratar de perguntas tão desconcertantes como estas é deixar totalmente de atingir o auditório.

Donald Grey Barnhouse lida com a questão da validade ao fazer exposição de João 14:12: "Fará também as obras que eu faço, e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai". Fez uso de uma analogia para estabelecer a validade da sua explicação:

> A bordo de um submarino dos Estados Unidos em águas inimigas do Pacífico, um marinheiro foi atingido por apendicite aguda. O cirurgião mais próximo estava a uma distância de milhares de quilômetros. O Imediato e farmacêutico Wheller Lipes observou a temperatura do marinheiro subir para 44 graus. Sua única esperança seria uma operação. Lipes disse: "Já observei médicos fazê-lo. Penso que eu também posso. O que você acha?" O marinheiro consentiu. No salão dos oficiais, mais ou menos do tamanho de uma saleta num trem de luxo, o paciente foi estendido numa mesa debaixo de um projetor luminoso. O imediato e os oficiais assistentes, vestindo paletós de pijama pelo avesso, mascararam seus rostos com gaze. Os tribulantes ficaram ao lado dos controles de mergulho para conservar equilibrada a embarcação; o cozinheiro ferveu água para a esterilização. Um coador de chá serviu de cone anti-séptico. Um bisturi com o cabo quebrado era o instrumento para a operação. Álcool drenado dos torpedos ficou sendo o antisséptico. Colheres de sobremesa dobradas serviam para manter abertos os músculos. Depois de fazer cortes pelas camadas de músculos, o imediato levou vinte minutos para achar o apêndice. Duas horas e meia mais tarde, foi costurado o último ponto de categute, exatamente quando se esgotou a última gota de éter. Treze dias mais tarde, o paciente estava de volta a seu serviço.
>
> Reconhece-se que esta foi uma proeza muito mais magnífica do que se tivesse sido realizada por cirurgiões treinados, numa sala de operações, plenamente equipada, de um hospital moderno. Estude esta analogia, e saberá o verdadeiro significado das palavras de Cristo: "Outras obras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai."

> Para Cristo, Deus perfeito, operar diretamente com uma alma perdida, a fim de vivificá-la e trazê-la da morte para a vida, é coisa grandiosa, mas quando faz a mesma coisa através de nós, é uma obra ainda maior. [4]

Cynddylan Jones esforça-se para conquistar a crença com uma única frase: "Seria tão fácil você cruzar o Atlântico com um barquinho de papel" declara ele, "como chegar ao céu por meio das suas próprias obras."

C. S. Lewis aborda a validade ao identificar-se com uma pergunta que pessoas perquiridoras fazem acerca do evangelho:

> Esta é outras coisa que me deixava perplexo. Não é horrivelmente injusto que esta vida nova seja confinada a pessoas que ouviram falar de Cristo e que conseguiram crer nEle? Mas a verdade é que Deus não nos contou Seus planos para as demais pessoas. Sabemos que ninguém poderá ser salvo senão através de Cristo; não sabemos que somente aqueles que O conhecem podem ser salvos através dEle. No ínterim, porém, se você estiver preocupado com as pessoas que estão fora, a coisa mais irracional que você pode fazer é você mesmo ficar fora. Os cristãos são o corpo de Cristo, o organismo através do qual Ele opera. Cada acréscimo àquele corpo O capacita a fazer mais. Se você quiser ajudar os que estão fora, deve acrescentar sua pequena célula ao corpo de Cristo, pois somente Ele pode ajudá-los. Amputar os dedos dalgum homem seria um modo estranho de levá-lo a fazer mais serviço.[5]

Quer você concorde plenamente com Lewis, quer não, ele levanta uma pergunta clássica, lida com ela, e a dirige de volta a quem fez a pergunta.

J. Wallace Hamilton, pregando sobre a providência de Deus, entende as perguntas sérias que subrrepticiosamente aparecem na superfície quando alguém nos diz que vivemos pela providência de Deus cada momento da nossa vida. Cita um poeta anônimo ao começar a lidar com as dúvidas:

> *"Oh, onde está o mar" clamavam os peixes,*
> *Nadando pelas águas do Atlântico;*
> *"Ouvimos falar do mar e da maré do oceano*
> *E queremos olhar suas águas azuis."*

> Em nosso redor há peixinhos procurando o mar; pessoas que vivem, se movimentam e têm sua existência num oceano de providência divina, mas que não enxergam o oceano por causa da água. Talvez seja porque o chamamos por outro nome. Os hebreus antigos, dos quais nos veio a Bíblia, eram um povo religioso. Pensavam segundo padrões religiosos, falavam em frases religiosas, viam em todos os eventos a atividade direta de Deus. Se chovia, fora Deus quem enviara a chuva. Quando as ceifas eram boas, Deus quem as multiplicava. Mas aquela não é nossa linguagem, nem o padrão do nosso pensamento. Pensamos em termos de lei — leis químicas e naturais. Quando chove, sabemos que é a condensação natural do vapor. Quando as ceifas eram boas, Deus quem as multiplicava. Mas essa não é nossa linguagem, nem nosso modo de pensar. Num mundo que não poderia existir por um momento sequer sem a atividade de Deus, condicionamos nossa mentes a um modo de pensar que não deixa lugar para Ele. Tantas das nossas necessidades são atendidas por forças que parecem naturais e impessoais que perdemos de vista o grande Provedor

> no meio da providência. Alguns de nós que fomos criados no campo e depois nos mudamos para a cidade nos lembramos quão fácil era perder o hábito das ações de graças à mesa, parcialmente porque a comida sobre ela veio, não diretamente da terra, mas, sim, do armazém. Um médico na cidade de Nova York disse: "Se você perguntar a uma criança de onde vem o leite, ela não pensará em dizer 'De uma vaca' Dirá 'De uma lata' "[6]

Meramente perguntar: "Isso é verdade? Eu e meus ouvintes acreditamos nisso?" não produz respostas instantâneas. Se, porém, deixarmos de nos haver com estas perguntas básicas, falaremos somente àqueles que já estão comprometidos. Pior, porque não estávamos dispostos a viver por um tempo nas costas curvas de um ponto de interrogação, podemos tornar-nos em mascates de uma mensagem na qual nós mesmos não acreditamos. A congregação tem o direito de esperar de nós que pelo menos tenhamos consciência do problema antes de oferecermos soluções. Que o expositor trabalhe sistematicamente através das idéias no esboço e trate honestamente com a pergunta: "Meu auditório aceitaria esta declaração como sendo verdadeira? Se não, porquê? Escreva as perguntas específicas que aparecerem, e, se possível, a direção dalgumas das respostas. Dentro em breve, descobrirá muita coisa que você e seus ouvintes terão que pensar à medida em que o sermão se desenvolve.

Que Diferença Faz?

A terceira pergunta de desenvolvimento diz respeito à aplicação. Embora seja essencial que o expositor explique a verdade de uma passagem, sua preleção não chegou ao fim até que tenha relacionado aquela passagem com a experiência dos seus ouvintes. Em última análise, o homem ou mulher no banco da igreja espera que o pregador responda à pergunta: "E daí? Que diferença faz?" Todos os cristãos têm a responsabilidade de responder a essa pergunta, visto que são chamados para viver fielmente para com Deus à luz da revelação bíblica. Mortimer J. Adler classifica livros como sendo ou teoréticos ou práticos. Um livro teorético pode ser entendido e depois guardado na prateleira. Um livro prático, no entanto, não somente deve ser lido, como também deve ser usado. Entendida assim, a Bíblia é um livro intensamente prático, pois foi escrita para ser obedecida e não apenas entendida.

Muitos homiléticos não têm dado à aplicação acurada a atenção que ela merece. Nenhum livro foi publicado com exclusiva, ou até mesma primária, dedicação aos problemas intricados levantados pela aplicação.[7] Como resultado, muitos membros das igrejas, tendo escutado sermões ortodoxos durante sua vida inteira, podem ser hereges na prática. Nossos credos afirmam as doutrinas centrais da fé e nos relembram daquilo que os cristãos devem crer. Infelizmente, nossos credos não podem nos informar como a crença nestas doutrinas deve levar-nos a agir. Este comportamento faz parte da responsabilidade do pregador, e ele deve dedicar-lhe atenção diligente.

A exegese acurada é básica para a aplicação perceptiva. Não podemos decidir o que uma passagem significa para nós a não ser que tenhamos determinado, em primeiro lugar, qual é o significado da passagem. Para fazer assim, devemos assentar-nos diante do escritor bíblico e procurar entender aquilo que quis transmitir aos seus leitores originais. Somente depois de compreendermos aquilo que quis dizer nas suas próprias condições e para seus próprios dias é que podemos esclarecer que diferença aquilo deve fazer na vida dos nossos dias.

A fim de aplicar uma passagem de modo exato, devemos definir a situação em que a revelação foi originalmente dada, e, depois, decidir o que o homem ou mulher moderno compartilha, ou não compartilha, com os ouvintes originais. Quanto mais estreito o relacionamento entre o homem moderno e o homem bíblico, tanto mais direta a aplicação. Quando Tiago escreve para os cristãos judaicos espalhados pelo mundo antigo: "Sabeis estas coisas, meus amados irmãos. Todo homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar. Porque a ira do homem não produz a justiça de Deus" (Tiago 1:19-20), esse conselho aplica-se a crentes de todas as eras e em todas as situações, visto que todos os cristãos ficam neste mesmíssimo relacionamento com Deus e Sua Palavra.

Quando a correspondência entre o século vinte e a passagem bíblica é menos direta, porém, a aplicação acurada torna-se mais difícil. O expositor deve dar atenção especial não somente àquilo que os homens e mulheres modernos têm em comum com aqueles que recebem a revelação original, mas também às diferenças que há entre eles. Por exemplo: as muitas exortações que Paulo fez aos escravos tinham aplicação direta aos escravos cristãos no século I e àqueles no decurso da história. Muitos dos princípios abordados a respeito do relacionamento entre o senhor e o escravo também podem reger os relacionamentos entre empregadores e empregados hoje em dia, mas desconsiderar o fato de que os empregados não são escravos dos seus empregadores levaria à aplicação grosseiramente falsa destas passagens. Por exemplo, denunciar a participação num sindicato de trabalhadores porque os escravos devem "obedecer" aos seus "senhores" (Ef 6:5) seria desatender à diferença entre empregados e escravos.

Aplicar textos de Atigo Testamento a auditórios contemporâneos multiplica os problemas. Na realidade, a falsa aplicação do Antigo Testamento tem tido uma história constrangedora. Certa abordagem insatisfatória consiste em empregar estas passagens como um teste Rorschach santificado. O intérprete alegoriza as histórias do Antigo Testamento para descobrir nelas significados ocultos, enterrados, não no texto, mas na sua própria mente. Outro método inadequado de manusear o Antigo Testamento emprega-o somente como exemplo ou ilustração da doutrina do Novo Testamento. Aqui, a autoridade para aquilo que é pregado advém nem da teologia do Antigo Testamento, nem da intenção do escritor vetero-testamentário, mas, sim, inteiramente da teologia do expositor, atribuída para o texto. Se o expositor fosse questionado acerca da sua interpretação ou aplicação, apelaria, não à passagem diante dele, mas, sim, a alguma passagem no Novo Testamento, ou à uma teologia que supõe que ele e o auditório compartilham em comum.

Como, pois, podemos proceder ao respondermos a terceira pergunta de desenvolvimento: "E daí? Que diferença faz?" Em primeiro lugar, a aplicação deve vir do propósito teológico do escritor bíblico. John Bright declara o argumento em prol de determinar a intenção do autor: ". . . o pregador precisa entender não somente aquilo que o texto diz, mas também aquelas preocupações que o levaram a ser dito, e dito daquela exata maneira. Suas labutas exegéticas não estão completas, portanto, até que tenha dominado a intenção teológica do texto. Antes de ter feito assim, não pode interpretar o texto, e pode dar-lhe uma interpretação errônea fora do comum ao atribuir às suas palavras uma intenção bem diferente daquela do seu autor."[8]

Não poderemos entender ou aplicar uma passagem individual, quer do Antigo Testamento, quer do Novo, até que tenhamos estudado seus contextos. Por exemplo, lançar-nos a uma análise de um parágrafo ou capítulo de Eclesiastes sem primeiramente obtermos uma apreciação do livro inteiro levaria a muitas idéias indignas e aplicaçõoes devastadoras para as pessoas dos nossos dias. Somente depois de dominar a passagem maior é que achamos os indícios para entender o significado das passagens menores e por que foram escritas.

Seguem-se algumas perguntas que nos ajudam a descobrir o propósito teológico do autor:

1. *Há no texto quaisquer indicações de propósito, comentários editoriais, ou declarações interpretativas feitas acerca dos eventos?* No Livro de Rute, por exemplo, a matéria em 4:11-21 fornece uma conclusão feliz para uma história com um começo sombrio, e afirma a graciosa orientação de Deus nas vidas das personagens envolvidas. Rute demonstra a providência de Deus, e o tema da orientação amorosa de Deus, focalizado na conclusão, é subentendido em todas as partes do livro — especialmente nas sete orações de bênção e no modo comum e corriqueiro de cada oração ser respondida. A operação de Deus é tecida na tapeçaria dos eventos de todos os dias de modo tão perito que, na primeira leitura, talvez nem sequer O percebamos na Sua atuação. É somente mediante reflexão que tomamos consciência de que estava continuamente agindo para satisfazer as necessidades e as esperanças de pessoas.[9]
2. *Julgamentos teológicos são feitos no texto? Comentários tais como: "Naqueles dias* não havia rei em Israel: cada qual fazia o que achava mais reto", feito duas vezes no livro dos juízes (17:6; 21:25), indicam por que estas narrativas sórdidas são registradas como parte da história de Israel. A narrativa do pecado de Davi com Bate-Seba e do seu assassinato de Urias foi de modo meramente fatual da pena do historiador até chegar a declaração em II Samuel 11:27: "Porém isto que Davi fizera, foi mal aos olhos do SENHOR."
3. As passagens narrativas da Bíblia oferecem dificuldades especiais. Além das perguntas normalmente levantadas, devemos perguntar: *Esta história é dada como exemplo ou advertência? Se for assim, de que maneira? Este incidente é uma regra ou uma exceção? Quais limitações devem ser postas sobre elas?*
4. *Qual mensagem foi pretendida para aqueles que originalmente receberam a revelação, e também para as gerações subseqüentes que, segundo o escritor sabia, a leriam?*
5. *Por que o Espírito Santo inclui nas Escrituras esta narrativa?*

Outras perguntas devem ser feitas para aplicar a Palavra de Deus a um auditório contemporâneo numa situação diferente daquela das pessoas às quais a revelação foi originalmente dada.

1. *Qual foi a situação ambiental de comunicação em que a Palavra de Deus originalmente veio? Que peculiaridades os homens e mulheres de hoje têm em comum com aquele auditório original?* Por exemplo, Deutoronômio foi falado por Moisés a uma nova geração ao outro lado do Rio Jordão. Os membros do seu auditório acreditavam em Javé e faziam parte de uma teocracia estabelecida pela aliança de Deus. Deus celebrara com eles um tratado que dispunha em detalhes as recompensas e os castigos pela sua obediência ou desobediência. Todos eles tinham saído do deserto com Moisés, e estavam antegozando a entrada na terra que Deus prometera a Abraão.

Os cristãos de hoje não podem ser diretamente identificados com aquela nação. Somos, porém, crentes em Javé, e somos, nesta era, o povo de Deus, escolhido mediante Sua graça para sermos testemunhas diante do mundo. Além disto, como eles, temos da parte de Deus uma revelação que Ele espera que obedeçamos.

2. *Como podemos identificar-nos com os homens e mulheres bíblicos enquanto escutavam a Palavra de Deus e correspondiam ou deixavam de corresponder — na situação deles?* Embora não possamos identificar-nos com os israelitas em realmente entrar na terra de Canaã, ou com Davi reinando como rei em Jerusalém, ou com a situação da vida de um hebreu debaixo da lei, temos participação da humanidade destes homens e mulheres. Podemos identificar-nos com suas reações intelectuais, emocionais, psicológicas e espirituais diante de Deus e do seu próximo.

Faríamos muito bem se nos lembrássemos da observação de J. Daniel Baumann: "Somos muito semelhantes às pessoas do mundo antigo. É somente nalguns pensamentos superficiais, crenças racionais, e disposições mentais que somos diferentes. Em todas as realidades básicas do coração somos iguais. Ficamos diante de Deus exatamente como pessoas de todas as eras ficaram diante dEle. Todos nós tivemos experiência da culpa de Davi, da dúvida de Tomé, da negação de Pedro, da apostasia de Demas, talvez até mesmo do beijo do traidor Judas. Estamos vinculados através dos séculos pelas realidades e ambigüidades da alma humana."[10] Embora pareça um pouco simplista, devemos tirar a conclusão de que em todas as narrativas bíblicas Deus confronta os homens e as mulheres, e de que nós mesmos podemos entrar nas respostas que as pessoas dão a Deus e ao seu próximo — como indivíduos, num grupo, ou ambos. Aquele mesmo Deus cuja Pessoa e caráter nunca muda dirige-Se a nós hoje em nossas situações, e os princípios e dinâmicas envolvidos nestes encontros permanecem sendo bem semelhantes no decurso da história.

3. *Que discernimento adicionais adquirimos acerca das maneiras de Deus lidar com Seu povo através de revelação adicional?* Um escritor de romances policiais freqüentemente encaixa no primeiro capítulo da sua história incidentes que parecem irrelevantes ou perplexos, mas cuja relevância se torna óbvia nos capítulos posteriores. Visto que a Bíblia fica inteira e completa, nenhuma passagem deve ser interpretada ou aplicada isoladamente da totalidade daquilo que Deus tem falado.

4. *Quando entendo uma verdade eterna ou um princípio orientador, que aplicações específicas e práticas tem para mim e minha congregação?* Quais idéias, sentimentos, atitudes ou ações deve afetar? Eu mesmo vivo em obediência a esta verdade? Pretendo obedecer? Quais obstáculos impedem meu auditório de reagir como deve? Que sugestões poderiam ajudá-lo reagir conforme Deus quer que reaja?

Normalmente, o expositor começa seu estudo com uma única passagem da Escritura, e sua aplicação surge daquela passagem, diretamente ou por implicação necessária. Se ele começar com uma necessidade específica na sua congregação, e voltar-se para a Bíblia em busca de soluções, no entanto, deve então resolver quais passagens dizem respeito às questões levantadas. Mediante a exegese daquelas passagens separadas, portanto, o assunto é explorado. Quando a Bíblia fala diretamente a estas questões numa variedade de textos, a aplicação e a autoridade advêm diretamente da Escritura. A aplicação se torna mais complexa, no entanto, quando devemos lidar com problemas que os escritores bíblicos nunca enfrentaram. Visto que Jesus Cristo existe como Senhor de toda a história, os cristãos deve responder às preocupações ética e políticas da atualidade a partir da perspectiva divina. Tomamos por certo que o Espírito Santo tem Sua vontade a respeito de assuntos tais como o aborto, os nenês de proveta, o estilo da vida em meio à diminuição dos recursos energéticos, a fome do mundo, o emprego da tecnologia, ou os programas governamentais de assistência social. A Bíblia, porém, não pode falar para todas as situações políticas ou morais, e nem faz, e, como resultado, a autoridade para o modo de crermos, votarmos ou agirmos não pode vir diretamente das Escrituras. Ao invés disto, vem indiretamente, e depende primariamente da validez da análise que o expositor faz das questões, e da aplicação dos princípios teológicos. Como uma pergunta é formulada e o que é enfatizado podem produzir resultados diferentes. Várias perguntas nos ajudam a testar a exatidão das nossas conclusões:

1. Entendi corretamente os fatos e formulei apropriadamente as perguntas envolvidas nesta questão difícil? Tais perguntas podem ser declaradas doutro modo a fim de deixar emergir outras questões?

2. Determinei todos os princípios teológicos que devem ser considerados? Que peso atribuo a cada princípio?
3. A teologia que esposo é verdadeiramente bíblica, derivada da exegese disciplinada e da interpretação acurada das passagens bíblicas? Citar textos de prova constitui-se em perigo especial neste ponto. Esta prática acha apoio para uma doutrina ou posição ética em passagens arrancadas do seu contexto ou interpretadas sem referência ao propósito do autor.

Quanto a formação destes julgamentos morais ou políticos, Alexandre Miller oferece uma sugestão útil: "Uma decisão cristã válida é sempre uma composição tanto da *fé* quantos dos *fatos*. Provavelmente será válida à medida em que a fé é corretamente apreendida e os fatos corretamente medidos."[11] Visto que nossa análise dos fatos e nossa interpretação da fé podem ser diferentes, os cristãos discordam entre si quanto a questões éticas e políticas. Mesmo assim, a não ser que lutemos com os fatos à luz da nossa fé, nenhuma decisão que tomarmos pode ser corretamente chamada cristã.

As três perguntas de desenvolvimento, portanto, estimulam os pensamentos do expositor e o ajudam a resolver o que deve ser dito acerca da sua passagem. As perguntas vão construindo uma sobre a outra. Não questionamos a validez da idéia que não entendemos, e não é possível que aquilo que não entendemos nem cremos faça uma diferença positiva em nossa vida. Embora o pregador possa lidar com todas as três perguntas no seu sermão, usualmente uma das três predomina e determina a forma que sua mensagem assumirá. Todas estas sondagens levam o expositor em direção à sua idéia homilética, que o ocupa na etapa seguinte do desenvolvimento.

Etapa 5 À luz do conhecimento e experiência do auditório, estude bem a idéia exegética e declare-a na sentença mais exata e memorável possível.

A esta altura, o pregador saberá que direção seu sermão deve seguir, e quais questões devem ser tratadas na sua exposição da passagem. A idéia central deve ser declarada agora de tal modo que se relacione com a Bíblia e também com o auditório. Os propagandistas sabem que idéias raramente são adotadas como idéias, mas freqüentemente são adototadas como lemas. Embora os lemas do homem dos anúncios usualmente sejam pouco mais de que bolhas de sabonete de cores brilhantes, o pregador não deve desprezar o impacto de uma idéia bem declarada.•O que pensamos significa mais do que qualquer outra coisa na vida — mais do que nossa posição social, mais do que nosso salário, mais do que onde moramos, mais do que aquilo que os outros pensam acerca de nós. As pessoas têm mais probabilidade de entender os pensamentos de Deus acerca dEle, de viver e amar e escolher com base nos conceitos bíblicos, se essas idéias forem expressas em sentenças memoráveis.

Quando uma idéia é um princípio universal que se aplica a qualquer tempo, então a declaração da idéia homilética pode ser idêntica a idéia exegética. Este pode ser o caso, por exemplo, da introdução que Jesus deu à parábola do rico louco. "Tende cuidado e guardai-vos de toda e qualquer avareza," acautelou Ele, "porque a vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui" (Lc 12:15). Essa advertência aplica-se a cidadãos de qualquer cultura que almejam estocar mais e mais daquilo que já possuem em suficiência. Não precisa de modificação. Quando o sábio em Provérbios observa: "A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira" (15:1), fala com palavras que todos entendem. Habacuque declara: "O justo viverá pela sua fé" (2:4). Ao dizer assim, o profeta

declara uma das verdades mais abrangentes da Escritura, um princípio fundamental na experiência cristã. Precisa somente ser explicada, e não reformulada.

Outras idéia exegéticas evoluem em idéias homiléticas ao torná-las precisas e pessoais. Por exemplo, o conceito abrangido por I Tessalonicenses 1:2-6 pode ser: *Paulo deu graças a Deus pelos cristãos tessalonicenses por causa dos resultados que brotaram da sua fé, esperança e amor, e por causa das evidências da sua eleição por Deus.* A idéia para a pregação deve ser mais simples e direta: *Podemos dar graças a Deus pelos outros cristãos por causa daquilo que fizeram por Deus e daquilo que Deus fez por eles.*

Uma declaração exegética de I Timóteo 4:12-16 poderia ser:*Paulo exortou Timóteo a granjear respeito para a sua juventude por ser um exemplo nas suas ações e motivos e por ser diligente no ministério público das Escrituras.* Uma expressão homilética poderia ser: *Os jovens merecem respeito ao dedicar atenção à sua vida particular e ao seu ensino.* Se esta passagem fosse a base de um sermão para seminaristas, a proposição poderia ser ainda mais pessoal: *Vocês podem ganhar respeito para seu ministério ao dedicar atenção a vocês mesmos e ao ensino!*

As vezes, a idéia homilética será mais contemporânea e menos vinculada à redação do texto. Ao expor Romanos 1:1-17, James Rose saiu-se com esta idéia: *Quando o efeito do evangelho é de suprema importância na igreja, a força do evangelho não pode ser freada no mundo.* Uma exposição de Romanos 2:1-29 poderia ser: *Aqueles que empregam a lei como sua escada para o céu serão deixados em pé no inferno.* Em Romanos 6:1-14 Paulo lida com uma objeção óbvia à doutrina da justificação pela fé; este meio de declarar justas as pessoas apenas encoraja o pecado. Paulo respondeu: *Devemos reconhecer que através da nossa união com Jesus Cristo na Sua morte e ressurreição, morremos para o domínio do pecado e fomos vivificados para a virtude e a santidade.* Uma expressão mais inesquecível desse conceito poderia ser: *Você não pode viver como vivia antes porque já não é a pessoa que era antes.*

Na discussão de Paulo acerca da carne sacrificada a ídolos (I Co 8) aconselhou os coríntios a agir primariamente pelo amor, e não pelo conhecimento. Um expositor moder-

---

1. *Homiletics: A Manual of the Theory and Practice of Preaching,* pág. 129.
2. H. Grady desenvolveu estas perguntas de modo extensivo com relação ao sermão. Está além do escopo do livro dele aplicá-las ao estudo da escritura. Devo a ele esta abordagem ao pensamento.
3. N. B. Stonehouse, "The Aeropagus Address", em *Paul Before the Aeropagus and Other New Testament Studies* (Grand Rapids: Eerdmans, 1957), págs. 1-40.
4. *Let Me Ilustrate: Stories, Anecdotes, Illustrations* (Old Tappan, N. J.: Revell, 1967), pág. 358-59.
5. *Mere Christianity* (Nova York: Macmillan, 1952), pág. 50.
6. *Who Goes There? What and Where is God?* (Westwood, N. J.: Revell, 1958), pág. 52.
7. A nova hermenêutica, para maior crédito seu, abrangeu a aplicação juntamente com a exegese, mas no esforço para aplicar a Bíblia de modo criativo, às vezes parece menos preocupada com o entendimento correto da Escritura.
8. *The Authority of the Old Testament* (Nasville: Abingdon, 1967; reimpresso ed., Grand Rapids: Baker, 1975), págs. 171-72.
9. Para um desenvolvimento esplêndido deste tema e da sua aplicação, ver Ronald M. Hals, *The Theology of the Book of Ruth* (Filadélfia: Fortress, 1969).
10. *An Introduction to Contemporary Preaching,* pág. 100.
11. *The Renewall of Man: A twentieth-Century Essay on Justification by Faith* (Garden City, N. Y.: Doubleday, 1955), pág. 94.

no poderia formular o princípio: *Quando você pensar em assuntos moralmente indiferentes, seja flexível, em amor.* A lição central contida na parábola do Bom Samaritano poderia ser declarada assim: *Seu próximo é qualquer pessoa cuja necessidade você percebe e tem condições para satisfazer.* A idéia homilética em Tiago 1:1-16 terá um som poderoso de relevância. *Sua reação às provações é questão de vida ou morte.* Um sermão sobre João 3 pode oferecer a proposição: *Até o melhor entre nós precisa nascer de novo.*

A linguagem que é empregada na idéia homilética, portanto, deve ser cativante bem como constrangedora, sem ser sensacional. Ela brilha? Ela agarra a mente do ouvinte? Posso facilmente lembrar-me dela? Vale a pena lembrá-la? A linguagem comunica eficazmente aos homens e mulheres modernos? Embora o gosto pessoal entre a esta altura, vale a pena fazer estas perguntas.

Visto que a idéia homilética emerge depois de um estudo intensivo de uma passagem e da análise extensiva do auditório, obter essa idéia e declará-la de modo criativo é o passo mais difícil no preparo de um sermão. Quando a idéia desponta na mente do pregador "clara como a lua sem nuvens," ele tem a mensagem a ser pregada.

Novos Conceitos

Reformulação
Três perguntas de desenvolvimento
A idéia homilética

Definições

Três perguntas de desenvolvimento

1. *O que isto quer dizer? Explora a explicação.*
2. *É verdade? Eu creio nisto? Explora a validez.*
3. *E daí? Que diferença faz? Explora as implicações e as aplicações.*

A idéia homilética — a declaração de um conceito bíblico de tal modo que reflita com precisão a Bíblia, e que seu significado se relacione plenamente com a congregação.

Reformulação — a declaração de uma idéia em palavras diferentes para esclarecê-la ou para sensibilizar o auditório.

Exercícios

Determine o sujeito e o complemento nos seguintes exercícios. Além disto, indique qual a pergunta funcional que, conforme você pensa, cada autor responde.

1. **A razão pela qual não se pode ensinar truques novos a um cachorro velho não é porque ele é incapaz de aprendê-los. É porque está bem satisfeito com seu domínio dos truques velhos, e pensa que aprender truques novos é só para filhotes. Além disto, está ocupado em pagar as prestações do seu canil.**

John W. Gardner

Sujeito: _____

Complemento: _____

_____

Pergunta funcional que está sendo feita: _____

2. **A voz poderosa de Deus adverte do juízo, e a mesma voz expressa Sua compaixão por aqueles que voltam a Ele pelos meios dados por Ele. Devemos escutar com a mesma intensidade de reverente temor que sentimos quando observamos o poder da água. Sua verdade falada não é para nós julgarmos ou truncarmos; devemos escutar,** absorver, compreender e curvar-nos.

Edith Schaeffer

Sujeito: _____

Complemento: _____

_____

Pergunta funcional que está sendo feita: _____

3. A melhor coisa que você pode fazer para o bem do seu golfe neste inverno é olhar num espelho. Um espelho de tamanho natural é uma ajuda valiosa a aprendizagem. Com ele, pode fazer melhorias valiosas, especialmente na sua posição de prontidão e para dar tacadas leves.

New York Times

Sujeito: _____

Complemento: _____

_____

Pergunta funcional que está sendo feita: _____

4. Um menino chinês que queria aprender acerca do jade foi estudar com um velho professor de talento. Este cavalheiro colocou um pedaço de pedra na mão do jovem e mandou-lhe que a segurasse com firmeza. Depois, começou a falar acerca da filosofia, dos homens, das mulheres, do sol e quase de tudo o que há debaixo dele. Depois de uma hora, tomou a pedra de volta e enviou o menino de volta para casa. Este procedimento se repetia por semanas a fio. O menino sentiu-se frustrado — quando seria informado a respeito do jade? — mas era por demais cortês para interromper seu venerável professor. Depois, certo dia, quando o velho colocou outro tipo de pedra nas suas mãos, o menino exclamou, instantaneamente: "Isto não é jade!"

Sujeito: _____

Complemento: _____

_____

Pergunta funcional que está sendo feita: _____

5. Rudolph Fellner relembra a suas classes de alunos na universidade Carnegie-Mellion que "a melodia existe somente na sua memória, porque em qualquer determinado momento você está ouvindo uma só nota da música." A música é uma arte cumulativa. É uma mudança de sons através do tempo, e cada som toma seu sentido daqueles que o procederam. Não é a arte para quem sofre de amnésia.

William Mayer

Sujeito: _____

Complemento: _____

_____

Pergunta funcional que está sendo feita: _____

6. Se o guarda de segurança Frank Wills não tivesse notado a fechadura de uma porta coberta com uma fita, no prédio de escritórios "Watergate" em 17 de junho de 1972; talvez nunca teríamos sabido que havia pessoas no círculo interior da administração Nixon, que viviam segundo um código de valores estranho aos que a maioria de nós acalentamos. Quem pode dizer para onde os abusos do poder poderiam ter levado se não tivesse havido a oportunidade destes abusos emergirem diante do público?

   Embora se possa argumentar de modo plausível que as políticas e os programas governamentais não teriam alterado muito em termos de guerra e paz e da economia se o furto de Watergate não tivesse sido descoberto, certamente estaríamos mais perto de 1984 de Orwell do que agora estamos. Mas porque o povo norte-americano teve este vislumbre aterrorizador do abuso do poder do governo, num período em que um governo centralizado, pervasivo e intrusivo se tornara uma preocupação geral, provavelmente estamos mais longe de "1984" hoje do que estávamos há dez ou até mesmo vinte anos atrás.

Elliot L. Richardson

Sujeito: _____

Complemento: _____

_____

Pergunta funcional que está sendo feita: _____

7. O trabalho hoje perdeu muitas das suas características tradicionais; e assim também a diversão. A diversão tem sido transformada, sempre mais, em esportes organizados, e os esportes, por sua vez, se assemelham sempre mais ao trabalho na prática e preparação árduas, no envolvimento intenso dos técnicos e atletas (no espírito do trabalho), e na própria produtividade econômica. Num paradoxo final, somente aqueles esportes que começaram como sendo trabalho — ou seja, a caça e a pesca — agora são dominados pelo espírito da diversão.

Sport and Society

Sujeito: _____

Complemento: _____

_____

Pergunta funcional que está sendo feita: _____

(Resposta no Apêndice 1).

Etapas no Desenvolvimento de Mensagens Expositivas

1. Selecionando a Passagem
2. Estudando a Passagem
3. Descobrindo a Idéia Exegética
4. Analisando a Idéia Exegética
5. Formulando a Idéia Homilética
6. *Determinando o Propósito do Sermão,* pág. 73.

Capítulo 5

O Poder de um Propósito

Porque eu estou pregando este sermão? Esta pergunta óbvia produz muitas respostas inadequadas. Por exemplo: "Quando chegar domingo a noite, esperarão que eu diga alguma coisa. É por isto que estou pregando." Ou "Na semana passada percorri Gênesis 21, e, portanto, nesta semana pregarei sobre Gênesis 22." Às vezes, uma incerteza total vai entrando: "Vou pregar este sermão porque quero dar um desafio ao povo." Tais propósitos, usualmente subentendidos mais do que declarados, produzem sermões como uma torta de suspiros que cai — espatifam-se sobre todas as coisas, mas não atingem nada com muita força!

Não existe quase nada tão enfadonho e sem sentido quanto a doutrina bíblica ensinada não vale a pena pregá-lo. O pregador não possui nenhuma idéia adequada de por que está falando. Imagine perguntar a um time de hóquei: "Qual é o propósito do hóquei?" Muitos tipos de atividades ocorrem no gelo — a patinação, as manobras dos bastões, parar o adversário, passar para um parceiro — mas o alvo do time de hóquei é marcar mais pontos do que o oponente. O time que não conserva isto firmemente em mira joga somente por causa do exercício. Por que pregar este sermão? O ministro faz um monte de coisas quando enfrenta sua congregação — explica, ilustra, exorta, faz exegese gesticula, para alistar algumas poucas. Tenha dó, porém, do homem que deixa de entender que seus sermões devem transformar vidas nalgumas maneiras específicas. A. W. Tozer traz uma palavra perceptiva a todos nós:

> Não existe quase nada tão enfadonho e sem sentido quanto a doutrina bíblica ensinada por amor a ela mesma. A verdade divorciada da vida não é a verdade no sentido bíblico, mas, sim, coisa diferente e coisa menor. Nenhum homem fica melhor por saber que Deus, no princípio, criou o céu e a terra. O diabo sabe disso, bem como Acabe e Judas Iscariotes. Nenhum homem ficará melhor por saber que Deus amou o mundo dos homens de tal maneira que deu Seu Filho unigênito para morrer a fim de redimi-los. No inferno existem milhões que sabem disto. A verdade teológica é inútil até que seja obedecida. O propósito por detrás de toda a doutrina é garantir ação moral.[1]

Etapa 6 Determinando o propósito deste sermão.

O propósito declara aquilo que esperamos que aconteça com o ouvinte como resultado da pregação deste sermão. O propósito difere da idéia do sermão assim como um alvo é diferente da flecha; assim como fazer uma viagem é diferente de estudar o mapa; assim como assar uma torta é diferente de ler a receita. Ao passo que a idéia declara a verdade, o

propósito define aquilo que aquela verdade deve levar a efeito. Henry Ward Beecher dava valor à importância do propósito quando declarou: "O sermão é como um rojão que se solta por causa do barulho que faz. É a espingarda do caçador, e cada vez que atira, deve olhar para ver a sua caça cair." Isto pressupõe, naturalmente, que o caçador saiba o que está caçando.

Como, pois, o expositor determina o propósito do seu sermão? Determina-o ao descobrir o propósito por detrás da passagem que está pregando. Como parte da sua exegese, deve perguntar: "Por que o autor escreveu isto? Que efeito esperava que teria sobre seus leitores?" Nenhum escritor bíblico tomou sua pena na mão para anotar "uma poucas observações apropriadas" sobre um assunto religioso. Cada um deles escreveu para afetar vidas. Quando Paulo escreveu a Timóteo, o fez "para que... fiques ciente de como se deve proceder na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, coluna e baluarte da verdade" (I Tm 3:15).

Judas mudou de propósito para sua carta depois de assentar-se para escrever: "Quando empregava toda diligência, em escrever-vos acerca da nossa comum salvação," confessou ele, "foi que me senti obrigado a corresponder-me convosco, exortando-vos a batalhardes diligentemente pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos" (Judas 3). O propósito da narrativa que João registrou acerca da vida de Jesus foi levar à crença em Jesus como "o Cristo, o Filho de Deus", e garantir para aqueles que crêem "vida em seu nome" (João 20:31). Livros inteiros, bem como seções dentro de livros, foram escritos para fazer alguma coisa acontecer no pensamento e nas ações dos leitores. O sermão expositivo, portanto, tem seu propósito em harmonia com os propósitos bíblicos. O expositor deve cogitar em primeiro lugar por que uma passagem específica foi incluída na Bíblia, e com este fato em mente, decidir o que Deus deseja realizar através do sermão nos seus ouvintes no dia de hoje.

As Escrituras inspiradas foram dadas de modo que fôssemos "perfeitos e perfeitamente habilitados para toda boa obra" (II Tm 3:16-17). Segue-se daí que o expositor deve saber registrar em palavras que qualidade de vida ou que boas obras devem resultar da pregação do sermão e do ouvir do mesmo. Cumprimos nosso propósito, segundo Paulo contou a Timóteo, por meio de (1) ensinar uma doutrina, (2) refutar algum erro na crença ou na ação, (3) corrigir aquilo que está errado, e (4) instruir as pessoas a enfrentarem corretamente a vida. Os educadores reconhecem, no entanto, que uma declaração eficaz de propósito vai além do procedimento e descreve o comportamento observável que deve advir como resultado do ensinamento. Uma declaração de propósito não somente descreve nossa destinação e itinerário que seguiremos para chegar ali, mas, se possível, nos conta como saberemos se chegamos. Se não tivermos clareza acerca do lugar para onde vamos, acabaremos chegando, sem dúvida, nalgum outro lugar.[2]

Roy B. Zuck fez uma lista de verbos que é de grande valia para declarar os objetivos do "itinerário", além de ser útil para lidar com o conhecimento e a compreensão (o âmbito cognitivo) e com as atitudes e a ação (o âmbito afetivo). Esta lista está reproduzida na Tabela 1.

Embora a pregação difira de modo significante da preleção, declarar o propósito de um sermão como se fosse um objetivo instrutivo torna o sermão mais direto e eficaz. Aqui há alguns propósitos declarados em termos mensuráveis:

> O ouvinte deve entender a justificação pela fé e ter a capacidade de escrever uma definição, simples da doutrina. (Se os ouvintes realmente anotam a definição, ou não, o pregador será muito mais específico se pregar como se eles o farão.)

Tabela 1

Se o alvo é	Conhecimento	Compreensão	Atitude	Habilidade
Então o verbo pode ser:	alistar declarar enumerar recitar relembrar escrever identificar memorizar conhecer pesquisar delinear examinar ter consciência de tornar-se familiar com tomar conhecimento de definir descrever reconhecer	discriminar entre diferenciar entre comparar contrastar classificar selecionar escolher separar avaliar encarar examinar compreender refletir sobre cogitar até resolver discernir compreender descobrir	resolver fazer desenvolver ter confiança em apreciar ser convicto de ser senvível a dedicar-se a ser entusiasta acerca de desejar simpatizar com encarar planejar sentir-se satisfeito acerca de	interpretar aplicar internalizar produzir utilizar praticar estudar solucionar experimentar explicar comunicar ajudar em orar acerca de

O ouvinte deve ter a capacidade de alistar os dons espirituais e determinar quais dons já recebeu.

O ouvinte deve saber anotar por escrito o nome de pelo menos um não-cristão e deve resolver que orará por aquele indivíduo todos os dias durante a quinzena vindoura. (Se alguém faz alguma coisa durante uma quinzena, tem maior possibilidade de fazê-la durante vários meses.)

Meus ouvintes devem identificar alguma situação moralmente indiferente acerca da qual os cristãos discordam entre si, e ter a capacidade de cogitar como agir naquela situação.

A congregação deve entender como Deus ama cada um dos seus membros, e explicar uma maneira, pelo menos, de como esse amor os faz sentir seguros.

Os cristãos devem saber explicar o que as pessoas devem crer a fim de tornar-se cristãs, e devem resolver falar com pelo menos uma pessoa a respeito do Senhor na semana vindoura.

Os ouvintes devem ser convictos da necessidade de estudar a Bíblia e devem matricular-se nalgum curso bíblico da igreja, um estudo bíblico nos lares, ou um curso bíblico por correspondência.

Formular propósitos que descrevem resultados mensuráveis força o pregador a refletir sobre como as atitudes e o comportamento podem ser alterados. Isto, por sua vez, o capacitará a ser mais concreto na sua aplicação da verdade à vida. Afinal das contas, se um sermão realiza alguma coisa, deve ser algo específico.

David Smith, um pregador escocês, descreve o sermão como sendo "um discurso cuja conclusão é um movimento." Um dos meios eficazes de incorporar o propósito no sermão, portanto, acha-se em escrever por extenso uma conclusão com o propósito em mente. Concentramos nosso pensamento com maior eficiência se sabemos, ao começarmos, o que pretendemos realizar.

---

1. *Of God and Men* (Harrisburg, Pa.: Christian, 1960), págs. 26-27.

2. Para uma discussão de objetivos úteis para qualquer ensinador, ver Robert F. Mager, *A Formulação de objetivos de Ensino,* (Ed. Globo, Porto Alegre, RS, 1976).

Novos Conceitos

Propósito
Resultados mensuráveis

Definições

Resultados mensuráveis — o propósito do sermão declarado em termos de comportamento observável.

Propósito — o que esperamos que aconteça no ouvinte como resultado de ouvir este sermão.

Etapas no Desenvolvimento de Mensagens Expositivas

1. Selecionando a passagem
2. Estudando a Passagem
3. Descobrindo a Idéia Exegética
4. Analisando a Idéia Exegética.
5. Formulando a Idéia Homilética
6. Determinando o Propósito do Sermão
7. *Resolvendo como Realizar este Propósito,* pág. 79.
8. *Fazendo o Esboço do Sermão,* pág. 86.

Capítulo 6

As Formas que os Sermões Assumem

Samuel Johnson observou que "as pessoas precisam ser relembradas tanto quanto precisam ser informadas." À luz deste seu conselho, vamos fazer uma pausa por uns momentos para um levantamento topográfico do território que já percorremos. Através de um estudo da passagem, devemos ter determinado a idéia exegética ao declarar claramente aquilo acerca de que o autor estava falando e o que dizia acerca daquilo de que falava. Num esforço para relacionar a exegese com o auditório contemporâneo, passamos então a sondar a idéia com três perguntas de desenvolvimento: O que isso significa? É realmente verdade? Que diferença faz? A partir daí, formulamos a idéia homilética que relaciona o conceito bíblico com os homens e mulheres modernos. Além disto, estabelecemos um propósito para o sermão.

A esta altura, portanto, devemos saber o que temos para pregar, e por que o pregamos. Agora, a pergunta diante de nós é a seguinte: O que deve ser feito com esta idéia para atingir o propósito? Que formato o sermão assumirá?

Etapa 7 Pensando acerca da idéia homilética, pergunte a si mesmo como esta idéia deve ser tratada para cumprir seu propósito.

Basicamente, as idéias expandem-se segundo as linhas dos propósitos gerais do sermão. Assim como qualquer declaração que fazemos desenvolve-se ao explicá-la, comprová-la ou aplicá-la, assim também as idéias do sermão exigem explicação, validação ou aplicação.

Uma Idéia a Ser Explicada

Às vezes uma idéia deve ser explicada. Acontece assim quando o pregador deseja que sua congregação entenda uma doutrina da Bíblia. Uma verdade corretamente compreendida leva consigo sua própria aplicação. Por exemplo, se seu carro vem parando aos trancos porque estourou um pneu, você tem de trocar o pneu. Se não souber como trocá-lo, sua maior necessidade é uma explicação clara. Em pé a beira da estrada, tendo consciência do pneu murcho, você prestará atenção ativa às instruções de como consertá-lo. Tendo entendido a explicação, você presumivelmente ficará motivado para tirar as ferramentas do porta-malas, levantar o carro com o macaco, e dar-se o trabalho de colocar

o estepe no lugar da roda com o pneu murcho. Tudo isto visa dizer que oferecer a um auditório uma explicação de uma passagem bíblica talvez seja a contribuição mais importante que um expositor possa fazer no seu sermão.

Certa fórmula para o desenvolvimento do sermão, que deve ser respeitada ainda que fosse só por sua antigüidade, reza: "Diga-lhes aquilo que você vai lhes dizer; diga-lhes o que está lhes dizendo; depois, diga aquilo que você já disse." Quando nosso propósito requer que expliquemos um conceito, esse conselho é esplêndido. Na introdução a este tipo de sermão, declaramos completamente a idéia, no corpo do sermão, desmontamos a idéia para analizá-la e, na conclusão, repetimos a idéia outra vez. Certamente semelhante desenvolvimento ganha em clareza qualquer coisa que perde em suspense.

Como exemplo, Alexandre Maclarem pregou um sermão para explicar Colossenses 1:15-18: "Ele é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois nele foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é a cabeça do corpo da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia."

Dentro do sermão, Maclaren diz: "Meu propósito não é tanto procurar comprovar as palavras de Paulo quanto explicá-las, e depois inculcá-las." Seu sujeito é *por que Jesus é supremo em tudo sobre todas as criaturas*, e seu complemento é *por causa do Seu relacionamento com Deus, com a criação, e com a igreja*. Ao desenvolver esta idéia através da explicação, o propósito de Maclarem é motivar os cristãos a tornar Cristo preeminante nas suas vidas.

Como, pois, procede com o sermão? Oferece sua idéia duas vezes na introdução. "Cristo," declara ele, "enche o espaço entre Deus e os homens. Não há necessidade de uma multidão de seres ilusórios para vincular o céu a terra. Jesus coloca Sua mão sobre os dois. Ele é o manancial e fonte de vida para Sua igreja. Logo, Ele tem a primazia em tudo para ser escutado, amado, e adorado pelo homens." O sermão inteiro não dirá mais do que isto. No parágrafo seguinte, Maclaren apresenta a idéia pela segunda vez, numa forma abreviada: "Aqui temos três grandes conceitos dos relacionamentos de Cristo. Temos Cristo e Deus, Cristo e a criação , Cristo e a igreja e, edificada sobre todos estes, a proclamação triunfante da Sua supremacia sobre todas as criaturas em todos os aspectos."

No corpo do seu sermão, Maclaren explica o que é envolvido naqueles relacionamentos. O sermão, reduzido ao seu esboço, procede da seguinte maneira:

I. O relacionamento entre Cristo e Deus é que Ele é "a imagem do Deus invisível" (Cl 1:15).
   1. Deus em Si mesmo é inconcebível e inabordável.
   2. Cristo é a perfeita manifestação e imagem de Deus.
      1. NEle o invisível se torna visível.
      2. Somente Ele dá certeza suficientemente firme para acharmos poder para nos sustentar em face às provações da vida.

II. O relacionamento entre Cristo e a criação é que Ele é "o primogênito de toda a criação" (Cl 1:15-17).
   1. Cristo é o agente de toda a criação, e as frases que Paulo emprega dão a entender a prioridade de existência e a supremacia sobre todas as coisas.
   2. Cristo sustenta uma variedade de relacionamentos com o universo, fato este que é desenvolvido através das várias preposições que Paulo empregou.

III. O relacionamento entre Cristo e a Sua igreja é que Ele é "a cabeça do corpo", Ele é "princípio, o primogênito de entre os mortos" (Cl 1:18).

1. Aquilo que o Verbo de Deus antes da encarnação era para o universo, assim também é o Cristo encarnado para Sua igreja. Ele é o "primogênito" para os dois.
2. Como "a cabeça do corpo," Ele é a fonte e o centro da vida da igreja.
3. Como o "princípio" da igreja mediante a Sua ressurreição, Ele é o poder que deu origem à igreja, e mediante o qual seremos ressuscitados.

Conclusão: "O apóstolo tira a conclusão de que Cristo, em todas as coisas, tem a primazia — e que todas as coisas existem para que Ele tenha a primazia. Seja na natureza, seja na graça, a preeminência é total e suprema... De modo que a pergunta suprema para todos nós é: "Que pensais do Cristo?"... Ele é *alguma coisa* para nós além de um nome?... Bem-aventurados somos se dermos a Jesus a preeminência, e se nosso coração colocar "Ele em primeiro lugar, Ele em último lugar, Ele no meio e sem fim."[1]

Neste sermão inteiro, Maclaren pouco mais faz do que responder à pergunta: O que significa esta passagem?

Uma Proposição a ser Comprovada

Os sermões assumem outras formas, no entanto, e às vezes uma idéia requer não uma explicação, mas, sim, provas. Quando este for o caso, a idéia aparecerá na introdução, mas como uma proposição que o pregador defenderá. A pergunta de desenvolvimento que produz este tipo de sermão exige a validação: "Isto é verdade? Por que devo acreditar nisto? Visto que a posição do pregador assemelha-se a alguém que debate, os pontos principais ficam sendo *razões* ou *provas* para sua idéia.

Um exemplo de um sermão em que a proposição é comprovada pode ser tirado de I Coríntios 15:12-19, onde Paulo argumenta a favor da ressurreição do corpo. No contexto, Paulo contendeu que os Coríntios não podem acreditar que Jesus ressuscitou dentre os mortos e continuar a sustentar que não existe ressurreição. Um sermão tirado de vv. 12-19 defenderá a proposição: *A fé cristã não tem valor se os cristãos não ressuscitam dentre os mortos.* O pregador tem o alvo de convencer seus ouvintes de que a doutrina da ressurreição fica no centro do cristianismo. A idéia é declarada na introdução, e os pontos principais defendem-na como série de argumentos. Na forma de um esboço, o sermão tem a seguinte aparência:

I. Se os cristãos não ressurgem, falta à fé cristã conteúdo válido (vv. 12:14);
   1. Se os mortos não ressuscitam, segue-se que Cristo não ressuscitou.
   2. Se Cristo não ressuscitou, então o evangelho é uma ilusão.
   3. Se o evangelho é uma ilusão, então nossa fé nesse evangelho não tem substância.

(Uma segunda razão porque a fé cristã não tem valor a não ser que os cristãos ressuscitam. . .)

II. Se os cristãos não ressuscitam, os apóstolos são mentirosos desprezíveis (v. 15).
   1. Visto que todos os apóstolos pregavam a ressurreição de Jesus, que não poderia ter acontecido se não existisse a ressurreição, então são "falsas testemunhas."
   2. São culpados do pior tipo de falsidade, visto que deram testemunho falso acerca de Deus que, segundo eles alegavam, ressuscitou Jesus dentre os mortos.

(Uma terceira razão porque a fé cristã não tem valor sem a ressurreição. . .)

III. Se os cristãos não ressuscitam, então é fútil a fé cristã (vv. 16-17)
   1. Se a ressurreição de Cristo não ocorreu — que seria o caso se não existisse ressurreição dentre os mortos — então não são válidos os efeitos a ela atribuídos.
   2. Os cristãos, portanto, ainda estão nos seus pecados. Um Salvador morto não é Salvador de modo algum.

(Um quarto argumento a ser considerado. . .)

IV. Se os cristãos não ressuscitam, então os cristãos não têm esperança (vv. 18-19).
   1. Se não existe ressurreição, então Jesus não ressuscitou, e Sua morte não levou a efeito coisa alguma.
   2. Seguir-se-ia, portanto, que os santos que morreram "pereceram".
   3. Os cristãos que sofrem por Cristo na expectativa da vida do porvir são dignos de dó. Sem a ressurreição, a esperança que os sustenta é apenas fé naquilo que desejam que seja a verdade.

Conclusão: A ressurreição dentre os mortos consta como uma doutrina crucial do cristianismo. Se cair por terra, a totalidade do sistema da fé cristã desmorona com ela, e o evangelho cristão e seus pregadores nada oferecem ao mundo. Visto que Cristo foi ressuscitado, no entanto, a crença na ressurreição e na fé cristã baseia-se em alicerces fortes.

À primeira vista, a idéia explicada e a idéia comprovada parecem ser idênticas, porque os dois sermões expõem a idéia do sermão na introdução e depois a desenvolvem. O que deve ser reconhecido, porém, é que os sermões são expandidos em direções diferentes para atingir diferentes propósitos.

Um Princípio a Ser Aplicado

Um terceiro desenvolvimento cresce a partir da pergunta de aplicação: É daí? Que diferença isto faz? Neste tipo de sermão, o expositor delineia um princípio bíblico ou na sua introdução ou no seu primeiro ponto principal, e no restante da sua mensagem explora as implicações do princípio.

Um esboço de um sermão que visa aplicar um princípio pode ser tirado de I Pedro 2:11 - 3:9. A introdução ao sermão discute como nossas atitudes podem determinar ação, e depois faz a pergunta: Como homens e mulheres de Cristo qual deve ser nossa atitude num mundo que não é amigo de Deus nem da graça? O propósito por detrás do sermão é *levar os cristãos a desenvolver um espírito submisso nos seus relacionamentos sociais.* O princípio a ser aplicado aparece no primeiro ponto principal.

I. Devemos ser sujeitos, por amor a Deus, a toda instituição humana (2:11-12, 21-35).
   A. A sujeição traz glória para Deus (2:11-12).
   B. Cristo ilustra a submissão até mesmo a instituições que operam o mal contra Ele (2:21-25).
      1. Era completamente inocente (v.22).
      2. Guardou silêncio e confiou-Se a Deus (v. 23).
      3. Seus sofrimentos eram redentores (vv. 24-25).

(Que diferença este princípio deve fazer na vida diária?)

II. Este princípio de adotar um espírito submisso por amor a Deus deve governar-nos em nosso relacionamentos sociais (2:13-20; 3:1-7).
   A. Devemos submeter-nos, por amor a Deus, aos líderes cívicos (2:13-17).
   B. Devemos submeter-nos, por amor a Deus, aos nossos empregadores (2:18-20).
   C. Devemos submeter-nos, por amor a Deus, ao nosso cônjuge (3:1-7).
      1. As esposas devem ter um espírito submisso para com seus maridos (vv. 1-6).
      2. Os maridos devem ter um espírito submisso para com suas esposas (v. 7).

Conclusão: "Finalmente, sede todos de igual ânimo, compadecidos, fraternalmente amigos, misericordiosos, humildes, não pagando mal por mal, ou injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo, pois para isto mesmo fostes chamados, a fim de receberdes bênção por herança" (3:8-9).

Um Assunto a Ser Completado

Um quarto padrão apresenta somente o assunto na introdução, e não a idéia inteira, e os pontos principais completam o assunto. Sem dúvida, esta forma de desenvolvimento que é o completar do assunto é a mais comum, e muitos pregadores que são atraídos àquilo que é muito usado e verdadeiro nunca variam este padrão.

Nas mãos de um pregador perito, um sermão que segue este padrão pode ter um senso de tensão e de forte clímax. James S. Stewart, numa exposição de Hebreus 12:22-25, fornece um exemplo para nosso estudo. Na introdução, Stewart estabelece seu assunto. O escritor aos Hebreus, segundo nos diz, "está dizendo cinco coisas acerca da nossa comunhão no culto cristão na igreja." O propósito do sermão é "levar-nos a reconhecer as riquezas da nossa herança quando nos reunimos em nossos lugares de culto." Tendo sido declarado o assunto, cada ponto principal no corpo do sermão ajuda a completá-lo.

I. É uma comunhão espiritual: "Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial" (v. 22). Os cristãos têm contato direto com aquele mundo espiritual visível que é a única realidade em última análise.
("Passo para o segundo fato que nosso texto sublinha acerca da comunhão na adoração cristã.").

II. É uma comunhão universal: "Tendes chegado à igreja dos primogênitos arrolados nos céus" (v. 23). Os cristãos são membros da maior comunhão na terra: a igreja universal.
("Passo para a terceira descrição que ele nos dá da nossa comunhão na adoração cristã.").

III. É uma comunhão imortal: "Tendes chegado à incontáveis hostes de anjos, e à universal assembléia. . . e aos espíritos dos justos aperfeiçoados" (v. 23). Quando os cristãos estão em adoração, seus entes queridos no além estão perto deles e uma nuvem de testemunhas os cerca.

IV. É uma comunhão divina: "Tendes chegado a Deus, o Juiz de todos. . . e a Jesus, o Mediador da Nova Aliança" (vv. 23-24).
Na vossa adoração, ele lhes diz — chegando agora até ao próprio âmago do assunto — tendes chegado a Deus segundo é revelado em Jesus.
("Mais um fato acerca da nossa comunhão na adoração é acrescentado por ele, e assim chega ao fim.")

V. É uma comunhão de redenção: "Tendes chegado ao sangue da aspersão que fala coisas superiores ao que fala o próprio Abel" (v. 24). "Quando nossos pecados clamam a Deus, exigindo castigo e vingança, outra coisa também acontece — o sangue de Cristo clama mais alto, sobrepuja e silencia o próprio clamor dos nossos pecados, e Deus, por amor a Cristo, perdoa." [2]

Stewart não chega a nenhuma conclusão formal, mas, ao invés disto, seu ponto principal final serve para concluir o sermão de modo eficaz. Note que cada ponto principal separado relaciona-se, não com o ponto anterior, mas, sim, somente com o assunto que completa.

Uma História a Ser Contada

Os sermões também comunicam idéias se o expositor conta uma história bíblica com compreensão e imaginação. Infelizmente, através dalguma forma torturada de raciocínio, persuadimos a nós mesmos que as histórias pertencem às crianças, e que os adultos maduros aceitam seus princípios de modo direto, sem uma camada de açúcar. Logo, relegamos as histórias para o berçário, ou levamos uma novela conosco nas férias somente como meio de passar o tempo.

As notas baixas que temos dado às histórias devem ser revistas e aumentadas se observarmos o impacto que as histórias fazem em todos nós. A televisão abunda com elas — algumas de segunda qualidade, algumas suspeitas, algumas inconstantes, e algumas que valem a pena — mas as novelas da TV atraem o auditório e formulam seus valores. O futuro da nossa cultura talvez depende das histórias que captam a imaginação e a mente desta geração e dos seus filhos.

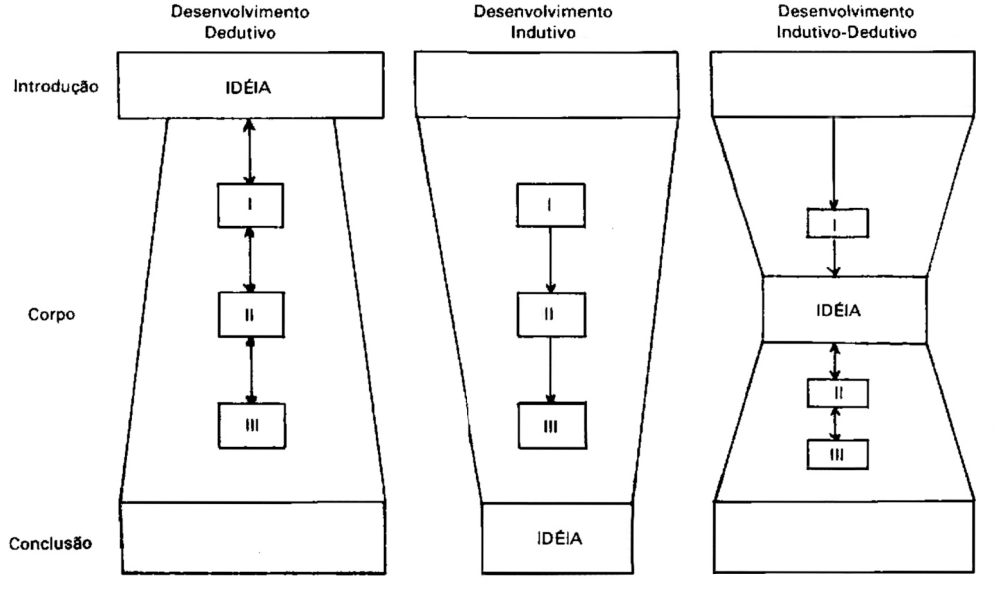
Qualquer pessoa que ama a Bíblia deve dar valor à história, pois, por maior que ela seja, é um livro de histórias. A teologia do Antigo Testamento vem envolvida em narrativas de homens e mulheres que saem correndo para erigir seus deuses feitos à mão, e de outros que levam Deus suficientemente a sério para apostar nEle a sua vida. Quando Jesus apareceu, veio contando histórias, e a maioria delas já entrou no folclore do mundo. Na realidade, Ele era um contador tão brilhante de histórias que às vezes deixamos de perceber a teologia profunda que está escondida nas Suas histórias de um delinqüente rebelde e seu irmão intolerável, de fariseus piedosos, de tesouros enterrados, e de um negociante que tinha uma reunião inesperada com a morte.

A pregação de narrativas, porém, não repete simplesmente os detalhes de uma história como a repetição de uma piada já gasta e sem graça. Através da história, o pregador comunica idéias. Num sermão de narrativas, assim como qualquer outro sermão, uma idéia principal continua a ser apoiada por outras idéias, mas o conteúdo que apóia as lições é tirado diretamente dos incidentes na história. Noutras palavras, os detalhes da história são entretecidos para tirar uma lição, e todas as lições desenvolvem a idéia central do sermão. As narrativas parecem mais eficazes quando o auditório ouve a história e chega às idéias do preletor sem ele as declarar diretamente. O diretor de filmes cinematográficos, Stanley Kubrick, discutiu o poder da idéia indireta numa entrevista relatada na revista *Time* "A essência da forma dramática é deixar uma idéia chegar às pessoas sem ser declarada de modo claro. Quando você diz alguma coisa de modo direto, realmente não é tão poderosa como quando você deixa as pessoas descobrirem-na por si mesmas."[3] Se as lições são declaradas ou apenas subentendidas depende da perícia do pregador, do propósito do sermão, e da percepção do auditório. De qualquer maneira, a história deve desdobrar-se de tal maneira que os ouvintes se identifiquem com os pensamentos, motivos, reações e racionalizações das personagens bíblicas, e, enquanto isso, obtenham maior conhecimento sobre si mesmos também.

Outras Formas que os Sermões Assumem

Os sermões também se desenvolvem de modo indutivo, dedutivo ou através de uma combinação dos dois. Nos sermões dedutivos, a idéia aparece como parte da introdução, e o corpo explica, comprova ou aplica esta idéia (ver Figura 1). As três primeiras formas discutidas neste capítulo seguem o padrão dedutivo. Numa disposição indutiva, do outro lado, a introdução apenas introduz o primeiro ponto principal do sermão, e depois, com uma transição forte, cada ponto novo forma um elo com o ponto anterior até que a idéia a-

Figura 1


Desenvolvimento Dedutivo
Desenvolvimento Indutivo
Desenvolvimento Indutivo-Dedutivo
Introdução
Corpo
Conclusão
IDÉIA
I
II
III
IDÉIA
I
II
III
I
IDÉIA
II
III
IDÉIA

pareça na conclusão (ver Figura 1). Sermões indutivos também podem crescer através de uma série de exemplos cumulativos que, tomados em conjunto, levam a um só princípio geral.

Os sermões indutivos produzem um senso de descoberta nos ouvintes, como se tivessem chegado sozinhos à idéia. A indução é especialmente eficiente com auditórios que têm a probabilidade de rejeitar a proposição do pregador se ela fosse apresentada logo cedo no sermão. Quando Pedro se dirigiu à turba do Pentecoste — uma multidão que recentemente crucificara a Jesus — empregou uma abordagem indutiva que Deus usou para trazer cinco mil pessoas à aceitação de Jesus como Messias e Senhor.

A indução e a dedução podem ser combinadas num sermão. O expositor desenvolve sua introdução e seu primeiro ponto principal de modo indutivo, o que leva à declaração da sua idéia. Depois, o restante do sermão procede de modo dedutivo, para explicar, comprovar ou aplicar a idéia. (Ver Figura 1).

Uma das variações da disposição indutiva-dedutiva é a exploração de um problema. Dentro da introdução e do primeiro ponto principal, o pregador indentifica um problema pessoal ou ético, explora suas raízes, e talvez discuta soluções inadequadas. No segundo ponto principal, propõe um princípio bíblico ou abordagem bíblica ao problema, e no decurso do restante do sermão, explica, defende ou aplica o mesmo. Uma categoria especial do sermão acerca do problema explorado é a pregação para a situação vivencial. Na introdução, o pregador discute em termos pessoais uma pergunta, problema, ou experiência desorientadora tal como uma depressão ou uma grande aflição. Pode, então, demonstrar que o caso específico realmente reflete um problema teológico ou filosófico mais generalizado. Finalmente, oferece uma solução bíblica positiva de modo prático e utilizável. O sermão, portanto, fica sendo um projeto para construção de uma ponte que liga o abismo entre as necessidades pessoais de um lado e a verdade bíblica do outro lado.

Os sermões podem assumir muitas formas, e aquelas que passamos em revista devem ser consideradas sugestivas mas não exaustivas. O sapato não deve ensinar ao pé como crescer; logo, as idéias e os propósitos devem ter licença de assumir sua própria forma na mente do pregador. Para testar uma forma, pelo menos duas perguntas devem ser feitas: (1) Este desenvolvimento comunica aquilo que a passagem ensina? (2) Levará a efeito meu propósito com este auditório? Se certa forma comunicar a mensagem, certamente deverá fazer uso dela; se for um tropeço, imagine uma forma mais apropriada para a idéia e propósito da Escritura.

Etapa 8 Tendo resolvido como a idéia deve ser desenvolvida para realizar seu propósito, faça o esboço do sermão.

Quando um arquiteto projeta um prédio, começa com um conceito derivado da função (o que o prédio deve fazer) e da forma (qual será a aparência do prédio). Para construir o prédio, o arquiteto transforma sua idéia em desenho técnico que mostra em detalhes como o conceito será traduzido em aço, pedra e vidro.

O pregador, tendo derivado um conceito a partir dos dados bíblicos e das necessidades do auditório, agora deve fazer um desenho técnico: o esboço de seu sermão. Embora o conteúdo possa existir sem a forma, a estrutura fornece ao sermão um senso de ordem, unidade e progresso. Certamente nenhum sermão já veio a fracassar por causa de possuir um esboço sólido.

O esboço, portanto, serve para quatro propósitos pelo menos. Em primeiro lugar, esclarece para o olho e a mente do pregador os relacionamentos entre as partes de um

sermão. Em segundo lugar, o pregador vê seu esboço como um todo e assim ressalta seu senso de união. Um esboço, além disto, cristaliza a ordem das idéias de maneira que o ouvinte as receberá na seqüência apropriada. Finalmente, o pregador reconhece os lugares no esboço que requerem matéria adicional de apoio para desenvolver seus argumentos.

Às vezes a disposição de idéias na passagem terá de ser alterada no esboço. Por causa dos seus leitores, o escritor bíblico talvez siga uma ordem indutiva; mas por causa dos seus ouvintes, o expositor talvez selecione um plano dedutivo. Sermões tirados das Epístolas encaixam-se mais facilmente em esboços do que as poesias, as parábolas ou as narrativas. A não ser que o pregador permaneça flexível nas maneiras de ele comunicar passagens, achará impossível cumprir o propósito dalgumas passagens diante do seu auditório. Um expositor que maneja o epílogo de Provérbios, por exemplo, descobrirá que a passagem não pode ser esboçada de modo lógico. Provérbios 31:10-31 consiste em um acróstico hebraico, descrevendo as qualidades de uma boa esposa de Alefe até Tau, o *A* até *Z* do alfabeto hebraico. Embora seja um dispositivo eficaz para a memorização por parte de um leitor hebreu, este acróstico não faz sentido para os ouvintes brasileiros. Para ensinar esta passagem, o pregador deve impor seu próprio esboço sobre o conteúdo.

Os esboços usualmente consistem em uma introdução, um corpo e uma conclusão. As introduções (que serão discutidas com maiores pormenores) introduzem o assunto, a idéia ou primeiro ponto principal do sermão. O corpo passa a aperfeiçoar a idéia. A conclusão (que também será tratada mais adiante) leva a idéia a um foco e conclui o sermão.

Nem todos os pontos do sermão têm igual importância. Alguns são mais básicos do que outros. Os mais fundamentais são os pontos principais e formam o arcabouço básico ao derredor do qual o sermão é constituído. Estes pontos principais constam com algarismos romanos no corpo da mensagem. Por exemplo:

I. Devemos louvar a Deus porque nos elegeu em Cristo (Ef 1:4-6).
II. Devemos louvar a Deus porque tratou conosco de acordo com as riquezas da Sua graça (1:7-12)
III. Devemos louvar a Deus porque nos selou com o Espírito Santo até adquirirmos a plena posse da nossa herança (1:13-14).

A mera listagem destes pontos principais, no entanto, não desenvolve o sermão. Visto que os pontos principais precisam de expansão, pontos secundários que aperfeiçoam os pontos principais são acrescentados ao esboço. Um algarismo arábico designa aqueles pontos, e, além disto, são escritos com reentrância.

I. Devemos louvar a Deus porque nos elegeu em Cristo (Ef 1:4-6).
   1. Ele nos elegeu antes da fundação do mundo (v. 4).
   2. Ele nos elegeu porque nos predestinou para a filiação mediante a adoção. (v. 5).
   3. Ele nos elegeu a fim de que seja louvado pela glória da Sua graça (v. 6).

O acréscimo destes pontos secundários melhora o esboço ao tornar o desenvolvimento mais claro e mais específico. O esboço pode ficar ainda mais completo se contribuir com pormenores específicos para apoiar os pontos secundários. Usualmente, uma cifra arábica entre parênteses e mais uma reentrância demonstra a subordinação aos pontos pirncipais e secundários. No esboço de amostra, o sermão é expandido pelo acréscimo dos detalhes.

II. Devemos louvar a Deus porque tratou conosco de acordo com as riquezas da Sua graça (1:7-12).

1. Remiu nossos pecados pelo sangue de Cristo (v. 7).
2. Deu-nos sabedoria para entender o mistério da Sua vontade (vv. 8-10).
   (1) Sua vontade está de acordo com Seu beneplácito que propôs levar a efeito em Cristo (vv.8-9).
   (2) Sua vontade propõe-se a unir todas as coisas em Cristo no tempo apropriado (v. 10).

Com cada expansão do esboço, a substância do sermão torna-se mais óbvia. Um indivíduo que nunca vira a passagem poderia ler o esboço e obter alguma idéia da organização e desenvolvimento do sermão.

Se for necessário desenvolvimento adicional, será mostrado pelo emprego de letras minúsculas e mais uma reentrância. Um esboço de sermão, em comparação com aquele de uma tese ou artigo de pesquisa, deve ser simples e claro, e ter relativamente poucos pontos. Um esboço complicado cortado em várias subdivisões com reentrâncias, embora seja impressionante para o olho, somente poderá deixar desnorteado o auditório que deve escutá-lo.

Visto que cada ponto no esboço representa uma idéia, deve ser uma sentença gramaticalmente completa. Quando palavras ou frases constam como pontos, nos enganam por serem incompletas e vagas. Declarações parciais deixam o pensamento deslizar por nossa mente como uma bola de futebol coberta de graxa. Embora um pregador possa levar um esboço abreviado para o púlpito, tal esboço será insuficiente para a utilização em seu escritório.

Cada ponto deve ser uma declaração, não uma pergunta. As perguntas não demonstram relacionamentos porque não são idéias. Os pontos no esboço devem responder a perguntas, e não levá-las. As perguntas podem ser usadas na pregação do sermão como transições que introduzem pontos novos. Tais perguntas transicionais precedem um ponto e são colocadas em parênteses.

Embora o pregador veja seu esboço diante dele na página, a congregação somente ouvirá o conteúdo. Não ouve o esboço. Este fato óbvio faz com que as declarações transacionais tenham relevância especial, pois ressaltam os relacionamentos entre as partes e a totalidade. As transições cuidadosamente construídas ajudam o ouvinte a pensar juntamento com o preletor, de modo que avancem juntos pelo sermão afora. Uma transição eficaz avisa o auditório que o pregador está dando um passo para a frente. Pode passar em retrospecto a matéria já tratada, identificar o pensamento em direção do qual está avançando, relacionar aquilo que foi dito com o assunto ou idéia principal, e interessar o ouvinte no pensamento novo.

Visto que transições claras não surgem facilmente na mente devem ser planejadas de antemão. Às vezes tanto a idéia anterior quanto a idéia seguinte são declaradas: "Não somente é nosso culto uma comunhão divina, mas também uma comunhão redentora." Noutras ocasiões, se já declaramos o ponto anterior de modo explícito ao completá-lo, omitiremos a recapitulação: "Mas o autor nos conta outra coisa acerca do nosso culto: é uma comunhão redentora" De qualquer forma, as transições declaram ou subentendem a conexão lógica ou psicológica entre introdução e o corpo, os pontos dentro do corpo, e corpo e a conclusão. Respondem à pergunta: Por que estes pontos estão nesta ordem? Algumas transições realizam este propósito com uma única palavra ou sentença, ao passo que outras exigem um parágrafo para estabelecer a unidade, a ordem dos pontos, e o movimento no sermão. Embora devam ser escritas por extenso e incluídas no esboço, as transições freqüentemente serão amplificadas e desenvolvidas ainda mais quando, de fato, pregarmos o sermão.

1. Um esboço não é um sermão. Para ler este sermão com sua matéria de apoio, ver Faris D. Whitesell, ed., *Great Expository Sermons,* pág. 68-77.
2. O sermão completo, com sua linguagem sólida e sua matéria eficaz de apoio, pode ser achado em ibid., págs. 138-46.
3. Em Martha Duffy e Richard Schickle, "Kubrick's" Grandest Gamble," *Time,* 15 de dezembro de 1975, pág. 72.

Novos Conceitos

Algumas formas que os sermões assumem:

idéia explicada
proposição comprovada
princípio aplicado
história contada
sujeito completado
Disposição dedutiva
Disposição indutiva
Esboço
Transição

Definições

Disposição dedutiva — a idéia aparece como parte da introdução e o corpo a explica, comprova ou aplica.

Idéia explicada — a idéia é apresentada na introdução, e os pontos do sermão são passos na explicação da idéia.

Disposição indutiva — a introdução apresenta apenas o primeiro ponto no sermão, depois, com uma transição forte, cada ponto novo forma um elo com o ponto anterior até que a idéia emerja na conclusão.

Esboço — mostra ao preletor o relacionamento entre as idéias do sermão. Pode perceber com um relance quais idéias são superiores, subordinadas e coordenadas.

Princípio aplicado — a idéia é declarada na introdução ou no primeiro ponto como o princípio da fé ou da vida. O restante do sermão aplica esse princípio à experiência diária.

Proposição comprovada — a idéia é declarada na introdução como a proposição de um debate. Os pontos são provas daquela proposição.

História contada — uma história da Escritura é narrada de tal maneira que a idéia é desenvolvida diretamente ou por implicação.

Sujeito completado — o sujeito do sermão aparece na introdução. Os pontos principais do sermão são complementos daquele sujeito.

Transição — notifica o auditório que o pregador está indo adiante por meio de declarar (ou ocasionalmente de subentender) a conexão lógica ou psicológica entre a introdução e o corpo, entre os pontos dentro do corpo, e entre o corpo e a conclusão.

Etapas no Desenvolvimento de Mensagens Expositivas

1. Selecionando a Passagem
2. Estudando a Passagem
3. Descobrindo a Idéia Exegética
4. Analisando a idéia Exegética
5. Formulando a Idéia Homilética
6. Determinando o Propósito do Sermão
7. Resolvendo como Realizar este Propósito
8. Fazendo o Esboço do Sermão
9. *Preenchendo o Esboço do Sermão,* pág. 93

Capítulo 7

Dando a Vida aos Ossos Secos

Os esboços servem de esqueletos para o pensamento, e na maioria dos sermões, assim como na maioria dos corpos, o esqueleto não ficará completamente escondido. Mesmo assim, não devemos fazer uma exposição grosseira do esboço, como se o esqueleto fosse "Amostra C, Vítima da Fome do Holocausto." O meio mais eficiente de esconder os ossos desnudos de um sermão não é desfazer-se do esqueleto, mas, sim, cobrí-lo com carne. A matéria de apoio é para o esboço aquilo que a pele é para os ossos ou as paredes para a estrutura de uma casa.

Etapa 9 Preencher o esboço com matérias de apoio que explicam, comprovam ou amplificam os pontos.

Um auditório não corresponde a idéias abstratas, e ninguém já foi impelido à ação mediante a leitura de um esboço. Se o esboço permanece sem desenvolvimento, portanto, o auditório pode deixar de captar seu significado e permanecer inconvicto. À medida em que o sermão se desdobra, os ouvintes levantam várias perguntas: "O que ele quer dizer com isto?" "Quais evidências ele tem para apoiar essa declaração" Parece impressionante, mas como funcionaria na vida?" Para esclarecer, amplificar, comprovar ou aplicar suas idéias e torná-las compreensíveis e atraentes, o pregador emprega uma variedade de matérias de apoio.

Reformulação

A reformulação emprega o princípio da redundância para declarar uma idéia "noutras palavras." Serve a dois propósitos básicos. Em primeiro lugar, a reformulação obtém clareza. Os ouvintes, diferentemente dos leitores, devem captar o que é dito quando o dizemos. Não podem voltar para trás para escutá-lo de novo. Se não nos entendem de início, então devemos dizê-lo de novo para sermos claros. Clovis G. Chappell emprega a reformulação na sua introdução a um sermão sobre a mulher apanhada em adultério.

> Os estudiosos estão incertos quanto ao lugar no registro sagrado que esta história deve ficar. Alguns pensam que não pertence a lugar algum. Em certos manuscritos antigos, está omitida. Mesmo assim, falando não como erudito mas meramente como leitor da Bíblia, tenho certeza de que realmente pertence a ela. Aqui, segundo sinto, temos uma história verdadeira. Se não é verdadeira, é uma história da qual a própria

> verdade pode aprender. Não somente é verdadeira esta história como também, a meu juízo, é fato real. É o registro de um evento que realmente ocorreu. Teria sido necessário um gênio realmente sublime para inventar uma história tão fiel à vida real. Certamente é consistente com aquilo que sabemos acerca dos escribas e fariseus; é ainda mais consistente com aquilo que sabemos acerca do próprio Jesus.[1]

A reformulação impressiona a verdade sobre o ouvinte. Diga alguma coisa uma só vez e pode ser desconsiderada, mas repita-a várias vezes, e ficará sublinhada no pensamento e nos sentimentos dele. Os propagandistas investem centenas de milhões de cruzeiros para formular suas idéias no rádio, na televisão e nas revistas. Peter Marshall enfatiza uma lição mediante a reformulação no seu sermão "A Arte de Mover Montanhas":

Estou certo de que cada um de vocês leu muitas vezes a seguinte declaração:

A Oração Muda as Coisas

Vocês a viram pintada em cartazes que adornam as paredes das nossas salas da Escola Dominical.
Vocês a viram gravadas em plaquetas de metal,
leram-na na Bíblia,
ouviram-na do púlpito, oh, tantas vezes!
Mas vocês crêem nisto?
Vocês realmente, honestamente, acreditam que a oração muda as coisas?
Vocês já deixaram a oração mudar alguma coisa para vocês?
Suas atitudes
suas circunstâncias
seus obstáculos
seus temores?

A reformulação é diferente da repetição. A repetição diz a mesma coisa com as mesmas palavras; a reformulação diz a mesma coisa em palavras diferentes. A repetição pode ser empregada com proveito no decurso do sermão como um refrão para reforçar uma idéia principal, mas o pregador hábil aprende a reformular uma lição várias vezes de várias maneiras.

A Explicação e a Definição

Uma definição estabelece limites. Delineia aquilo que deve ser incluído e excluído por um termo ou declaração. A explicação também define fronteiras, mas pode fazer isto por meio de amplificar a questão de como as idéias se relacionam entre si, ou de que uma idéia subentende. Note como Earl F. Palmer explica o que quer dizer a palavra grega *eros*:

> *Eros* é o amor que é merecido, o amor que é conquistado de nós. Não é o amor instintivo que temos para nossos pais ou nossos filhos, nossa família ou nossa estrutura social ou racional. Não é o tipo de amor que temos por algo como a sabedoria ou a humanidade. É o amor que é merecido da nossa parte por causa da excelência compulsora da pessoa, coisa ou realidade. É o amor à beleza, o amor ao poder, o amor à força.[2]

Definições e explicações operam de várias maneiras. Usualmente definimos um termo ou idéia por meio de colocá-lo numa classe ampla de coisas da qual faz parte. Ao mesmo tempo, porém, devemos demonstrar como difere doutras coisas naquela classe. A classificação, portanto, explica tanto as semelhanças quanto as diferenças. Palmer diz *"Eros"* é o amor (a classe ampla da qual faz parte) que é merecido, o amor que é conquistado de nós (o modo de diferir doutros tipos de amor)." Às vezes, definimos e explicamos através de sinônimos. O sinônimo funciona, porém, somente se toca na experiência prévia de um ouvinte e leva-o a entender e sentir o significado pretendido. Presumivelmente todos sabem o que são as seitas; mas talvez não o saibam do modo específico que queremos transmitir, e daí podemos dizer: "As seitas são as contas não pagas da igreja."[3]

A comparação e o contraste também desenvolvem e explicam idéias. Palmer empregou os dois na sua explicação de *eros*.

Os pregadores também empregam exemplos na explicação. Ray C. Stedman o faz quando pergunta, num sermão: "O que queremos dizer quando falamos que uma coisa é santa?" Responde: "Olhe para sua Bíblia, e está escrito: 'Bíblia Sagrada' O que a torna santa? A terra de Israel é chamada 'A Terra Santa' e a cidade de Jerusalém é chamada 'A Cidade Santa' Por quê? Há uma qualidade inerente a todas as três que a compartilham mutuamente. Todas pertencem a Deus. A Bíblia é o Livro de Deus; Israel é a Terra de Deus; Jerusalém é a Cidade de Deus — são pertences de Deus! É por isso que são santas; pertencem a Deus."

A explicação revela-se difícil se o expositor não reconhece seu auditório. Quanto mais familiarizado fica com o assunto, tanto menor consciência talvez tenha da ignorância da congregação acerca dele. O povo nos bancos da igreja vive num mundo intelectual diferente do seu pastor. E, realmente, estas pessoas sustentam o pastor financeiramente a fim de que estude aquilo que elas não podem estudar. O pastor não deve tomar por certo que seus ouvintes imediatamente entendem aquilo de que está falando. Deve a eles uma explicação clara de exatamente o que ele quer dizer. Como regra orientadora, o preletor deve definir todo termo importante em linguagem que o auditório entende. Certamente é melhor definir termos em demasia do que uma insuficiência deles. Ao explicarmos os relacionamentos e implicações das idéias, devemos nós mesmos saber a explicação de modo tão claro que nenhuma incerteza exista em nossas próprias mentes. Depois, devemos estudar sistematicamente os passos na explicação de tal maneira que venham na ordem lógica ou psicológica.Uma névoa no púlpito fica sendo uma espessa bruma nos bancos da igreja.

Informações Fatuais

Os fatos consistem em observações, exemplos, estatísticas, e outros dados que podem ser averiguados independentemente do preletor. O pregador faz uma declaração fatual quando afirma: "O grego é uma língua rica e variada que tem várias palavras para 'amor'. Destas palavras, porém, somente duas, *philia* e *eros*, tiveram muita influência na literatura e pensamento grego no século I." Se um ouvinte se interessasse em fazê-lo, poderia verificar a exatidão de tal declaração ao averiguar as palavras que os gregos empregavam para 'amor'. No sermão expositivo, observações acerca do conteúdo de uma passagem são fatuais, porque o ouvinte pode ver por si mesmo aquilo que a Bíblia diz.

Muita coisa que se ostenta como fato é opinião disfarçada. "O fato é," diz o pregador, "que a maior ameaça à mortalidade da América é o televisor." É claro que não se trata de matéria fatual: trata-se de questão de opinião. Essa opinião pode ser válida ou não, dependendo dos fatos. Os fatos, naturalmente, são coisas tolas até que sejam colocados em

mútuo relacionamento e conclusões sejam tiradas deles. As opiniões, do outro lado, são igualmente tolas a não ser que se edifiquem sobre os fatos. O expositor, como qualquer preletor em matéria de ética, precisa conhecer seus fatos e ter certeza da sua validez. "Cada homem tem o direito à sua própria opinião," observa Bernard Baruc, "mas nenhum homem tem o direito de estar errado quanto aos seus fatos." Os fatos não somente ajudam o ouvinte a entender, como também granjeiam respeito para o preletor.

As estatísticas são uma forma especial de fatos que nos capacitam a fazer o levantamento de grande quantidade de terreno em bem pouco tempo. Apelam especialmente aos cidadãos numa sociedade que é muito consciente das cifras. Na realidade, parece que o apetite dos americanos por estatísticas é insaciável, e os estatísticos vão girando a manivela para produzir um suprimento interminável delas, desde o número de horas que uma família mediana gasta vendo TV até à porcentagem de famílias infelizes em nossa cultura. Esta lealdade às cifras tem criado suas próprias armadilhas para os inocentes — e oportunidade para os desonestos. Um ar de incerteza paira sobre o ponto decimal ou a porcentagem fracionalizada — ainda mesmo quando a medida é imponderável ou absurda. Uma ilustração clássica é o relatório feito há muitos anos de que 33 1/3 porcento das alunas co-educacionais da Universidade John Hopkins se casaram com membros do corpo docente. A porcentagem era exata. Johns Hopkins só tinha três estudantes mulheres na ocasião, e uma delas casou-se com um membro do corpo docente. Os pregadores ansiosos para ganhar seu argumento podem ser especialmente suscetíveis à estatística sem apoio. Certo evangelista de fama revelou: "Li não muito tempo atrás que 50 por cento dos grupos de "rock" praticam adoração ao diabo e bruxaria, e creio que a cifra esteja ficando maior cada dia." Quem fez a contagem? O que foi contado? Quando? Onde?

Quando as cifras entram mesmo num sermão, devem ser tão simples quanto possível sem sacrificar a exatidão. Números arredondados usualmente são suficientes. Embora um contador talvez se impressione com a informação de que em 1950 a população de Chicago era de 3.620.962 pessoas, a maioria de nós achará mais fácil guardar a cifra "pouco acima de três milhões e meio". Ao trabalhar com estatísticas, os dados podem ser tornados significantes e vívidos ao compará-los com coisas dentro da experiênica do auditório. Ao descrever o templo de Diana em Éfeso, podemos dizer: "Tinha 60 m. de largura, 125 m. de comprimento, e pilares que subiam até uma altura de 20 m," depois, acrescentar: "Aquele templo era mais largo e comprido do que um campo de futebol, inclusive a pista de atletismo, e as colunas eram mais altas do que um prédio de cinco andares." Um preletor tornou compreensível o tamanho minúsculo de um elétron ao dar primeiramente a fração decimal, que era incompreensível, e ao acrescentar, depois: "Se um elétron fosse aumentado até ficar tão grande como uma maçã, e um ser humano crescesse na mesma proporção, essa pessoa poderia segurar o sistema solar inteiro na palma da mão, e teria de usar uma lupa para vê-lo."[4]

Citações

Introduzimos citações para apoiar ou expandir um argumento por duas razões: a impressividade e a autoridade. Quando descobrimos que outra pessoa declarou a idéia mais eficazmente do que nós, empregamos as palavras dela. James S. Stewart introduziu um sermão sobre Isaías 5:30 com parte de uma frase de Robert Browning: "De todas as dúvidas que, conforme a frase de Browning, podem 'dar pancadas e batidas e entrar em nossa alma' a mais devastadora, de longe, é a dúvida quanto ao propósito final de Deus." Stewart desenvolve sua introdução com uma série doutras citações, todas selecionadas por causa do seu poder de expressão. Diz:

. . . é precisamente esta a dúvida que jaz como um peso horrendo sobre multidões de vidas hoje. Pensariam duas vezes antes de consentir à fé de Tennyson:

Mas não duvido que um propósito sempre crescente percorre todas as eras,
É que os pensamentos dos homens se alargam com o decurso dos sóis.

"Onde existe qualquer evidência de tal propósito?" querem perguntar. . . . Então estão de volta onde Eclesiastes estava. "Vaidade de vaidades! Tudo é vaidade." Qual é a utilização, exclamou Thomas Hardy, de todas as orações de vós, povo de oração, quando não tendes nada melhor para orar do que

A Coisa sonhadora, escura e muda
Que gira a manivela desta Representação vã?

"Uma piada de mau gosto" — este foi o veredito final de Voltaire sobre a vida. "Desça a cortina", disse o ator moribundo, "a farsa acabou-se."[5]

Há muitas maneiras de falar acerca do papel que a dor desempenha em nossa vida. Certo pregador resumiu uma das perspectivas ao citar palavras mais impressionantes do que as suas próprias: "A dor levanta a bandeira da realidade na fortaleza de um coração rebelde."

Ancorar uma lição com alguma explicação que escava seu caminho para dentro da mente é provavelmente a razão principal pela qual os pregadores apelam às citações nos sermões. Quando damos crédito ao autor da citação, o fazemos primariamente por razões da ética.

Além disto, incluímos citações para termos mais autoridade. Neste caso, quando damos crédito ao autor daquilo que citamos, o fazemos porque a pessoa que o disse tem melhores condições para falar do que nós. Ernest T. Campbell faz assim ao falar acerca de tempos em que a aparente futilidade daquilo que fazemos nos leva a recuar-nos do envolvimento da ação social. Campbell diz:

> Fiquei impressionado, outro dia, pelo conceito que Leonard Woolf tinha da obra da sua vida. "Vejo claramente,", disse ele, "que não realizei praticamente nada. O mundo hoje, e a história do cupim humano no decurso dos últimos 5-7 anos seria exatamente o mesmo que é se eu tivesse jogado ping-pongue ao invés de participar de comissões e escrever livros e memorandos. Preciso fazer, portanto, a confissão ingnominiosa de que, numa vida longa, devo ter penosamente feito entre 150.000 e 200.000 horas de trabalho perfeitamente inútil."[6]

Citamos outras pessoas, também, porque têm melhores condições para conhecer os fatos ou interpretá-los, ou porque o auditório teria mais probabilidade de aceitar a avaliação delas. O expositor que conhece a Bíblia e que compreende as pessoas já acredita no pecado original, mas, diante de um auditório cético, pode citar o relatório da Comissão do Estado de Minnesota sobre o Crime:

> Cada nenê começa a vida como um pequeno selvagem. É completamente egoísta e egocêntrico. Quer o que quer quando o quer — sua mamadeira, a atenção da sua mãe, o brinquedo do seu companheiro, o relógio do seu tio. Negadas estas vontades, ferve de fúria e agressividade, que seriam assassinas, se ele não fosse tão incapaz. É sujo. Não tem moral, não tem conhecimento, não tem perícia. Quer dizer que todas as crianças, não somente certas crianças, nascem delinqüentes. Cada criança, se lhe fosse permitido continuar no mundo egocêntrico da sua infância, dada plena

liberdade às suas ações impulsivas para satisfazer suas vontades, cresceria para ser um criminoso, um ladrão, um assassino, estuprador.

Noutras ocasiões, o perito é melhor qualificado para falar com autoridade acerca de determinado assunto. D. M. Baillie cita uma história para demonstrar que os cristãos primitivos possuíam uma qualidade intelectual na sua fé:

> Dr. T. R. Glover, que foi uma grande autoridade sobre aquele período (os primeiros séculos d.C.), nos conta que uma das razões pelas quais o cristianismo conquistou o mundo foi porque seu pensar era superior ao do restante do mundo. Não somente sabia melhor viver e como morrer: também sabia melhor como pensar. Sobrepujava o mundo quanto aos pensamentos. Aqui temos uma passagem profundamente interessante: "O cristão lia os melhores livros, assimilava-os, e vivia a vida intelectual mais livre que havia no mundo. Jesus o libertara para ser leal à verdade. Não há lugar para um cristão ignorante. Desde o próprio início, cada cristão tinha de conhecer e entender, e tinha de ler os Evangelhos, e também precisava ter a capacidade para dar uma razão da sua fé. Liam acerca de Jesus, e O conheciam, e sabiam qual era a posição deles... Quem é que realizava o raciocinar naquele mundo antigo? Vez após vez era o cristão. Sobrepujava o mundo inteiro no pensamento."[7]

As autoridades devem levar consigo credenciais. Várias perguntas devem ser feitas acerca de qualquer perito para estabelecer a sua competência: (1) Sua experiência ou treinamento o qualificam para falar com autoridade acerca deste assunto? (2) O testemunho é baseado em conhecimento de primeira mão? (3) A autoridade tem preconceitos? Uma autoridade com preconceitos não inspira confiança porque tenderá a considerar favoravelmente as evidências que apoiam as suas opiniões, e desconsiderar as demais. Uma autoridade com preconceitos, falando contra suas propensões pode, naturalmente, ser uma testemunha excelente. George Bernard Shaw, falando em prol do cristianismo, seria um apoio forte, pois freqüentemente tem falado abertamente contra ele. (4) Como é que o auditório considera seu testemunho? Conhece-o? Tem respeito por ele? Quando um indivíduo obscuro é citado como autoridade, devemos contar ao auditório suas qualificações para que ele seja aceito como tal.[8]

As citações devem ser pouco usadas no sermão. Uma mensagem do púlpito não deve ter o som de um ensaio semestral. Geralmente, as citações devem ser breves. Citações prolongadas freqüentemente perdem a clareza e embaraçam a comunicação. Às vezes uma citação mais longa pode ser parafraseada e, depois, algumas frases importantes da citação podem ser lidas diretamente ao auditório.

As citações serão ressaltadas se as introduzirmos no sermão com um toque mais vivo. Requer pouco esforço introduzir uma citação com "Spurgeon disse," "Paulo escreveu", ou "a Bíblia diz." Mais pensamento é requerido, mas mais resultados são obtidos, se damos uma nova disposição a estas expressões: "Escrita de modo marcante na Bíblia há esta frase..." "Paulo sentia agudamente que..." "É isto que Charles Dickens queria nos dizer quando escreveu..." "Podeis ver, então, a relevância daquelas palavras encaixadas no versículo 10..."

A Narração

Quando tagarelamos, é acerca de pessoas, e não acerca de idéias que tagarelamos. Quando revistas noticiosas populares tais como *Time* lidam com assuntos compostos e

complexos tais como a economia ou os distúrbios políticos na China, fazem-no parcialmente por meio de discutir as pessoas envolvidas. A narração dentro de um sermão descreve os indivíduos e eventos abrangidos nos relatos bíblicos. Cada passagem tem suas personagens — às vezes ficam ali rindo, xingando, orando, e noutras ocasiões se escondem e devemos procurá-las. Em todos os textos, porém, sempre há alguém escrevendo e alguém lendo. Ao puxar de lado uma doutrina, achará personalidades. Por exemplo, a graça não existe armazenada numa geladeira no céu. O que há é alguém que dá a graça e alguém que a recebe. O Espírito Santo conhecia o valor da narração quando encheu dela as Escrituras e Jesus demonstrou o impacto da narração nas parábolas que contava.

A narração pode providenciar o pano de fundo num sermão ao preencher a respectiva parte histórica, cenário, ou personalidades. John Hercus a emprega de modo eficaz quando nos leva a viver a experiência de Davi enquanto escrevia Salmo 24.

> Davi endireitou-se na cadeira, esticou seus braços e bocejou. Tinha sido um dia de ensaios, repetindo toda a rotina da procissão com os músicos, os cantores, e o corpo do balé. A partitura e a coreografia já estavam bem adiantadas, e Davi estava mais do que satisfeito. O salmo era bom — curto, claro, bem apropriado para a ocasião. Hm-m-m. . . aquela frase acerca de "subir ao monte do SENHOR. . . permanecer no seu santo lugar" era bem escolhida. Muito bem. Seria uma pano de fundo excelente para o trabalho com os címbalos e as trombetas e o coro. E o balé teria oportunidades esplêndidas sob sua liderança, para expressar seu sentimento do drama espiritual que se aumentava.
>
> E aquelas quatro condições para a entrada no santo lugar estava perfeitamente certas. Concisas, compactas, nítidas. Mãos limpas, coração puro, nenhuma ênfase a valores dignos do lixo (o significado real de "não entregar a sua alma à falsidade") e nada de enganar ou ser traiçoeira. Sim, na *realidade*, isto examina um homem tão plena e corretamente quanto se pode desejar.
>
> Mãos limpas. . . como suas próprias mãos limpas. . .
>
> De repente, uma lembrança raiou na sua mente. Uma lembrança de lavar e continuar a lavar aquelas suas mãos "limpas", procurando esfregar até não existir mais uma coisa sangrenta que não podia ser desfeita. Como aconteceu? Oh, sim. . . por causa de Mical. [9]

A narração se reveste de energia quando os verbos e substantivos pintam quadros em nossas mentes. Às vezes um ponto de vista diferente acrescenta novidade a um relato freqüentemente contado. Como a mulher tomada em adultério ou a mulher à beira do poço pensava em Jesus quando O conheceram pela primeira vez? Nas Epístolas, Paulo retrata um opositor que se põe em pé de um só pulo para argumentar com ele: "Qual é, pois, a vantagem do judeu?" (Rm 3:1), alguém pergunta. "Os alimentos são para o estômago, e o estômago para os alimentos" (I Co 6:12), argumenta um hedonista daqueles tempos. Como eram eles? Você pode descrever como poderiam ter levado a efeito a discussão?

Empregue o diálogo. As narrativas dos Evangelhos e as parábolas estão repletas dele. Coloque palavras na boca das pessoas. Quando aparece uma só pessoa, use a soliloquia, a "conversa consigo mesmo." É isto que Hercus faz com Davi, e foi assim que Jesus fez com o sagaz mordomo de um rico (Lucas 16:2-7) e com o moço indigente no país distante (Lucas 15:11-32). O jovem pergunta a si mesmo: "Quantos trabalhadores de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui morro de fome!" (v. 17).

A narração importa em comunicar com imaginação, e a imaginação reflete as intros-

pecções da fé. A imaginação é meio-irmã da interpretação, pois ambas relacionam-se com o texto. Determinamos o significado de uma passagem a partir daquilo que a passagem diz. Logo, a imaginação vai um passo além dos fatos bíblicos mas, mesmo assim, permanece vinculada a eles.

Ilustrações

O conselho de S. I. Hayakawa para os oradores que querem desenvolver a clareza é que estudem um livro de receitas, visto que as receitas explicam conceitos gerais ao subdividí-los nas suas partes específicas. Por exemplo, uma receita para Bife Wellington diz: "Colocar o filé numa grelha numa panela aberta para assar. Não acrescentar água. Não cobrir. Assar num forno de 425°F, durante 20 a 25 minutos." O conselho de Hayakawa é de valia especial para peritos cujo conhecimento extensivo de um assunto pode impedir de serem comunicadores eficazes. A erudição deles os remove dos pormenores para os âmbitos inclaros da abstração.

O teólogo, por exemplo, fala em *hamartiologia* ao invés de *pecado*, porque a palavra abstrata serve como melhor cobertura para os vários aspectos do tópico. Quando o teólogo se dirige a um auditório menos familiarizado com sua disciplina, porém, deve descer da sua abstração e falar acerca do assassinato, da mentira, do furto, ou do adultério. Se não puder ou não quiser fazer assim, embora receba notas elevadas como estudioso, fracassará como comunicador. Sören Kierkegaard queixou-se que quando pediu ao filósofo Georg Hegel a orientação para chegar a um endereço numa rua de Copenhagen, só recebeu o mapa da Europa.

Os pregadores peritos tratam de níveis altos e baixos de abstração, subindo e descendo como um assistente de pedreiro numa escada. Para terem significado, todos os pormenores devem ser reunidos em generalizações, e as abstrações devem ser reduzidas a pormenores para ficarem compreensivas. "O escritor interessante, o preletor informativo, o pensador exato, e o indivíduo mentalmente são, todos estes operam em todos os níveis da escada da abstração, movimentando-se com rapidez, harmonia e boa ordem da parte mais alta para a mais baixa, de baixo para cima — com mentes tão ágeis e destras e belas como macacos numa árvore."[10]

Um dos meios de ligar nossos sermões à terra acha-se no emprego de ilustrações. Ilustrações bem escolhidas, empregadas com perícia, reformulam, validam, ou aplicam idéias ao relacioná-las a experiências tangíveis. Pregar uma verdade na mente exige que batamos várias vezes no prego. Ao passo que a maior parte de reformulação advém através da repetição de declarações proposicionais, as ilustrações podem apresentar a verdade ainda mais uma vez sem cansar os ouvintes. A compreensão pode também ser conseguida através de analogias e anedotas. Uma ilustração, como a imagem na televisão, deixa claro aquilo que o preletor está explicando.

As ilustrações também tornam crível a verdade. Pela lógica naturalmente, os exemplos não podem constar como prova, mas psicologicamente cooperam com os argumentos para obter aceitação. O pregador que argumenta que toda a verdade é igualmente válida mas não de igual valor pode empregar uma analogia para levar seu auditório a aceitar aquilo que está dizendo. Um centavo e uma nota de um cruzeiro são igualmente genuínos, mas não são de igual valor. Logo, devemos distinguir entre a verdade de um centavo e a de um cruzeiro. A analogia conquista tanta concordância quanto o argumento arrazoado.

As ilustrações aplicam as idéias a experiência O ouvinte precisa não somente entender e aceitar um conceito, como também saber que diferença ele faz. Os exemplos

demonstram a verdade em ação. William E. Sangster pregou um sermão baseado em Gênesis 41:51, e desenvolveu a idéia: "Devemos lembrar de esquecer." Conclui seu sermão com uma anedota:

> Era Natal no meu lar. Um dos meus hóspedes chegara alguns dias mais cedo e me viu enquanto despachava os últimos dos meus cartões de Natal. Ficou espantado a ver certo nome e endereço. "Decerto você não vai mandar um cartão de Natal para ele," disse.
>
> "Por que não? respondi.
>
> "Mas você se lembra" começou, "há dezoito meses. . ."
>
> Lembrei-me, então, daquilo que o homem dissera em público acerca de mim, mas também me lembrei que resolvera, naquela ocasião, com a ajuda de Deus, que me lembraria de esquecer.
>
> E Deus me "fizera" esquecer!
>
> Coloquei o cartão no correio.

As ilustrações servem ao pregador e a sua congregação doutras maneiras. Ajudam a memória, despertam a emoção, criam necessidades, seguram a atenção, e estabelecem harmonia entre o preletor e os ouvintes.[11]

O princípio fundamental para o emprego de ilustrações é que as ilustrações devem ilustrar. Segundo sua etimologia, *ilustrar* significa "lançar luz sobre um assunto." Logo, não existe uma coisa chamada uma "boa ilustração", mas somente uma boa ilustração de uma verdade específica. As ilustrações se assemelham a uma fileira de luzes da ribalta que ilumina a ação num palco. Se estas luzes brilharem nos olhos do auditório, cega-o para aquilo que deve ver.[12] Uma história contada por amor a ela mesma pode entreter ou divertir, mas é um obstáculo para o sermão. Uma anedota opera no serviço à verdade somente quando centraliza a atenção na idéia e não em si mesma.

As ilustrações também devem ser compeensíveis. Por meio de exemplos, esclarecemos o desconhecido por meio do conhecido. Se a ilustração precisa ser explicada para torná-la clara, não deve ser empregada. Explicar uma ilustração, que por sua vez explica um conceito, é esclarecer o infamiliar com o infamiliar. Exemplos tirados da Bíblia às vezes violam esta regra por ilustrarem o desconhecido com o desconhecido. Num dia de analfabetos bíblicos, as histórias bíblicas podem ser tão remotas aos ouvintes modernos como a história da China. Empregá-las como ilustrações doutras passagens bíblicas pode ser um exercício em futilidade. Se forem contadas histórias da Bíblia, o expositor deve dedicar tempo e cuidado para relatá-las de tal maneira que o auditório entre no sentido delas e sinta a força delas. Visto que um comunicador ilumina o desconhecido através do conhecido, as ilustrações mais eficazes tocam na vida dos ouvintes tão perto quanto possível. Entre as mais eficazes são as histórias de "interesse humano", que tratam de assuntos da nossa vida comum tais como crianças, animais e histórias em quadrinhos.

As ilustrações devem ser convincentes. Dentro das suas possibilidades, o pregador deve ter certeza dos seus fatos. Embora uma história inexata quanto aos fatos possa claramente ilustrar uma idéia, o pregador que a emprega com um auditório que tem consciência da sua inexatidão pode subverter sua própria credibilidade. Além disto, as ilustrações não devem ofender o bom-senso do auditório. A verdade talvez seja mais estranha do que a ficção, mas anedotas improváveis somente levam o auditório a suspeitar que há algo estranho no pregador. Se um incidente parece estranho, reconheça este fato e ofereça apoio por ele.

Os ministros parecem gerar filhos que falam por meio de ilustrações. Quando um número demasiado de tais histórias entremeia os sermões, as congregações céticas não

podem deixar de perguntar a si mesmas se o pregador sempre fala a verdade. Visto que as ilustrações pessoais têm força, os pregadores caem diante da tentação de relatar histórias como se tivessem acontecido com eles mesmos, quando, na realidade, não foi este o caso. O evangelho pronuncia juízo acerca dos métodos usados para proclamá-lo, e a verdade de Deus não pode receber benefício das nossas falsidades. Se uma congregação suspeitar que mentiremos para reforçar um argumento, terão motivo para acreditar que mentiremos para fazer um convertido.

As ilustrações devem ser apropriadas para o tema do sermão e para o auditório. Grandes temas podem ser prejudicados por suas ilustrações. Certo pregador, ansioso para ressaltar a onipresença de Deus declarou: "Deus até mesmo está na lata do lixo!" O que a ilustração possuía em exatidão, faltava-lhe em decoro. Algumas ilustrações que são aceitáveis para um auditório talvez não sejam apropriadas para outro. Por exemplo, esta história, embora reflita sobre a moralidade da nossa era, teria que ser aquilatada quanto ao seu decoro para vários grupos diferentes: Certo homem estava num restaurante, falando informalmente com uma jovem senhora atraente. No decurso da conversa, indicou um jovem bem vestido assentado numa mesa no canto.

"Está vendo aquele rapaz ali? Se ele lhe oferecesse Cr$ 50.000,00 para você ir à cama com ele hoje à noite, você o faria?"

"Cinqüenta mil cruzeiros" a jovem respondeu. "Bem por Cr$ 50.000,00 acho que o faria."

Poucos minutos mais tarde, o homem indicou outro jovem sentado noutra parte da sala.

"Está vendo aquele tipo? Imagine que lhe oferecesse Cr$ 2.000,00 para passar a noite com ele. Você o faria?"

"Dois mil cruzeiros?" a moça falou com desdém. "Claro que não. O que você pensa que sou?"

O homem respondeu: "Oh, já descobri isto. Apenas procuro determinar qual é o seu preço!"

Esta ilustração talvez seja perfeitamente aceitável num campus universitário, ou numa preleção diante de homens de negócios, mas o ministro teria que considerar com cuidado se seria apropriada para sua congregação no domingo de manhã.

As ilustrações devem ser contadas de modo dramático. Perguntaram a certo escultor como esculpiu uma estátua de um leão quando não tinha um modelo. Explicou: "Simplesmente fui cortando fora tudo quanto não tinha a aparência de um leão." Este serve de bom conselho para pregadores, também. O contador perito de histórias corta fora os pormenores adicionais que não contribuem ao impacto da sua história. As ilustrações em forma de narrativa devem empregar o diálogo e a citação direta de tal maneira que o pregador reviva a história ao invés de meramente repetí-la. A história deve ser contada de modo tão dramático quanto possível de tal maneira que o auditório participe da ilustração e sinta, além de entender, a aplicação que está sendo feita.

Boas ilustrações podem ser achadas em todos os lugares. A experiência pessoal é uma fonte especialmente prolífica. Cada vida é um circo, mas algumas pessoas podem recolher mais matéria passeando pela vizinhança do que outras podem achar numa viagem ao redor do mundo. A diferença se acha, não naquilo que experimentamos, mas, sim, naquilo que vemos em nossas experiências. Devemos observar a fim de ver. O mundo pode ser o livro ilustrado de Deus se vermos nos eventos comuns da vida analogias e aplicações da verdade espiritual.

Ilustrações pessoais acrescentam calor e vitalidade ao sermão, mas três regras gerais devem governar seu emprego. Em primeiro lugar, a ilustração deve ser verdadeira. Deve

também ser modesta. As congregações não gostam de histórias na primeira pessoa quando o pregador emerge regularmente como o herói. Reagimos negativamente diante uma pessoa que, na sua conversa, jacta-se de ser inteligente, divertida ou espiritual. Nada altera tal reação quando a jactância é feita do púlpito. A maioria das experiências, é claro, não fazem de nós nem vencedores nem vilões, e podem ser recontadas com modéstia e grande benefício. Se uma ilustração pessoal for usada, deve ser contada sem pedir desculpas. Quando o pregador diz: "Se perdoarem a ilustração pessoal," dirige a atenção àquilo que não deve ser notado. Se o incidente deve ser usado, então não há necessidade de pedir desculpas. Se não deve ser usado, pedir desculpas não ajudará. Uma terceira regra que deve ser escrupulosamente observada é que, ao narrar experiências pessoais, não devemos violar uma confidência. As pessoas ressentem-se de compartilhar uma preocupação com seu pastor e depois ficar pensando que talvez vão aparecer como parte do sermão dele. Mesmo quando algum incidente pessoal possa ser compartilhado sem alguém ficar magoado, peça permissão para fazer uso dele. Ainda que *você* talvez sinta que está lisonjeando as pessoas, *elas* podem ressentir-se da exposição pública.

As ilustrações também advêm da leitura. Poucos ministros podem arriscar-se a ler sem uma caneta na mão para registrar matérias que iluminarão seus sermões. Histórias em quadrinhos, poesias infantis, revistas, jornais, novelas, e a história, todos fornecem matéria para dar origem a mensagem. Sermões por pregadores dotados oferecem ilustrações no contexto, que as torna superiores às coletâneas onde as histórias usualmente aparecem divorciadas daquilo que ilustram.

Certamente, muitas ilustrações ocorrerão ao pregador enquanto trabalha seu sermão. Deve escrever com clareza a lição a ser ensinada e depois pensar nos relacionamentos dentro da lição que exige iluminação. Freqüentemente, sua mente e memória fornecerão tudo quanto precisa. A capacidade de fazer analogias apropriadas ou trazer aplicações aptas pode ser desenvolvida através da prática.

Sem dúvida, o lugar para onde o pregador apela mais freqüentemente para matéria de apoio é seu arquivo. Aquilo que obtém do seu arquivo para um determinado sermão depende inteiramente daquilo que colocou dentro dele. Muitos sistemas foram desenvolvidos para capacitar o ministro a conservar os resultados do seu estudo e da sua leitura. Usualmente, é necessário manter dois tipos de arquivo. Um, o arquivo de tamanho ofício, armazena notas de sermões, folhas grandes de papel, livrinhos, ou até mesmo páginas arrancadas de livros não desejados. Este arquivo pode ser dividido segundo os assuntos e os livros da Bíblia. O sistema decimal Dewey, empregado pela maioria das bibliotecas, pode formar a base do arquivo dos assuntos. A lista Rossin-Dewey de assuntos relaciona o sistema Dewey às necessidades especiais do pastor.[13] Outro sistema simples e eficiente, projetado para ministros, é o *New Baker's Textual and Topical Filing System*.[14]

Além do arquivo grande, de tamanho ofício, o ministro deve desenvolver um arquivo menor de cartões de 8 x 13 cm. Uma seção deste arquivo pode ser conforme os livros da Bíblia, com os cartões dispostos na ordem de cada livro, de acordo com o capítulo e o versículo. Aqui, armazenam-se ilustrações, notas exegéticas, e bibliografias pertencentes a passagens específicas da Escritura. Outra seção do arquivo de cartões deve ter um índice conforme os assuntos. Este arquivo pode ser subdividido conforme a primeira letra e a primeira vogal no assunto. O sistema estabelece-se da seguinte maneira.

Ilustrações do assunto "amor" seriam arquivadas em *Ao* (*A* é a primeira letra, e *o* a primeira vogal); "exemplo" em *Ee*; ou "expiação" em *Ei*. A vantagem deste sistema acha-se na sua simplicidade e versatilidade. A maior parte da matéria que deve ser guardada como matéria de apoio num sermão — anedotas, citações, poesias, notas exegéticas, analogias, referência bibliográficas — pode ser arquivada em cartões de 8 x 13 cm.

Aa	Ae	Ai	Ao	Au
Ba	Be	Bi	Bo	Bu
Ca	Ce	Ci	Co	Cu
Da	De	Di	Do	Du
Ea	Ee	Ei	Eo	Eu
etc.				

O ministro precisa de um sistema de arquivamento. Qualquer sistema que o capacita a armazenar informações é superior a não ter sistema algum. O sistema de arquivamento também precisa do ministro. Agur, um escritor de Provérbios, recomenda a formiga por sua grande sabedoria: "As formigas, povo sem força, todavia no verão preparam a sua comida" (Pv 30:25). É sábio o pregador que aprende uma lição da formiga.

---

1. *Questions Jesus Asked* (Nova York: Abingdon-Cokesbury, 1948; reimpressão ed. Grand Rapids: Baker, 1974), pág. 154.
2. *Love Has Its Reasons: An Inquiry into New Testament Love* (Waco, Tex.: Word, 1977), págs. 38-39.
3. Esta declaração muito citada aparece, por exemplo, em Anthony A. Hoekema, *The Four Major Cults: Christian Science, Jehovah's Witnesses, Mormonism, Seventh-Day Adventism* (Grand Rapids: Eerdmans, 1963), pág. 1.
4. Alan H. Monroe, *Principles and Types of Speech*, pág. 231.
5. *The Gates of New life* (Nova York: Scribner, 1940; reimpressão ed., Grand Rapids: Baker, 1972), págs. 1-2.
6. *Locked in a Room with Open Doors* (Waco, Tex.: Word, 1974), pág. 117.
7. *To Whom Shall We Go?* (Nova York: Scribner, 1955; reimpressão ed., Grand Rapids: Baker, 1974), págs. 62-63.
8. Monroe, *Principles and Types of Speech*, pág. 233.
9. *David*, 2.ª ed. (Chicago: Inter-Varsity, 1968), págs. 55-56.
10. S. I. Hayakawa, *Language in Thought and Action*, pág. 190.
11. Ian Macpherson alista dezessete propósitos servidos por ilustrações em *The Art of Illustrating Sermons*, págs. 13-33.
12. John Nicholls Booth, *The Quest for Preaching Power*, pág. 146.
13. Pode ser obtido da Shepherd Company, Hopkins, Mn 55343.
14. Grand Rapids: Baker, 1976.

Novos Conceitos

Repetição
Reformulação
Explicação
Definição
Informações fatuais
Citações
Narração
Ilustração

Definições

Definição — estabelece o que deve ser incluído e excluído por um termo ou declaração.
Explicação — define fronteiras ao amplificar sobre como as idéias se relacionam entre si ou o que uma idéia subentende.
Informações fatuais — consistem em observações, exemplos, estatísticas, e outros dados que podem ser verificados independentemente do pregador.
Narração — descreve quem fez o que a quem e com que efeito, nas narrativas bíblicas. Pode ser usada para fornecer o pano de fundo do sermão ao discutir a história, âmbito ou personalidades envolvidos numa passagem.
Ilustrações — reformulam, explicam, comprovam, ou aplicam idéias ao relacioná-las a experiências tangíveis.

Etapas no Desenvolvimento de Mensagens Expositivas

1. Selecionando a Passagem
2. Estudando a Passagem
3. Descobrindo a Idéia Exegética
4. Analisando a Idéia Exegética
5. Formulando a Idéia Homilética
6. Determinando o Propósito do Sermão
7. Resolvendo como Realizar este Propósito
8. Fazendo o Esboço do Sermão
9. Preenchendo o Esboço do Sermão
10. *Preparando a Introdução e a Conclusão,* pág. 107.

Capítulo 8

Comece com um Estrondo e Termine com Tudo Completo

As introduções e as conclusões têm relevância num sermão além da proporção da sua duração. Durante a introdução, o auditório obtém impressões de um preletor que freqüentemente determinam se aceitará o que ele diz, ou não. Se ele parece nervoso, hostil, ou despreparado, estão dispostos a rejeitá-lo. Se ele parece alerta, amistoso, e interessante, decidem que é uma pessoa capaz, com uma atitude positiva para consigo mesmo e seus ouvintes.

Etapa 10 Prepare a introdução e a conclusão do sermão.

A Introdução

A introdução apresenta à congregação a idéia e seu desenvolvimento. As características das introduções eficazes se desenvolverão a partir desse propósito.

Atrai a Atenção

Uma introdução deve atrair a atenção. Quando o ministro sobe ao púlpito, não ousa pressupor que a congregação está assentada com expectativa na beira dos bancos, esperando seu sermão. Na realidade, provavelmente estão um pouco entediados, e acalentam uma suspeita de que ele tornará a situação pior. Um provérbio russo oferece sábio conselho ao pregador: "Acontece com os homens o mesmo que com os asnos: quem quiser segurá-los firme deve agarrar-se muito bem às suas orelhas!" As palavras iniciais de um sermão não precisam, portanto, ser dramáticas; nem sequer precisam ser simples; mas devem ir atrás das mentes dos ouvintes para forçá-los a escutar. Se o pregador não captar a atenção durante os primeiros trinta segundos, talvez nunca a conseguirá de modo algum.

As possibilidades para uma declaração de abertura que exige a atenção são tão simples quanto a criatividade do ministro. Talvez comece com um paradoxo: "Muito dos filhos de Deus vivem como se fossem órfãos."

Pode empregar um pensamento familiar numa situação infamiliar "A honestidade é a melhor prática." Quando alguém diz isso talvez não seja honesto de modo algum. Talvez seja meramente astuto."

As perguntas retóricas apelam à atenção: "Se fosse possível para Deus morrer, e Ele morresse hoje de manhã, quanto tempo levaria para você ficar sabendo?"

Um fato ou estatística alarmante faz com que um auditório escute: "Um casamento em três acaba no tribunal do divórcio. Apenas um casamento em seis é feliz.".

Depois de ler o texto, o pregador pode fazer um comentário provocador acerca dele: "Há um toque delicioso de humor neste texto. Jesus fala com tremenda seriedade, mas isto não impede Seu riso."[1]

As vezes, o humor capta a atenção: "Um negociante, completando seu exame médico anual, recebeu esta garantia do seu médico: "O senhor está tão sólido quanto um cruzeiro!" O homem desmaiou.

A própria passagem pode ser a base de atenção: "Para muitas pessoas, Hebreus, capítulo seis, é a passagem mais desconcertante da Bíblia." O expositor pode ir diretamente à passagem: "Nesta manhã, gostaria de começar ao fazer uma confissão. Gostaria de trazer-lhes a mensagem doutro pregador. É assim, afinal das contas, que Salomão, o autor de Eclesiastes, se apresentava."

As pessoas se endireitam nos bancos e escutam diante de perspectiva de uma história: "Maria Mireles era uma dona de casa perto dos quarenta anos de idade. Considerava-se jovem e ainda atraente embora já tivesse quinze anos de casada e fosse a mãe de três filhos. No decurso de um só mês, transformou-se em mulher velha e feia."

Noutras ocasiões, o pregador atacará diretamente seu assunto: "Se você alegar ser cristão, deverá crer na Trindade."

Seja como o ministro começar, deve aproveitar ao máximo suas primeiras vinte e cinco palavras para agarrar a atenção. Uma abertura que toma posse dos ouvidos promete que aquilo que se segue deve valer trinta minutos do tempo de todos os presentes.

Traz as Necessidades à Superfície

Uma introdução eficaz também traz a necessidade à superfície. O pregador deve transformar a atenção involuntária em voluntária, de modo que as pessoas escutem não somente porque devem, mas também porque querem. Paul O'Neil, um escritor na revista *Life*, evolveu a Lei de O'Neil: "Sempre agarre o leitor pela garganta no primeiro parágrafo, afunde seus dedões na sua traquéia no segundo, e segure-o contra a parede até o ponto final."[2] O cientista social Arthur R. Cohen chegou à conclusão de que quando os auditórios recebem informações que vêm de encontro às suas necessidades, duas coisas acontecem: (1) realiza-se mais aprendizagem; e (2) as opiniões se transformam de modo mais rápido e mais permanente do que quando as informações são dadas sem serem aplicadas à vida.[3] Tudo isto diz que o ponto de contato importante com uma congregação acha-se em responder às perguntas: "Por que levantar este assunto? Por que preciso escutar?"

Charles R. Swindoll começou um sermão baseado em II Coríntios 1:3-11 por meio de levantar uma pergunta que deixa exposto o nervo vivo da necesidade:

> El Tablazo parecia tão perto. Perto demais. Aconteceu tão depressa. Explodindo contra o pico serrado de quase 5.000 metros de altura, o DC-4 desintegrou-se com um grito metálico.
>
> Aquilo que sobrara do vôo das Linhas Aéreas Avianca com destino a Quito, Equador, caiu loucamente em chamas pelo encosto da montanha abaixo, para dentro de um desfiladeiro profundo. Um só momento terrível iluminou uma fria montanha da Colômbia em plena noite, e então a escuridão voltou. E o silêncio.
>
> Antes de deixar o aeroporto mais cedo naquele dia, um jovem nova-iorquino chamado Glenn Chambers rabiscou apressadamente uma nota num papel que achara no chão do terminal. O pedacinho fazia parte de uma propaganda impressa, com uma única palavra, "Por quê?" espalhada através do centro.

Chambers, precisando de papel com pressa, rabiscou um bilhete para sua mãe, ao redor da palavra impressa no meio. Dobrando apressadamente este pensamento de último momento, colocou-o sem cuidados num envelope e deixou-o cair numa caixa de correio. Naturalmente, haveria mais notícias. Mais para dizer acerca do desabrochar de um sonho acalentado durante toda a vida, no sentido de começar um ministério com a *Voz dos Andes* no Equador.

Não haveria mais notícias, no entanto. Entre o depositar do bilhete de Chambers na caixa do correio, e a entrega do mesmo, El Tablazo arrancou seu vôo e seu sonhos do céu noturno. O envelope chegou depois da notícia da sua morte. Quando sua mãe recebeu, a pergunta pulou ardente da página para os olhos dela — Por quê?

É a pergunta que golpeia primeiro e permanece por mais tempo. Por quê? Por que eu? Por que agora? Por que isto?[4]

A necessidade pode ser tocada rapidamente. Perguntar: "Uma mulher que trabalha fora pode ser uma boa mãe? O que você acha? O que diz a Bíblia?" toca numa necessidade em menos que vinte segundos.

Os sermões pegam fogo quando a pedra bate no aço. Quando a pedra do problema de uma pessoa bate no aço da Palavra de Deus, produz-se uma centelha que fica queimando na mente. Dirigir nossa pregação em direção às necessidades das pessoas não é meramente uma técnica persuasiva; é a tarefa do ministério. Leslie J. Tizard entendeu de que trata a pregação quando declarou: "Quem quiser tornar-se um pregador deve sentir as necessidades dos homens até o assunto tornar-se em obsessão para sua alma."[5]

As necessidades assumem muitos formatos e formas. Os crentes são diferentes dos descrentes, não nas suas necessidades, mas na maneira em que estas são satisfeitas. Abraham H. Maslow, um psicólogo de renome, acredita que as necessidades se edificam umas sobre as outras. No decurso da nossa vida, avançamos de um grupo de necessidades para outro como motivações para nossas ações.[6] Certos grupos básicos de necessidades, argumenta ele, tem sua origem em nosso corpo. Estas necessidades fisiológicas são satisfeitas pelo alimento, pela bebida, pela recreação, pela expressão sexual, e pela evacuação, e se não forem satisfeitas, dominarão o pensamento e a vida

Os homens e as mulheres têm necessidades que resultam do convívio com outras pessoas. As necessidades da dependência social incluem o desejo por estima, amor e afeição, segurança, auto-realização e auto-expressão. As pessoas querem saber que são amadas, que possuem valor, que podem crescer, desenvolver-se, e realizar seu potencial.

As pessoas também precisam saber e entender. Maslow sustenta que a curiosidae como forte motivação vem somente depois de terem sido satisfeitas as necessidades físicas e de dependência social. A curiosidade pode captar a atenção no início de um sermão. Mas não fará as pessoas responder à mesma profundidade de quando entendem como Deus satisfaz seus anseios por auto-estima, afeição e amor.

Bem cedo no sermão, portanto, os ouvintes devem reconhecer que o pastor está falando a eles acerca deles mesmo. Levanta uma pergunta, sonda um problema, identifica uma necessidade, desvenda uma questão vital à qual a passagem oferece uma resposta. A aplicação começa na introdução, não na conclusão. Se um pregador que tenha até mesmo capacidades limitadas trouxer à superfície as perguntas, problemas, e dores das pessoas, e desejar tratar deles a partir da Bíblia, será aclamado como um gênio. Mais importante do que isto, fará, através da sua pregação, com que a graça de Deus se aplique às preocupações e tensões agonizantes da vida diária.

Introduz o Corpo do Sermão

As introduções devem orientar a congregação em direção ao corpo do sermão e do seu desenvolvimento. Uma introdução deve introduzir. Pelo menos, deve introduzir o assunto do sermão de tal modo que ninguém precise ficar adivinhando acerca de que o pregador planeja falar. Se somente o assunto é introduzido, então os pontos principais usualmente o completam. Por exemplo, se o ministro levantar a pergunta: "Como poderemos saber a vontade de Deus?," o auditório espera que as asseverações principais do corpo providenciem a resposta.

A introdução pode ir além do assunto e orientar os ouvintes para a idéia principal. Uma exposição de Romanos 1:1-7 que levanta a questão daquilo que deve ser feito para evangelizar a sociedade talvez leve à declaração: "Quando o efeito do evangelho é de suma importância na igreja, a força do evangelho não pode ser freada no mundo." Uma vez que a idéia já foi declarada, no entanto, o pregador deve então passar a levantar algumas destas perguntas acerca dela: o que significa isto? É verdade? Que diferença faz? Embora talvez não empregue estas palavras, deve levantar uma destas perguntas. Se deixar de fazer assim, direta ou indiretamente, o sermão já acabou, ainda que ele continue a falar por mais trinta minutos. Os sermões eficazes sustentam um senso de tensão — o sentimento de que alguma coisa a mais deve ser dita para o sermão estar completo. Quando a tensão se vai, acaba-se o sermão. Logo, através das perguntas de desenvolvimento, o pregador explora o que deve ser feito com a idéia durante o restante do sermão. Pode desenvolver-se como uma idéia explicada, uma proposição comprovada ou um princípio aplicado.

Nos sermões desenvolvidos de modo indutivo, a introdução leva ao primeiro ponto principal. Pelo que o auditório saiba, este primeiro ponto principal poderia ser a mensagem inteira. O primeiro ponto principal, portanto, deve ser ligado ao segundo ponto principal por uma forte transição, e, do mesmo modo, o segundo ao terceiro, até emergir a idéia completa do sermão.

Exibe Outras Características

Mais coisas podem ser ditas acerca das introduções. Um sermão não deve ser começado com um pedido de desculpas. Mediante um pedido de desculpas o preletor espera granjear simpatia; o melhor que consegue é merecer dó. A congregação não será persuadida por aquele pregador. Se você não estiver preparado, que a congregação descubra por si mesma. Em muitos casos, nunca ficará sabendo.

Conserve curta a introdução. Depois de obter água, pare de bombear. Infelizmente, nenhuma porcentagem nos ajuda aqui. A introdução deve ser suficientemente longa para captar a atenção, levantar necessidades, e orientar o auditório para o assunto, a idéia, ou o primeiro ponto principal. Antes de ser feito isto, a introdução é incompleta; depois disto, a introdução é longa demais. Certa senhora de idade disse acerca do pregador gaulês John Owen que levava tanto tempo pondo a mesa, que ela perdia seu apetite para a refeição.

A introdução não deve prometer mais do que ela entrega. Quando assim fizer, é como um tiro de canhão para atirar longe uma ervilha. As introduções sensacionais aos sermões medíocres assemelham-se a promessas quebradas. Quando o pregador deixa de satisfazer a necessidade que levantou, a congregação se sente enganada.

Nalgum ponto da abertura do sermão, o pregador deve ler as Escrituras. Alguns homens colocam a leitura das Escrituras imediatamente antes do sermão, visto que o

sermão deve ser uma exposição da passagem. Infelizmente, a não ser que o texto seja lido com perícia, as congregações podem considerar a leitura como um enfado necessário antes de se disporem a ouvir aquilo que é dito acerca da Bíblia. Como regra geral, passagens curtas devem seguir a introdução. Quando a Escritura segue a introdução, o auditório tem uma disposição mental que o ajuda a prestar atenção à leitura.

Use o humor com cuidado. Se dirige atenção à idéia, o riso serve de ferramenta esplêndida. Quando meramente entretém, o humor faz o sermão parecer um desapontamento. Quando o preletor enfrenta um auditório novo, o humor ajuda-o a construir uma ponte, mas piadas em demais podem levar os ouvintes a dar-lhe por perdido como comediante. Quando se usa o humor, portanto, deve ter relacionamento com o auditório, com o ministro ou com sua mensagem.

O modo do ministro subir ao púlpito conta ao auditório muita coisa acerca dele. Se avança de maneira confiante e sem pressa, a linguagem do seu corpo comunica que tem alguma coisa importante para dizer, e que seu auditório faria bem em escutá-lo. Antes de falar, o pregador deve fazer uma pausa para captar a atenção. Ele e a congregação devem começar juntos, embora talvez não terminem juntos. Deve olhar para o povo, e não para suas notas e nem sequer para sua Bíblia.

O nervosismo ocasionalmente deixa a voz aguda e guinchante. Logo, o pregador precisa de controle a fim de falar suas palavras de abertura de modo composto e relaxado. Passar a língua pelo fundo da boca ou bocejar com a boca fechada, que podem ser feitos enquanto espera para falar, reduz a tensão na garganta. Uma respiração profunda antes de começar também deixa um preletor à vontade. Um gesto largo e específico depois das primeiras frases pode dirigir a energia nervosa para um movimento positivo do corpo. Acima de tudo, o nervosismo e a tensão serão reduzidos se o ministro souber antes de se colocar em pé exatamente como começará seu sermão.

Há três tipos de pregadores: aqueles aos quais você não pode escutar; aqueles aos quais você pode escutar; e aqueles aos quais você precisa de escutar. Durante a introdução, a congregação usualmente resolve qual o tipo de preletor se dirige a ela naquela manhã.

A Conclusão

Assim como um piloto experimentado sabe que aterrisar um avião requer concentração especial, assim também o pregador capaz entende que as conclusões requerem preparativos bem-pensados. Como o piloto, o pregador perito nunca deve ter incerteza acerca de onde seu sermão aterrisará.

Na realidade, a conclusão possui tanta importância que muitos peritos a preparam em primeiro lugar a fim de que o sermão possa proceder em direção a ela num caminho reto. Quer um ministro empregue tal técnica, quer não, deve trabalhar sua conclusão com cuidados especiais. Senão, tudo acaba ficando em nada.

O propósito da conclusão é concluir — e não meramente parar. Deve ser mais do que um golpe generalizado para sair-se de uma situação embaraçosa: "Que Deus nos ajude a viver à luz destas grandes verdades." Deve ser mas do que pedir à congregação que curve a cabeça em oração de modo que o preletor possa evadir-se enquanto ninguém está olhando. Deve concluir, e o sermão deve produzir uma sensação de finalidade. Como o advogado, o ministro pede um veredito. A congregação deve ver a idéia inteira e completa, e os ouvintes devem saber e sentir aquilo que a verdade de Deus exige da parte deles. Direta ou indiretamente, a conclusão responde à pergunta: E daí? Que diferença isto faz? E as pessoas enfrentam outra pergunta: Estou disposto a permitir que Deus faça essa diferença

na minha experiência? Paul Whiteman compreendeu as exigências das introduções e das conclusões quando deu o conselho: "Quando começar, comece com um estrondo e quando terminar, termine com tudo completo!"

As conclusões assumem formatos e formas diferentes, conforme o sermão, o auditório e o ministro. Visto que o elemento de novidade acrescenta interesse à pregação, o ministro se esforçará para variar suas conclusões. Quais são alguns elementos que se empregam para aterrisar um sermão?

Um Resumo

Em muitas conclusões, o pregador olha para o terreno que foi atravessado, e reformula lições tratadas ao longo do caminho. Ao fazer assim, porém, passa em revista as asseverações importantes a fim de vinculá-las à idéia principal do sermão. O resumo liga pontos soltos. Não deve ser uma segunda pregação do sermão.

Uma Ilustração

Uma anedota que resume a idéia ou que mostra como funciona na vida acrescenta impacto a uma conclusão. A ilustração deve estar precisamente no alvo de modo que os ouvintes captem o significado num piscar de olhos sem explicação. Depois de ter oferecido a ilustração, pare. Faça com que a ilustração seja tão clara que somente uma ou duas frases precisem de ser acrescentadas — e há até mais poder quando nem delas precisa.

Peter Marshall termina um sermão sobre Tiago 4:14 com esta história fascinante:

> Uma lenda antiga conta de um mercador de Bagdá que, certo dia, mandou seu servo ao mercado. Dentro de pouco tempo o servo voltou, pálido e trêmulo, e, grandemente agitado, disse ao seu senhor: "Lá na praça do mercado fui empurrado por uma mulher na multidão, e quando me virei, vi que era a Morte que me empurrara. Ela olhou para mim e fez um gesto ameaçador. Senhor, por favor, empreste-me seu cavalo, pois terei que fugir para evitá-la. Cavalgarei até Samarra, e ali me esconderei, e a morte não me achará."
>
> O mercador emprestou-lhe seu cavalo e o servo saiu galopando com grande pressa. Mais tarde, o mercador desceu à praça do mercado e viu a Morte em pé entre a multidão. Foi para onde ela estava e perguntou: "Por que assustou meu servo hoje de manhã? Porque fez um gesto ameaçador?"
>
> "Aquilo não era um gesto ameaçador," respondeu a Morte. "Foi apenas um sobressalto de surpresa. Fiquei atônita ao vê-lo em Bagdá, pois tenho um encontro marcado com ele hoje à noite em Samarra."
>
> Cada um de nós tem um encontro marcado em Samarra. Mas este é o motivo de regozijo, e não de medo, posto que já colocamos nossa confiança nAquele que é o único que segura as chaves da vida e da morte.[7]

Uma Citação

Uma citação bem escolhida na conclusão às vezes declara a idéia do sermão em palavras mais eficazes e vívidas do que o próprio pregador consegue achar sozinho. A citação deve ser curta, e o pregador deve tê-la de cor. Umas poucas linhas tiradas de uma poesia ou hino podem captar a verdade de modo dramático. Geralmente, a poesia deve ser breve,

além de clara e aplicável. Quando o hino citado passa a ser cantado pela congregação, seu impacto pode ser duplicado. Ou, também, uma única frase tirada da Escritura que acaba de ser exposta pode resumir a passagem inteira ou aplicá-la. Quando aquele versículo volta a ser citado, sua força, aumentada pelo sermão, pode fixar a verdade na mente do ouvinte.

Uma Pergunta

Uma pergunta apropriada ou até mesmo uma série de perguntas pode concluir um sermão do domingo no mundo da segunda-feira de manhã? Uma conclusão pode responconcluir onde comecei. Vocês amam a Deus? Isto é esplêndido. Estou contente por ouví-lo. Mas você ama seu próximo? Como podemos falar acerca de amar a Deus, a quem não vemos, quando não amamos aos nossos irmãos e vizinhos aos quais estamos vendo?"

Uma Oração

Uma oração forma uma conclusão apropriada somente quando é uma petição genuína e não um dispositivo para fazer um resumo do sermão ou para fazer uma aplicação indireta ao auditório. Quando um desejo para fazer a obra de Deus emerge de uma resposta ao sermão, então pode ser expressado em oração sincera.

Orientação Específica

Certo trecho de verso de má rima relata que:

> *Quando Tommy Snooks e Bessie Brooks*
> *Passeavam no domingo,*
> *Disse Tommy Snooks a Bessie Brooks,*
> *Amanhã é segunda-feira.*

Embora este trecho possa ser votado como o ponto mais baixo em conversação social, para um pregador tem alto valor. O que é que o povo pode fazer para viver à altura do sermão do domingo no mundo da segunda-feira de manhã? Uma conclusão pode responder a esta pergunta; e se o pregador não enfrentar esta pergunta com sua congregação, pode ser que os membros não poderão responder a ela de modo algum. Nem todo sermão pode concluir com "como fazê-lo." Algumas pregações exploram questões grandiosas, e realizam seu propósito quando as pessoas entendem o problema e sua solução bíblica. Nenhum dever claro e específico pode ser declarado em detalhes. Mesmo assim, a pregação fica mais perto de incorporar-se nas estruturas da vida quando o ministro oferece orientação prática sobre como traduzir a verdade em experiência.

A Visualização

Nos desfiladeiros montanhosos do Nordeste do Pacífico, as sinalizações da estrada advertem os motoristas: "Cuidado com a Queda de Rochas." Infelizmente, quando aquelas pedras maciças vêm rolando dos seus lugares, é usualmente tarde demais para evitá-las. Nem todas as verdades podem ser postas em prática de imediato. Boa parte da pregação prepara as pessoas para as rochas que podem vir irrompendo na vida delas de modo

inesperado num futuro indefinido. A visualização projeta a congregação para o futuro e retrata uma situação na qual pode aplicar aquilo que aprendeu. A visualização deve ser suficientemente provável para qualquer pessoa poder imaginar-se naquela situação antes de ela ocorrer. Ao concluir um sermão, o pregador pode visualizar: "Não sei quando pode acontecer a você, nem como. Certa noite escura você talvez seja despertado de um sono profundo pelo tocar insistente do seu telefone. Você estenderá a mão para atendê-lo, só para ouvir uma voz do outro lado do fio dizer: 'Prepare-se para um choque — tenho notícias terríveis.' A qualquer momento você pode ver quebradas as coisas às quais dedicou a sua vida, ou alguém com quem vinculou sua vida levado embora de repente. Enquanto a vida vai desmoronando em derredor de você, precisará segurar firme esta verdade inabalável. Deus é por demais bondoso para ser cruel em qualquer momento, e por demais sábio para cometer um só erro."[8]

Algumas observações gerais precisam ser feitas a respeito das conclusões, seja qual for o formato delas. Matéria nova não deve ser introduzida numa conclusão. Estes momentos finais devem inculcar o que foi dito, e não devem desviar o auditório para novas avenidas de pensamento. O sermão propriamente dito coloca os canhões na posição certa; agora veio o momento de detonar o tiro em direção à mente e as emoções do ouvinte.

Se pretendemos ser honestos, não devemos dizer à nossa congregação que estamos para concluir, e depois deixar de fazê-lo. Palavras tais como "finalmente" ou "concluindo" prometem, com freqüência demasiada, aquilo que não cumprem. Na realidade, palavras como estas devem ser usadas parcamente. Num sermão bem planejado, as conclusões devem concluir sem anunciar de antemão a sua vinda.

As conclusões não precisam ser longas. Às vezes uma parada repentina pode ter efeito penetrante. Conclusões mal preparadas que vão perambulando à busca de uma saída deixam a congregação já olhando em direção à saída da igreja. Nas palavras de um velho fazendeiro: "Quando acabou de bombear, solte a alavanca." William E. Sangster coloca o assunto de modo claro:

> Tendo chegado ao fim, pare. Não vá fazendo cruzeiros em redor procurando um lugar para chegar à terra, como algum nadador cansado voltando do mar e chapinhando até que possa achar algum lugar inclinado na praia que possa subir andando. Chegue bem no lugar certo, e aterrisse imediatamente. Acabe o que tem para dizer e termine ao mesmo tempo. Se a frase final tiver alguma qualidade de memorabilidade crespa, tanto melhor, mas não vá tateando até achar uma assim. Que seu sermão tenha a qualidade que Charles Wesley desejou durante sua vida inteira: que a obra e o prazo terminem juntos.[9]

---

1. Clovis G. Chappell, *Questions Jesus Asked* (Nashville: Abingdon, 1948; ed reimpressa Grand Rapids: Baker, 1974), pág. 30.
2. Em George P. Hunt, "Editor's Note: Attila the Hun in a Tatteret Sweater," *Life*, 13 de novembro de 1964, pág. 3.
3. "Need for Cognition and Order of Communication as Determinants of Opinion Change," em *The Order of Presentation in Persuasion*, por Carl I. Hovland et al. (New Haven, Conn.: Universidade de Yale, 1957), págs. 79-97.
4. *For Those Who Hurt* (Portland: Multnomah, 1977).
5. *Preaching: The Art of Communication.*
6. *Motivation and Personality*, 2.ª ed. (Nova York: Harper & Row, 1970).
7. *John Doe, Disciple: Sermons for the Young in Spirit*, ed. Catherine Marshall (Nova York: Mc-Graw-Hill, 1963), págs. 219-20.

8. Para uma discussão extensiva da visualização, ver Alan H. Monroe, *Principles and Types of Speech*, págs. 327-29.
9. *The Craft of Sermon Construction*, pág. 150.

Novos Conceitos

Introdução
Características principais de uma introdução eficaz
Conclusão

Definições

Conclusão — dá à congregação uma vista geral da idéia, inteira e completa, e inculca sua verdade na mente e na vida.

Introdução — expõe a congregação ao assunto, à idéia principal, ou ao primeiro ponto principal do sermão.

Características principais de uma introdução eficaz — comanda atenção para a idéia, levanta a necessidade, orienta a congregação em direção ao corpo do sermão e ao seu desenvolvimento.

Capítulo 9

A Vestimenta do Pensamento

O pregador em Eclesiastes espera até à conclusão para registrar suas credenciais: "O Pregador, além de sábio," diz ele com franqueza que abala, "ainda ensinou ao povo o conhecimento; e, atentando e esquadrinhando, compôs muitos provérbios. Procurou o Pregador achar palavras agradáveis, e escrever com retidão palavras de verdade" (Ec 12:9-10). Para ensinar o conhecimento e para achar as palavras certas, o Pregador da antiguidade escreveu um manuscrito.

Nem todos os pregadores escrevem os sermões por extenso, e nem mesmo aqueles que escrevem assim seus sermões, escrevem cada sermão, mas a disciplina de preparar um manuscrito melhora a pregação. O escrever raspa o mofo do pensamento, dispõe as idéias em ordem, e sublinha as idéias importantes. "Escrever", conforme uma citação de Francis Bacon, "faz com que um homem exato seja exato no pensamento e na fala."

De todas as pessoas, um pregador expositivo que professa um alto conceito da inspiração deve respeitar a linguagem. Afirmar que as palavras originais da Escritura foram inspiradas por Deus e depois desconsiderar sua própria escolha de linguagem dá a impressão de inconsistência grosseira. Sua teologia, senão seu senso comum, deve dizer-lhe que idéias e palavras não podem ser separadas. Como a gelatina, os conceitos aceitam o molde das palavras nas quais são derramadas. Assim como pigmentos definem o conceito do pintor, assim também as palavras captam e dão cor ao pensamento do pregador.

O sábio de Provérbios compara a palavra devidamente falada a "maçãs de ouro em salvas de prata" (25:11). "A diferença entre a palavra certa e a palavra quase certa," escreveu Mark Twain, "é a diferença entre o relâmpago e o vaga-lume." Como qualquer autor habilidoso, o poeta inglês John Keats entendia como o estilo dá forma às idéias. Certa tardezinha, enquanto estava sentado no seu escritório com seu amigo Leigh Hunt, Hunt estava lendo enquanto Keats labutava com um poema. A certa altura, Keats olhou para cima e perguntou: "Hunt, o que pensa disto? 'Uma coisa bela é uma alegria infinda.' "

"Está bom," disse Hunt, "mas não bem perfeito."

Houve silêncio por algum tempo, depois Keats levantou o olhar mais uma vez. "E o que me diz disto? 'Uma coisa de beleza é uma alegria infinda' "

"Melhor," respondeu o amigo, "mas ainda não está bem certo."

Keats mais uma vez curvou-se sobre sua escrivaninha, enquanto sua pena fazia leves barulhos de raspar o papel. Finalmente, perguntou: "Agora, o que pensa disto? 'Uma coisa bela é uma alegria para todo o sempre'."

"Isso," disse Hunt, "sobreviverá enquanto a língua inglesa for faladal"

Quem poderia subestimar o poder das palavras? A maior parte das Escrituras que mais amamos são aquelas que expressam a verdade em linguagem encantadora — Salmo 23, I Coríntios 13, Romanos 8. Embora Paulo desdenhasse a eloqüência como coisa que

tivesse valor por si mesma, escrevia Epístolas inspiradas em linguagem inspiradora. Embora uma pintura tal como "Cristo em Emaús", por Rembrandt, possa nos deixar segurando a respiração, qualquer pessoa que generaliza que "um quadro vale mil palavras" nunca tentou captar João 3:16 (uma frase de vinte e cinco palavras) numa pintura.[1]

Há palavras lustrosas que brilham como uma aurora tropical e há palavras insípidas tão desatraentes como uma mulher anêmica. Há palavras duras que dão um soco como um profissional de boxe, e palavras tão fracas quanto chá feito com uma única mergulhada do saquinho de chá. Há palavras tipo travesseiro que consolam as pessoas e palavras frias como o aço que as ameaçam. Algumas palavras transplantam um ouvinte, pelo menos por instantes, para perto dos átrios de Deus, e outras palavras o enviam para o esgoto. Vivemos por palavras, amamos por palavras, oramos com palavras, e morremos em prol de palavras. Joseph Conrad exagerou só um pouco quando declarou; "Dê-me a palavra certa e o acento certo, e moverei o mundo!"

"Mas a linguagem não é o meu dom," protestou um servo com um só talento, que estava no processo de enterrar seu ministério. Tratando-se de dom ou não, devemos empregar palavras, e a única dúvida é se as empregaremos mal ou bem. Se um ministro quer fazer a labuta pesada, pode ficar sendo mais perito com elas do que ele é agora. Caso se compare com C. S. Lewis, Malcolm Muggeridge ou James S. Stewart, talvez tenha vontade de declarar falência. Que artífices como estes providenciem ideais em direção dos quais pode esforçar-se, mas, mesmo assim, em todo sermão qualquer ministro pode ser claro e exato em tudo quanto diz.

Nossa escolha das palavras é chamada *estilo*. Toda pessoa possui um estilo — seja brando, enfadonho, revigorador, preciso — mas o modo de usarmos as palavras ou abusarmos delas fica sendo nosso estilo. O estilo reflete como pensamos e como vemos a vida. O estilo varia entre preletores diferentes, e cada preletor alterará seu estilo para auditório e ocasiões diferentes. Discursar diante de uma classe de uma escola superior, por exemplo, permite um estilo diferente daquele que se emprega ao dirigir-se a uma congregação de domingo de manhã. A palavreada esmerada empregada num sermão de formatura soaria completamente fora de lugar num estudo bíblico num grupo pequeno.

Embora as regras que governam a lucidez no escrever também se apliquem ao sermão, ele não é uma composição levantada nas suas patas posteriores. Visto que aquilo que escreve serve apenas como preparo geral para aquilo que na realidade dirá, o manuscrito não é o produto final do pregador. O sermão não deve ser lido diante da congregação. A leitura mata o senso vivo da comunicação. Além disto, o sermão não deve ser decorado. Não somente a memorização coloca um fardo pesado nos ombros do pregador que fala várias vezes por semana, mas também o auditório percebe quando o preletor está lendo palavras da parede da sua mente. Que o pregador agonize com os pensamentos e as palavras na sua escrivaninha, e aquilo que escreve passará para seu íntimo. Depois, deve ensaiar várias vezes em voz alta, a partir do esboço, ou da sua memória do esboço, sem fazer qualquer esforço consciente para relembrar exatamente o seu manuscrito. Quando sobe ao púlpito, o texto escrito terá feito sua obra no senso de linguagem possuído pelo pregador. Boa parte da redação ocorrerá a ele enquanto prega, mas não a totalidade dela. No calor da pregação, a estrutura de sentenças será alterada, novas frases lhe ocorrerão, e sua fala cintilará como conversação espontânea. Um manuscrito, portanto, contribui ao pensamento e ao estilo do sermão, mas não os ditará.

Escrever um sermão é diferente de escrever um livro. O pregador deve escrever como se estivesse conversando com alguém, e, como na conversação, deve esforçar-se em prol do entendimento imediato. O autor sabe que uma leitora não precisa captar a idéia imediatamente. Ela pode examinar as páginas com calma, refletir sobre aquilo que já leu,

argumentar com as idéias, e avançar a qualquer ritmo que ela considera confortável. Se ela tropeçar nalguma palavra infamiliar, pode levantar-se e consultar um dicionário. Se perder o caminho do pensamento do autor, pode procurá-lo de novo. Em resumo: a leitora controla a experiência. O ouvinte não pode dar-se ao luxo de refletir às cegas; não pode voltar para escutar uma segunda vez. Se não absorver o que é dito, conforme é dito, o perderá imediatamente. Se tomar tempo para passar em revista o argumento do preletor, perderá aquilo que o pregador está dizendo agora. O ouvinte fica sentado à mercê do pregador, e o pregador, diferentemente do escritor, deve fazer-se entender instantaneamente.

Várias técnicas ajudam o pregador a pensar com impetuosidade e falar com clareza. Alguns ministros fazem reentrâncias nos seus manuscritos e os rotulam conforme os esboços. Ao fazerem assim, imprimem sobre suas mentes a coordenação e a subordinação do seu pensamento. Além disto, porque as transições carregam um fardo pesado na comunicação falada, tomam mais espaço no manuscrito de um sermão. O ouvinte escuta o sermão, não como um esboço, mas, sim, somente como uma série de frases. As transições ficam como placas de sinalização rodoviária para indicar para onde foi o sermão e para onde vai, e, portanto, são mais longas e detalhadas do que a matéria escrita. As transições principais relembram ao ouvinte o assunto ou a idéia central do sermão; passarão em revista os pontos principais já tratados e mostrarão como os pontos se relacionam com a idéia principal e entre si; e introduzem o ponto seguinte. Como resultado do trabalho que realizam, transições principais podem levar um parágrafo ou mais. As transições menores que ligam subpontos podem ser mais curtas: às vezes uma única palavra (*portanto, outrossim, porém, conseqüentemente*), noutros lugares uma frase (*além disto, e o que é mais, como resultado disto*), e não incomumente uma ou duas sentenças. Ao passo que um autor pode subentender as transições, um preletor as desenvolve. Transições claras, plenas e específicas parecem desajeitadas no papel, mas correm facilmente num sermão, e capacitam a congregação a pensar os pensamentos do pregador juntamente com ele.

Um Estilo Claro

Que características de estilo o pregador deve cultivar? Em primeiro lugar, deve ser claro. Talleyrand observou certa vez que a linguagem foi inventada para ocultar, e não para revelar, os pensamentos dos homens. Pessoas cultas às vezes falam como se Talleyrand tivesse sido seu instrutor de conversa. Procuram impressionar seu auditório com a profundidade do seu pensamento através da obscuridade da sua linguagem. O sermão não é profundo por ser lamacento. Qualquer coisa que tenha sido bem estudada pode ser declarada com simplicidade e clareza. Poincaré, o brilhante matemático francês, insistia: "Ninguém sabe coisa alguma acerca da matemática superior até que a possa explicar com clareza ao homem da rua!" De modo semelhante, nenhum pregador entende uma passagem da Bíblia nem uma lição de teologia a não ser que possa explicá-la com clareza à congregação sentada diante dele.

Para o pregador, a clareza é questão de moral. Se pregar ou atrai as pessoas a Deus ou as mantém longe dEle, então, por amor a Deus e por amor às pessoas, devemos ser claros. Helmut Thielicke nos lembra que o tropeço vem, não porque as pessoas não entendem, mas porque entendem bem demais, ou pelo menos temem que terão de entender.[2] Imagine uma reunião em massa na Rússia com um comunista lançando uma tirada contra o cristianismo. Alguém se põe de pé de um só pulo e grita: "Jesus é o Messias!" O auditório fica espantado, e o homem é expulso por ter perturbado a reunião. Se, porém, tivesse ex-

clamado: "Jesus Cristo é Deus! Ele é o único Senhor, e todos aqueles que transformam o sistema num deus irão para o inferno juntamente com seus líderes comunistas!" Arriscar-se-ia a ser despedaçado pela multidão. A clareza revela o escândalo do evangelho. Também providencia a vida e a esperança.

Um Esboço Claro

Como, pois, dotamos nossos sermões com clareza? Manuscritos claros desenvolvem-se a partir de esboços claros. A comunicação tem sua origem na mente; não nos dedos, não na boca, mas na cabeça. Alguns pregadores têm mentes espasmódicas. Embora tenham introspecções estimulantes, seu pensamento não segue qualquer seqüência natural, e o seu pensar em zigue-zague deixa os ouvintes correr até esgotar-se. Depois de meia-hora desnorteante na tentativa de acompanhar um preletor espasmódico, escutar um amigo enfadonho é um alívio acalmante, como pegar um gato no colo depois de segurar um esquilo. O pensamento tipo zigue-zague somente pode ser endireitado através de esboçar o pensamento global antes de trabalhar os detalhes. Labutar com um parágrafo ou sentença não tem razão de ser a não ser que o pregador saiba o que deseja dizer. Manuscritos claros se desenvolvem a partir de esboços claros.

Sentenças Curtas

Além disto, para ter clareza é necessário conservar curtas as orações. Rudolph Flesch em *The Art of Plain Talk* insiste que a clareza aumenta à medida em que diminui o comprimento das sentenças. Segundo a fórmula dele, um escritor claro terá uma média de dezessete ou dezoito palavras por sentença, e não permitirá que qualquer sentença vá escapulindo além de trinta palavras.[3] No manuscrito do sermão, as orações curtas evitam que o pensamento se emaranhe e, portanto, são mais fáceis de serem lembradas. Quando prega seu sermão, o ministro não se preocupará com o comprimento do sermão, assim como não pensa, tampouco, nas vírgulas, pontos finais ou pontos de exclamação. Ao fazer-se entendido, suas palavras vão caindo em sentenças longas, curtas, e até mesmo quebradas, pontuadas por pausas, deslizes vocais, e variações na altura do som, no compasso e na força. Embora as sentenças curtas no manuscrito sirvam à sua mente têm pouco a ver com sua entrega do sermão.

Estrutura Simples das Sentenças

Conserve simples a estrutura das orações. Um estilo mais claro, mais energético, emerge quando seguimos a seqüência do pensamento: sujeito, verbo, e (quando necessário) objeto. No jargão dos gramáticos, concentre a atenção sobre a cláusula independente antes de acrescentar as cláusulas dependentes. (Uma cláusula independente pode constar sozinha como sentença completa; uma cláusula dependente não pode). Se entrarmos numa sentença sem definirmos aquilo que queremos enfatizar, usualmente acabamos ressaltando detalhes insignificantes. Se acrescentarmos um número demasiado de cláusulas dependentes, complicamos nossas sentenças, fazendo com que sejam mais difíceis de serem entendidas e lembradas. O estilo será mais claro se acondicionarmos um pensamento em uma sentença. Para dois pensamentos, use duas frases. Arthur Schopenhauer repreendia os alemães: "Se é coisa impertinente interromper outra pessoa enquanto estiver falando, é não menos impertinente interromper a você mesmo." Frases

complicadas têm uma desvantagem adicional. Reduzem a velocidade do desenvolvimento do sermão. Conforme a expressão de Henry Ward Beecher: "Uma vara com folhas não dói."

Palavras Simples

Palavras simples também contribuem para um estilo claro. Ernest T. Campbell conta de certo humorista que, num momento de frustração, declarou: "Toda profissão é uma conspiração contra o leigo."[4] Qualquer cidadão que já teve de entender-se com uma Declaração para o Imposto de Renda gostaria de saber por que o Ministério da Fazenda não pode dizer claramente o seu sentido. Os advogados garantem sua posição ao embalsamar o direito em "linguagem jurídica." Os cientistas mantêm à distância o homem comum ao apelar a símbolos e linguagem que somente os iniciados entendem. Os teólogos e ministros também, segundo parece, conservam seu emprego ao fazer uso de linguagem que deixa desnorteados os mortais comuns. O vocabulário especializado ajuda os profissionais dentro de uma disciplina a comunicarem entre si, mas torna-se um jargão quando é empregado sem necessidade. Embora gaste quatro anos para passar por um seminário, pode levar dez anos para o efeito passar. Se o pregador condimenta seus sermões com palavras tais como *escatologia, angst, pneumatologia, exegese, existencial, joanino,* levanta barreiras contra a comunicação. O jargão combina a pretenciosidade de palavras "grandes" com a morte do chavão, e freqüentemente se emprega para impressionar um auditório ao invés de informá-lo.

Use uma palavra curta a não ser que uma palavra mais longa seja totalmente necessária. Este pensamento marca um gol a favor da simplicidade e da clareza quando diz: "Jovem, quando revira o dicionário Caldas Aulete para descobrir palavras suficientemente grandes para transmitir seu significado, pode ficar sabendo que não está querendo dizer muita coisa." Palavras longas têm paralisia nas suas caudas. Corre a seguinte lenda: há poucos anos, um jovem redator preparou uma propaganda para um novo tipo de sabonete: "O elemento alcalino e as gorduras neste produto estão misturados de tal maneira a assegurar-se da mais alta qualidade de saponificação, juntamente com uma gravidade específica que o mantém na superfície da água, o que alivia o banhista da inconveniência e do aborrecimento de procurar pescá-lo no fundo da banheira no decurso das suas abluções "Um homem mais experiente na propaganda captou a mesma idéia numa só palavra simples: "Flutua". George G. Williams sustenta que entre 70 e 78 por cento das palavras empregadas pelos célebres autores W. Somerset Maugham, Sinclair Lewis, Robert Louis Stevenson e Charles Dickens têm uma só sílaba.[5] Em inglês, 73% das palavras de Salmo 23, 76% das palavras da Oração do Senhor, e 80% das palavras em I Coríntios 13 são palavras de uma só sílaba.

Não importa quão exatamente uma cláusula ou palavra expressa o significado de quem fala, não tem valor algum se os ouvintes não sabem o seu significado. "Fale," disse Abraham Lincoln, "de tal modo que os mais humildes possam entender, e os demais não terão dificuldade alguma." Billy Sunday, o notável evangelista, entendia o valor da simplicidade quando disse:

> Se um homem fosse pegar um pedaço de carne, cheirá-la e parecer enojado, e seu menininho fosse perguntar: "O que há de errado com ela, pai?, e este dissesse: "Está passando por um processo de decomposição na formação de novos elementos químicos," o menininho ficará totalmente desnorteado. Se, porém, o pai dissesse: "Está podre," então o menino entenderia e seguraria seu nariz. *Podre* é uma boa

palavra popular, e você não precisa olhar num dicionário para descobrir o que significa.[6]

Não se quer dizer que o ministro deva falar à sua congregação como sendo ignorante. Ao invés disto, sua regra prática deve ser: Não superestimar o vocábulo do povo, nem subestimar sua inteligência.

Um Estilo Direto e Pessoal

Além da clareza, uma segunda característica principal do estilo é que deve ser direto e pessoal. Embora o sermão escrito seja endereçado "a quem interessar possa," é pregado aos homens e mulheres num culto da Primeira Igreja Batista em 15 de julho perto da Rua Nove e da Rua das Olmeiras, às onze horas da manhã. O escritor e o leitor sentam-se a sós, distantes e desconhecidos entre si. O pregador fala aos seus ouvintes face a face e os chama pelo nome. A linguagem escrita comunica os resultados do pensamento, ao passo que a linguagem falada representa uma espontaneidade de pensamento que Donald C. Bryant e Karl R. Wallace descrevem como sendo "realização-vívida-da-idéia-no-momento-da-enunciação."[7] Logo, o sermão não deve soar como uma tese lida diante da congregação. Soa mais como uma conversa em que pensamentos estão sendo gerados e em que o pregador fala aos seus ouvintes e com eles. O preletor e o ouvinte sentem que estão em mútuo contato.

O sermão emprega o estilo da oração direta. Embora um escritor talvez diga: "Na sua conversa, o cristão deve tomar cuidado de como fala dos outros," um pregador dirá, mais provavelmente: "Vocês devem tomar cuidado ao falar dos outros." O pronome pessoal *vocês* dá ao ministro e ao auditório um senso de união. Embora *vocês* possa ser eficaz, noutras ocasiões o pregador dirá *nós* porque quer dizer "eu e vocês" O *nós* da oração direta contrasta-se com o *nós* editorial que substitui o pronome *eu*. Um *nós* editorial soa como se o pregador falasse em nome de uma comissão. O *nós* do estilo oral, como o *nós* de boa conversação, significa "vocês e eu juntamente."

O preletor empregará perguntas, ao passo que o escritor talvez não o faça. A pergunta pode convidar o ouvinte a pensar acerca daquilo que o pregador falará em seguida, e freqüentemente apresenta um ponto principal ou uma nova idéia. Pode convidar a congregação a responder aquilo que o pregador disse, e freqüentemente é empregada para concluir o sermão. As perguntas demonstram claramente que o auditório e o preletor estão face a face.

O estilo pessoal presta pouca atenção às convenções da composição escrita formal. As contrações não apresentam problemas (*d'água, u'a mãe, né?*) nem os infinitivos separados (*para bem fazer*). Aquilo que é apropriado na boa conversação encaixa-se na pregação. Não se quer dizer com isto, naturalmente, que qualquer coisa é aceitável. A gramática defeituosa ou a pronúncia falha enervam o ouvinte, como uma risadinha numa reunião de oração, e levantam dúvidas quanto à competência do pregador.

A gíria atrai avaliações de vários tipos. Quando é empregada deliberadamente, a gíria pode captar a atenção e injetar um sentimento de casualidade e informalidade no sermão. Quando é empregada impensadamente, a gíria soa trivial e até mesmo barata, e revela uma mente preguiçosa. A fala pessoa e direta não pede linguagem descuidada ou um português impróprio. A linguagem da pregação eficaz deveria ser a linguagem da conversa de pessoas educadas.

Um Estilo Vívido

Uma terceira característica do estilo eficiente é a vivacidade. Wayne C. Minnick argumenta que a comunicação que sonda a experiência do ouvinte apela à mente bem como aos sentimentos. Aprendemos acerca do mundo em que vivemos através do ouvido, da vista, do olfato, do paladar e do tato. Para levar um auditório a experimentar a mensagem, portanto, o ministro deve apelar aos sentidos.[8] O pregador faz isto diretamente através da vista e do som. A congregação vê seus gestos e expressões faciais e ouve o que diz. Além disto, estimula os sentidos diretamente através do seu uso de palavras. A linguagem leva os ouvintes a relembrar experiências do passado e responder às palavras assim como antes responderam ao evento. Por exemplo, os sucos gástricos correm quando escutamos as palavras *pão torrado com manteiga*, e cessam com um estremecer quando pensamos em baratas andando sobre ele. Ao fazer assim, o preletor capacita as pessoas a ligar uma experiência que não tiveram com sentimentos que já tiveram.

A vividez aumenta com emprego de pormenores específicos e concretos, em abundância. Rotulamos uma frase de "específica" se é explícita e exata, e "concreta" se pinta quadros na mente. A cifra Cr$ 120.923.212,92 é específica até o último centavo, mas não é concreta. A cifra Cr$ 275,00 na sua conta mensal de eletricidade é concreta. Você não pode visualizar a primeira cifra, mas quanto à segunda, pode. Pormenores específicos acrescentam interesse se são concretos. Comunicam porque se relacionam com as experiências do auditório. Logo, ao invés de dizer "produtos agrícolas", diga "repolho, pepinos e laranjas." Ao invés de "arma", diga "cano pesado de chumbo." Ao invés de "cidades principais, " seja específico: "Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo ou Curitiba." A seguinte declaração é abstrata: "No decurso da experiência humana, observamos que os eventos da nossa existência têm características cíclicas distintas. A consciência destas orientará o observador para um alto grau de apropriabilidade nas suas ações." O pregador em Eclesiastes expressou esse mesmo pensamento da seguinte maneira: "Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo propósito debaixo do céu: Há tempo de nascer, e tempo de morrer; . . . tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de saltar de alegria; . . . tempo de estar calado, e tempo de falar" (3:1-7).

Como um artista ou novelista, o ministro deve aprender a pensar em quadros, ou seja: deve visualizar detalhes. Gustave Flaubert deu uma tarefa escrita para seu discípulo na arte de escrever, Guy de Maupassant: "Você deve descer à estação (de trem), onde achará cerca de cinqüenta carruagens. Todas parecem bem semelhantes, mas não são iguais. Escolha uma, e descreva-a tão acuradamente que quando ela passar por aqui não terei qualquer possibilidade de deixar de reconhecê-la."[9] A linguagem concreta desenvolveu-se primeiramente como modo de ver, e depois como modo de escrever e falar. A não ser que observemos a vida, não poderemos representá-la com clareza.

A vividez desenvolve-se quando deixamos os substantivos e os verbos transportarem aquilo que queremos dizer. Os adjetivos e os advérbios atravancam a fala e fazem companhia às palavras fracas. Segundo E. B. White: "Ainda não foi construído um adjetivo que possa arrancar um substantivo fraco ou inacurado fora de lugar apertado." Substantivos e verbos fortes ficam sozinhos. O "homem alto" deve ficar sendo um "gigante"; uma "ave grande", um "pelicano." Diga: "berrou" ao invés de "falou alto"; ou "galopou" ao invés de "foi depressa." Tenha especial cuidado com qualificadores tais como *muito, tão, bem, um pouco, demasiado.* Revelam a falta de escolher palavras de substância. "Escaldante"tem força, "muito quente" não tem; "excruciante" dói mais do que "doloroso demais"; e "cintilante" pinta um quadro melhor do que "tão interessante." Ao escolher verbos, faça uso de verbos vivos. Os verbos finitos ativos fazem as frases avançar. O

princípio a seguir é: "Alguém faz alguma coisa." Verbos passivos chupam a vida da fala. "Opiniões e julgamentos são formados por nós na base daquilo que temos conhecido" soa como frase morta. "Pensamos conforme conhecemos" possui vitalidade. "Uns bons momentos foram passados por todos" fica aí parado, ao passo que "Todos se divertiam" avança.

Verbos, assim como os substantivos, despertam a imaginação quando são exatos. Ele "foi" coloca a pessoa no seu destino, mas não tão claramente como "arrastou-se", "foi tropeçando", "engatinhou", "cambaleou." Ela "grita", "uiva", "arenga", "sussurra" nos informa aquilo que "diz" não nos informa.

A vividez também aumenta quando você emprega novas figuras de linguagem. Metáforas e símiles produzem sensações no ouvinte ou levam-no a relembrar quadros de experiências anteriores. Alexander Maclaren estimula o senso do toque quando diz: "A totalidade do pecado está interligada num entrelaçamento gosmento como um campo de algas marinhas de tal modo que uma vez que o homem fica preso nos seus dedos limosos, tem quase a certeza de afogar-se." George Byron apela à vista quando nos conta:

> *O assírio desceu como um lobo contra o curral,*
> *e suas coortes brilhavam com prata e com ouro.*

Charles H. Spurgeon captou os sentidos num símile que se refere a uma era passada "quando o grande universo ficava na mente de Deus como florestas a nascer na tacinha da bolota." Alfred North Whitehead evocou um quadro quando refletiu: "O conhecimento não se conserva melhor do que o peixe." Figuras de linguagem poupam tempo ao encaixar mais coisa numa só frase do que um preletor esbanjador expressa num parágrafo inteiro. Considere umas poucas:

> frases tipo folha de figueira que encobrem a ignorância nua; palavras que foram escavadas por dentro e recheadas de chantili
> chavões que caem como lápides por cima de idéias mortas. Se o protestantismo for achado morto, o sermão será o punhal no seu coração.
> Evitou as questões difíceis e pegajosas como se estivesse dando passos ao redor de poças de asfalto quente.

As metáforas e os símiles, como as lagostas, devem ser servidos frescos. Tanto o significado literal quanto o figurado deve atingir a mente ao mesmo instante. Quando a imagem literal vai-se desgastando porque a comparação já foi trabalhada demais, a figura perde sua força. O ouvinte fica surdo à melodia delas. As seguintes figuras anteriormente golpeavam com a força de um soco duplo de boxe, mas agora quase nem sequer nos tocam:

> o alcance da igreja
> testado e verdadeiro
> o mundo perdido e morimbundo
> o crente nascido de novo
> salvando almas
> almas como seu salário
> ouvintes na radiolândia
> o Deus escutador e respondedor das orações
> ficar como uma perna em cada lado da cerca

Quando uma comparação ficou mofada, jogue-a fora e surja com uma nova que esclarece a lição e conserva o auditório em estado de alerta. A relevância demonstra-se no estilo e

não somente no conteúdo. Devemos falar a mensagem eterna nas palavras de hoje. O ministro deve estudar os anúncios nos jornais e os comerciais no rádio e na TV para achar linguagem facilmente entendida que fala às pessoas que são prisioneiros da nossa cultura. A observação nos diz aquilo que os testes da lingüística comprovaram — boa parte da linguagem empregada em nossos púlpitos é "imprecisa, irrelevante, e insignificante."[10]

O estilo eficaz não pode ser ensinado como uma fórmula matemática. O domínio da "palavra bem vestida" exige um olho para ver os detalhes e uma busca de semelhanças relevantes entre coisas que usualmente não se associam entre si. Em resumo, acabar com a fala vulgar e esgotada exige imaginação. Na pregação expositiva, nada tem sido mais necessário — e nada tem faltado mais. Os expositores que representam o Deus criador não ousam tornar-se, segundo a descrição de Robert Browning, "cabeças-duras nunca tocadas por uma centelha."

Como você pode esquivar-se do pecado de soar desinteressante?

1. *Preste atenção ao seu próprio emprego de linguagem.* Na conversação particular, não mude sua mente para o ponto morto, nem use frases que giram a esmo ao invés de pular. Cultive a escolha de comparações novas, e descobrirá que são mais fáceis de usar na hora de pregar. Beacher dá este testemunho acerca de ilustrações que também se aplica ao estilo: ". . . enquanto as ilustrações são tão naturais para mim quanto o respirar, emprego cinqüenta agora em comparação com uma que empregava nos primeiros anos do meu ministério. . . Desenvolvi uma tendência que estava latente em mim, e me eduquei quanto a isto; e isso, também, mediante o estudo e a prática, por muito pensamento, e por grande número de ensaios, tanto por escrito, quanto extemporaneamente, sozinho, enquanto andava para lá e para cá."[11]

2. *Estude como os outros empregam a linguagem.* Quando um escritor ou preletor sacode você até você ficar despertado, examine como o fez. Visto que a poesia explode com símiles e metáforas, estudar poemas desenvolve um tato por linguagem figurada.

3. *Leia em voz alta.* Ler em voz alta faz duas coisas para você. Em primeiro lugar, seu vocabulário aumentará. Como crianças, aprendemos a falar por meio de escutar e imitar muito tempo antes de sabermos ler ou escrever. Ler em voz alta cria de novo aquela experiência. Em segundo lugar, à medida em que lê um estilo melhor do que o seu, novos padrões de fala e palavras criativas serão gravados sobre seu sistema nervoso. Desenvolverá um tato para a linguagem que faz quadros. Leia para sua esposa e seus filhos de modo que seja forçado a interpretar aquilo que lê. Leia novelas, peças de teatro, e especialmente a Bíblia. A Versão de Almeida apresenta a verdade de Deus em português clássico, e a Bíblia Viva e a Bíblia na Linguagem de Hoje a colocam em português atual e popular. Todas podem nos ensinar um bom estilo.

---

1. Kyle Haseldon, *The Urgency of Preaching,* pág. 26.
2. *Encounter with Spurgeon,* pág. 34.
3. Págs. 38-39.
4. *Locked in a Room with open Doors* (Waco, Tex.; Word, 1974), pág. 46.
5. *Creative Writing for Advanced Classes,* pág. 106.
6. Em Peter R. Pelsma, *Essentials of Speech,* pág. 193.
7. *Fundamentals of Public Speaking,* 3.ª ed., pág. 129.
8. *The Art of Persuasion,* cap. 7.
9. Em Christian Gauss, *The Papers of Christian Gauss,* ed. Katherine Gauss Jackson e Hiram Haydm (Nova York: Random, 1957), pág. 145.
10. Donald O. Soper, *The Advocacy of the Gospel,* pág. 36.
11. *Yale Lectures on Preaching,* pág. 175.

Novos Conceitos

Estilo
Características de um estilo eficaz para sermões
    claro
    direto e pessoal
    vívido

Definições

Estilo — a escolha de palavras.

Capítulo 10

Como Pregar de Modo que as Pessoas Ouçam

A maioria dos livros sobre a homilética diz muita coisa acerca do desenvolvimento dos sermões mas pouca coisa acerca da sua entrega. Parece que os pastores tomam sua orientação destes textos para pregação. Embora o ministro gaste muitas horas por semana na construção do sermão, raras vezes dedica umas poucas horas por ano ao pensar sobre a entrega. Mesmo assim, os sermões não entram no mundo como esboços ou manuscritos. Têm vida somente quando são pregados. Um sermão pregado sem capacidade já nasce morto.

A eficácia dos nossos sermões depende de dois fatores: o que dizemos e como o dizemos. Os dois são importantes. Sem conteúdo bíblico, relacionado com a vida, nada temos que valha a pena comunicar; mas sem uma entrega perita, não transmitiremos nosso conteúdo para a congregação. Na ordem da relevância, os ingredientes que compõem o sermão são o pensamento, a disposição, a linguagem, a voz, e os gestos. Na prioridade das impressões, no entanto, a ordem é invertida. Os gestos e a voz emergem como os fatores mais determinantes. Cada estudo empírico da entrega e do seu efeito sobre o resultado de um discurso ou sermão chega à conclusão idêntica: a entrega é de máxima importância.[1]

Não somente a voz e os gestos do preletor impressionam em primeiro lugar os sentidos do auditório, mas também suas inflexões e ações transmitem seus sentimentos e atitudes mais acuradamente do que suas palavras. Durante a década de 1970, estudiosos em várias disciplinas — psicologia, antropologia, sociologia, e comunicações verbais, para mencionar algumas poucas — investigaram os efeitos da comunicação não-verbal. Estes pesquisadores observaram como transmitimos mensagens pelo modo de nos sentarmos ou de ficarmos em pé, pelas expressões faciais, pelos gestos, e até pelo espaço que deixamos entre nós mesmos e as pessoas com as quais nos encontramos.[2] Como subproduto destes estudos, vários livros de bolso prometeram que interpretariam esta linguagem silenciosa de tal maneira que os leitores pudessem usá-la visando suas vantagens pessoais. A alegação exagerada destes livros provavelmente produziu tantos céticos quanto fiéis. As diferenças individuais e culturais na comunicação não-verbal tornam as definições dogmáticas do significado da linguagem do corpo simplistas e possivelmente perigosas. Por exemplo, asseverar que os braços dobrados através do peito revelam que o indivíduo deseja excluir todos os indivíduos ao seu redor é como dizer que a palavra *modelo* sempre se refere a uma réplica em escala pequena de um objeto maior.

Mesmo assim, nenhuma pessoa observadora negaria seriamente que comunicamos mensagens mesmo quando não falamos. Os amigos acreditam que uma das medidas da profundidade do seu relacionamento se acha na sua capacidade de entender um ao outro mesmo quando estão sentados juntos em silêncio. Determinamos que conhecidos casuais ou até mesmo os estranhos, estão amigáveis, zangados, ou preocupados pela sua postura,

expressões faciais, ou tom de voz. Sorrisos, carrancas, olhares encarados, piscadas de olhos, ou olhadelas, nos afetam quanto ao gostarmos ou não gostarmos, confiarmos ou desconfiarmos das pessoas que ficamos conhecendo. O escritor de Provérbios entendeu bem o poder da comunicação não-verbal quando declarou: "O homem de de Belial, o homem vil, é o que anda com a perversidade na boca, acena com os olhos, arranha com os pés e faz sinais com os dedos. No seu coração há perversidade; todo o tempo maquina o mal; anda semeando contendas" (Pv 6:12-14). Os olhos, as mãos, o rosto e os pés dizem tanto a uma congregação quanto as palavras que pronunciamos — e mais, na realidade. O psicólogo Albert Mehrabian reduz tudo isto a uma fórmula. Somente 7 por cento do impacto da mensagem de um preletor advém através das suas palavras; 38 por cento brota da sua voz, 55 por cento das expressões do seu rosto.[3]

Várias observações podem ser tiradas desta pesquisa, no que diz respeito aos pregadores e à pregação. Em primeiro lugar, a linguagem não-verbal possui importância estratégica no falar em público. Quando nos dirigimos a uma congregação, três redes de comunicação diferentes operam ao mesmo tempo: nossas palavras, nossa entonação, e nossos gestos. Todas as três comunicam idéias. Quando o ator George Arliss leu pela primeira vez a peça de teatro *Disraeli,* aconselhou o autor a remover duas págians. "Posso dizer aquilo com um olhar," disse ele. "Qual olhar?" perguntou o autor. Arliss demonstrou, e as páginas foram retiradas.[4] Na realidade, as ações freqüentemente podem ser mais expressivas do que as palavras. Colocar um dedo nos lábios significa mais do que "Fique quieto". Abrir os olhos e levantar as sobrancelhas expressa uma surpresa que as palavras não conseguem expressar, e encolher os ombros comunica uma idéia que está além das palavras. De modo geral, porém, os elementos não-verbais mais freqüente comunicam emoções e atitudes. Edward T. Hall resume as conclusões dos cientistas sociais quando observa: "Além daquilo que dizemos com nossa linguagem verbal, estamos constantemente comunicando nossos verdadeiros sentimentos em nossa linguagem silenciosa — a linguagem do comportamento."[5]

Em segundo lugar, as pesquisas e a experiência concordam que, se as mensagens não-verbais contradizem as verbais, os ouvintes terão mais probabilidade de acreditar na linguagem silenciosa. Parece mais difícil mentir com o corpo inteiro do que com os lábios somente. É este o impacto da observação de Sigmund Freud: "Nenhum mortal pode guardar um segredo. Se seus lábios ficam em silêncio, tagarela com as pontas dos seus dedos; a revelação do segredo escoa dele a cada poro." As palavras do pastor talvez insistem: "Isto é importante," mas se sua voz soa vazia e sem expressão, e seu corpo fica mole, a congregação não acreditará naquilo. Se o pregador sacode seu punho cerrado diante dos seus ouvintes, ao dizer em tons de ralhar: "O que esta igreja precisa é de mais amor e profunda solicitude uns para com os outros!" as pessoas nos bancos da igreja ficarão em dúvida quanto a ele saber daquilo que está falando. Visto que vasta quantidade da pregação envolve atitudes que ou reforçam ou contradizem aquilo que nossas palavras proclamam, o pregador não pode arriscar-se a desconsiderar a entrega.

Em terceiro lugar, a entrega eficaz começa com desejos. O filósofo-humorista Abe Martin sugeriu: "Há mais diferença entre um profissional e um amador do que qualquer outra coisa no mundo!" Ao falar em público, o amador fala palavras. O profissional, do outro lado, possui um desejo profundo para comunicar. O amador se satisfaz se consegue pôr suas idéias fora da sua cabeça, ao passo que o profissional esforça-se para as colocar em nossas cabeças. No pregador, o conhecimento técnico e o treinamento na arte de falar em público não podem substituir a convicção e a responsabilidade. Ter alguma coisa para dizer a uma congregação, que você quer que ela entenda e viva à altura providencia o estímulo essencial para a boa pregação. Produz o âmbito emocional para falar. Logo, uma

boa entrega do púlpito se assemelha a uma conversação viva. Quando nos concentramos em idéias para fazer os outros entendê-las, a entrega vem naturalmente; não emerge de seguir como escravo uma coletânea de regras. Charles R. Brown nas suas preleções em Yale sobre a pregação descreveu a obra de púlpito de George Macdonald em Londres

> Leu como leitura bíblica daquela manhã o capítulo onze de Hebreus. Quando veio a hora para o sermão, disse: "Todos vocês ouviram acerca destes homens de fé. Não procurarei dizer-lhes o que é a fé — existem professores de teologia que podem fazê-lo muito melhor do que eu. Estou aqui para ajudar vocês a crerem." Seguiu-se então uma manifestação tão simples, sincera e majestosa da própria fé que aquele homem tinha naquelas realidades invisíveis que são eternas, que gerou a fé nas mentes de todos os seus ouvintes. Seu coração estava no seu trabalho, e sua entrega era eficaz porque se fundamentava na beleza genuína da sua própria vida interior.[6]

"Seu coração estava no seu trabalho". Nenhuma regra pode substituir isso. A sinceridade, o entusiasmo e a seriedade profunda rompem barreiras que permitem o próprio-eu verdadeiro a libertar-se. Nesse sentido, a entrega eficaz aproxima-se ao intercâmbio da conversação de todos os dias.

Dizer que a pregação no púlpito se assemelha à conversação, porém, não quer dizer que nossos modos comuns de falar são necessariamente os modos melhores que temos. Nossa maneira de conversar em particular desenvolve-se de um acúmulo de hábitos adquiridos no decurso da vida. Podemos adquirir hábitos inferiores de comunicação assim como desenvolvemos maus hábitos de postura ou de alimentação. Além disto, algum comportamento que passa despercebido em situações particulares torna-se aflitivamente óbvio no falar em público. Quando nos dirigimos a um auditório, nossa posição fica sendo única e enfática. Enfiar as mãos no bolso, afagar os cabelos ou o rosto, brincar com um anel, mexer com a gravata, arrastar os pés, são a má gramática da entrega. Os maneirismos e comportamento repeticioso que lhe são particulares talvez passem desapercebidos pelos amigos e sejam tolerados por colegas, mas no púlpito gritam por atenção e desviam as pessoas daquilo que você está dizendo. No púlpito, portanto, o movimento do corpo deve ser disciplinado para ser eficaz.

No começo, tentativas para melhorar a entrega muitas vezes pareçam desnaturais. O novato talvez insista que deva abandonar o esforço, porque o ministro não é um ator, e aplicar seus esforços à entrega violenta sua personalidade. Adquirir qualquer hábito que seja, porém, usualmente envolve a auto-consciência no início. Quando, pela primeira vez, guiamos um automóvel ou começamos a jogar tênis, por exemplo, sentimo-nos mal ajeitados enquanto procuramos controlar nosso comportamento. Depois da prática e da experiência, no entanto, desaparece a auto-consciência e o comportamento recém-aprendido vem a nós com facilidade. Requer esforço e disciplina darmos a aparência de naturalidade diante do auditório.

Quais são alguns dos fatores não-verbais na pregação aos quais devemos dar nossa atenção?

Elegância e Roupas

Quando o apóstolo Paulo declarou que "Fiz-me tudo para com todos, com o fim de por todos os modos, salvar alguns" (I Co 9:22), estabeleceu uma doutrina básica da comunicação cristã. Em matérias moralmente indiferentes, o que importa não é meu sentimento mas, sim, os sentimentos e as atitudes dos outros. Visto que a arrumação e as roupas

fazem diferença em como o ouvinte responde a nós, devem fazer diferença para nós.

Uma regra básica para a arrumação e as roupas do pregador é que devem ser apropriadas para o auditório, a situação, e o preletor. Por exemplo, modas que se alteram em estilos dos cabelos, barbas, costeletas, e bigodes tornam impossíveis as regras absolutas. O ministro que tem consciência da sua comunidade e dos seus padrões não desejará permitir que seus cabelos sejam um obstáculo para seu ministério. Perguntaram a John T. Molloy, consultor de guarda-roupa para muitas das sociedades anônimas principais dos Estados Unidos, se havia alguns traços em comum entre todos os executivos bem-sucedidos. Seleciona dois: seus cabelos estão penteados e seus sapatos estão engraxados. E exigem o mesmo dos demais homens, especialmente dos subordinados. Os estudos de Molloy indicam que os cabelos desarrumados, ainda que sejam curtos, disparam fortes reações negativas noutros homens. Os cabelos, seja qual for seu cumprimento, devem ser arrumados.[7]

Um programa de exercício e de dieta apropriada pode remover de modo elegante os quilos excessivos que impedem a comunicação. É difícil acreditar que um ministro com quinze quilos de peso excessivo leva a sério as injuções bíblicas acerca do controle-próprio. A arrumação também inclui o emprego de desodorantes, de pasta de dentes, e de refrescantes do hálito. Embora a propaganda na televisão faz com que o mau hálito pareça pior do que o câncer, os odores do hálito ou do corpo podem, mesmo assim, ser tropeços que levantam paredes onde queremos pontes.

As pesquisas recentes demonstram que as roupas e a aparência nos levam a fazer julgamentos acerca de outras pessoas sem realmente termos consciência de por que fazemos estes julgamentos. Parece que o velho ditado: "As roupas fazem o homem." deva ser revisado para dizer: "As roupas expressam o homem." Embora nos vistamos para nos sentir confortáveis, as roupas devem fazer com que outras pessoas se sintam confortáveis conosco também. *Psychology Today* fez um relatório sobre um estudo de três meses de duração levado a efeito com sete vendedores para determinar a influência das roupas sobre as vendas: "Numa época em que os jeans e seus paletós aparecem até nos estabelecimentos mais sisudos, usar um terno apropriado para os negócios continua a ter importância? Nalguns negócios, é claro que sim: Quando os vendedores de uma loja masculina em Montgomery, Alabama, usaram ternos, . . . o valor médio das suas vendas foi 43 por cento mais alto do que quando usavam camisa e gravata, e 60 por cento mais alto do que quando usavam camisa com o colarinho aberto."[8]

Os pastores que se sentem inadequados para selecionar o melhor guarda-roupa para seu orçamento serão sábios se se colocarem nas mãos de um experiente vendedor de roupas na sua área. Seus conselhos acerca de roupas podem poupar dinheiro e transformar uma desvantagem em vantagem. Os ternos devem ser conservados limpos e passados. As meias devem cobrir a perna; os bolsos não devem ser salientes com uma coletânea de canetas, diários, óculos e carteira; e uma camisa recém-lavada deve ser adornada com uma gravata com nó bem feito. Os lencinhos à mostra não devem ser moles, ou, se forem levados no bolso, devem ser limpos. O ministro não comprova que é um pregador expositivo por ter a aparência de quem se vestiu olhando num texto grego e não no espelho.

Movimento e Gestos

Deus projetou o corpo humano para movimentar-se. Se a congregação quiser olhar uma estátua, poderá ir para um museu. Mesmo ali, no entanto, as estátuas mais impressionantes são aquelas que parecem vivas. Na maioria dos campos, o profissional emprega a totalidade do seu corpo. O regente de uma sinfonia, o pianista de concerto, o jogador de

basebol, o árbitro de esportes, o ator, e o jogador de golfe, todos colocam seu corpo em tudo quanto fazem. O preletor aperfeiçoado também deixa seu corpo falar por ele.

O conteúdo deve motivar o movimento. Este princípio aplica-se de duas maneiras. Alguns ministros devem movimentar-se. Ficam em pé quase sem movimento diante do seu povo, sendo pouco mais do que cabeças falantes que não deixam o corpo agir juntamente com a mensagem. Tais homens precisam libertar seu corpo para fazer aquilo que sua mente e emoções exigem. Não devem inibir as expressões físicas que acompanham o pensamento vigoroso. O pregador precisa transportar para a pregação a mesma liberdade que dá às suas mãos, braços e cabeça em conversação particular. Embora alguns de nós gesticulem mais do que outros, não devemos gesticular menos no púlpito do que fazemos em particular. Na realidade, devemos fazer nossos gestos mais largos, mais enfáticos e deliberados.

O princípio de que o conteúdo deve motivar o movimento também quer dizer que alguns preletores devem movimentar-se menos. Se andarem para frente e para trás, revelam sua inquietação, e seu movimento perturba a concentração do ouvinte. Suas ações não têm sua origem no conteúdo; apenas descarregam energia nervosa. Embora a andança deles lhes seja benéfica, pouca coisa faz em prol da congregação. Se seu movimento provém do hábito, fique parado em pé. Se provém do conteúdo, deixe suas inibições de lado e expresse-o. Por exemplo, quando introduzir um ponto novo no seu sermão, pode dar um ou dois passos de onde está em pé a fim de demonstrar visualmente a transição do pensamento. Quando aquela idéia for desenvolvida, e você proceder a outra, então pode voltar para sua posição original. Se você quiser que os ouvintes relaxem depois de um ponto principal, pode dar um passo para trás e fazer uma pausa. As instruções que Hamlet deu aos seus atores ainda estão válidas: "Ajustem a ação à palavra, a palavra à ação."

Uma parte específica do movimento total do corpo é a gesticulação que se relaciona à fala como os diagramas se relacionam ao livro. Os gestos são para expressão e não para exibição, e comunicam de várias maneiras. Os gestos nos ajudam a explicar a descrever. Se o pregador desejar retratar os muros da Babilônia, pode fazê-lo de modo mais eficaz se gesticula enquanto os descreve. Imagine as seguintes descrições sem gestos, e depois, com gestos: "A Babilônia constava como um monumento ao poderio pagão. A cidade era cercada por um sistema complexo de muros duplos; a fileira externa abrangia vinte e oito quilômetros e era suficiente forte e larga para carruagens percorrê-la. Estos muros maciços eram apoiados por torres gigantescas de defesa, e vazados por oito portões grandes."

Os gestos enfatizam nossas palavras. Contraste a declaração "Isto é extremamente importante" com as mãos penduradas soltas ao seu lado, e depois com o punho cerrado sacudindo ao dizer a palavra *extremamente*. O gesto injeta vigor na sua voz. Ao dar ênfase, se precisar esmurrar o púlpito, faça-o suavemente; e não sacuda seu dedo diante do auditório. Tal ação repreende seus ouvintes.

Os gestos mantêm o interesse e mantêm a atenção. Um objeto em movimento prende o olhar mais do que um objeto parado.

Os gestos deixam o preletor à vontade. Quando seu corpo opera para reforçar suas idéias, você se sente mais confiante e alerta.

Os gestos ajudam nossos ouvintes a experimentar o que sentimos, enquanto se identificam conosco. Num jogo de futebol, os fãs se encolhem quando um avante predileto perde o gol diante de um goleiro bem colocado; às vezes chegam a dar ponta-pé no assento abaixo deles ao olhar uma tentativa crucial de marcar um gol. Este comportamento projetivo é chamado *empatia*. Em essência, a empatia é uma resposta simpática e muscu-

lar em que seus ouvintes, de modo limitado, agem juntamente com você. Visto que estas ações subliminais abrem os sentimentos, os ouvintes sentem o que você sente e, segundo se espera, aquilo que você deseja que eles sintam acerca das suas idéias. Se o preletor se remexe, ou deixa de controlar seus gestos, suas ações refletem sua inquietação. O auditório pode contorcer-se ou dalgum outro modo ter empatia com aquelas ações, sentindo-se inquieto também. Do outro lado, se você puder, através dos seus gestos, levar sua congregação a agir e sentir-se de modo apropriado com seu pensamento e propósito — ainda que isto aconteça num nível subconsciente — aumenta a probabilidade de ganhar atenção positiva para sua mensagem.[9]

Gestos Espontâneos

Quais são algumas características de gestos expressivos? Em primeiro lugar, os gestos devem ser espontâneos. Gesticule, mas não "faça gestos." Os gestos devem desenvolver-se de dentro como o resultado da convicção e do sentimento. Embora os gestos possam ser praticados, não devem ser planejados. Se não aparecerem naturalmente durante a pregação, abra mão deles.

Gestos Positivos

Os gestos devem ser positivos, também. Quando você faz um gesto, faça-o. Um gesto desanimado nada comunica de positivo. Coloque seu corpo por detrás dele. Um simples gesto com o dedo indicador envolve não somente o dedo, a mão e o pulso, como também o braço superior, o ombro, e as costas. Até o peso do seu corpo é levemente deslocado para dar força adicional. Se um gesto parece desajeitado, talvez seja que o corpo inteiro não esteja dando-lhe apoio.

Gestos Variados

Os gestos devem ser variados. A repetição de um único gesto, até mesmo de um gesto espontâneo e eficaz, chama a atenção a ele mesmo e irrita o auditório. Por exemplo, um gesto de alavanca de bomba produz ênfase, mas quando for empregado com demasia, parece que lhe falta um poço. Fique defronte de um espelho e note de quantas maneiras diferentes pode fazer uso do seu corpo. Alguém que se deu o trabalho de contá-los insiste em que podemos produzir 700,000 sinais elementares distintos com nossos braços, pulsos, mãos e dedos.[10] Tente usar uma mão ou outra, as duas mãos, uma mão aberta, uma mão fechada, palma para cima, palma para baixo. Experimente com os braços, a cabeça, os olhos, o rosto.

Gestos Devidamente Sintonizados

Os gestos devem ser devidamente sintonizados. O gesto ou acompanha ou precede a palavra ou frase que transmite a maior parte do seu significado. Se o movimento do gesto segue a palavra ou frase, então pode parecer ridículo. Os gestos mal sintonizados usualmente refletem uma falta de espontaneidade e motivação apropriada.

O Contato com os Olhos

Por mais importante que a arrumação e o movimento seja para um preletor, o contato

com os olhos provavelmente se classifique como o meio individual mais eficaz de comunicação não-verbal que tem à sua disposição. Os olhos comunicam. Providenciam "feedback" (retorno de informações) e, ao mesmo tempo, conservam a atenção do auditório. Quando você olha diretamente para seus ouvintes, colhe indícios que lhe dizem se eles entendem aquilo que você está dizendo, se estão interessados, e se estão gostando suficientemente do sermão para continuar escutando. Um preletor alerta ajustará aquilo que diz — por exemplo, acrescentará um explicação ou ilustrações — enquanto interpreta estas respostas. Além disto, os ouvintes sentem que os ministros que "lhes olham diretamente nos olhos" querem falar com eles pessoalmente. Logo, os pastores que ficam com o olhar fixo acima das cabeças do auditório, que olham firmemente para baixo para seguir os olhos enquanto falam, colocam-se numa desvantagem aleijante. Quase sem exceção, uma congregação não escutará atentamente um preletor que não olha para ela enquanto fala. De modo igualmente significante, as pessoas desconfiam de que evita o contato com os olhos, e, como resultado, subestimam aquilo que ele diz.

Embora você se dirija a uma congregação como um grupo, fala com os membros como indivíduos. Enquanto se levanta para falar, faça uma pausa para estabelecer o contato pessoal com seus ouvintes. Faça seus olhos movimentarem-se por toda a congregação e deixe-os pairar sobre várias pessoas diferentes. No decurso do sermão, continue o contato com os olhos. Planeje de tal modo que fale com um ouvinte por vez por um ou dois segundos, olhando para os olhos daquela pessoa, depois passe para outro ouvinte. Escolha ouvintes em toda seção do auditório, e mantenha o contato com os olhos por tempo suficiente para eles saberem que você os selecionou e que está falando com eles. Se a congregação for muito grande, você pode selecionar um grupo pequeno numa das áreas, e olhar para aquelas pessoas por um momento ou mais, e depois mudar para outro grupo, e continuar a fazer assim no decurso do sermão inteiro. Tenha certeza de que não somente está olhando para seus ouvintes mas também falando com eles. Concentre em comunicar a cada um a mensagem que ansiosamente deseja que ele entenda.

Seu povo precisa de ver seu rosto. Portanto, ilumine o púlpito com uma luz forte, colocada a um ângulo que evita que seus olhos sejam lançados na penumbra. Pegue um medidor de luz e teste o foco da luz na frente da igreja. Domingo após domingo, os pregadores ficam em pé em pulpitos fracamente iluminados, e a congregação só tem uma vista indistinta do seu rosto. O púlpito deve ser colocado tão perto dos ouvintes quanto possível, e a um ângulo que lhes facilite a vista dos olhos do ministro e da gama inteira de emoções que passam pelo seu rosto.

A Entrega Vocal

A fala consiste em mais do que palavras e frases. A voz transmite idéias e sentimentos à parte das palavras. Fazemos nossos julgamentos acerca do estado físico e emocional do preletor — se está com medo, zangado, fatigado, doente, feliz, confiante — baseados no tremor da sua voz, seu volume, velocidade e altura. Visto que a voz do ministro é uma ferramenta principal na sua profissão, deve entender como seu mecanismo vocal opera, e como usá-lo com perícia.

A voz humana é produzida de modo muito semelhante ao som que é produzido por um instrumento de sopro. Assim como a palheta no instrumento deve vibrar, assim também as cordas vocais na laringe devem vibrar quando o ar é expelido dos pulmões. A voz começa, portanto, quando uma coluna de ar é bombeada dos pulmões através dos brônquios, que ligam os pulmões à traquéia. À medida em que o hálito exalado movimenta-se através das

cordas vocais na laringe, localizada na extremidade superior da traquéia, estabelece as vibrações que se tornam em ondas sonoras. Este som é então ampliado enquanto vibra na laringe, garganta, nas cavidades, e na boca. Estas cavidades, chamadas ressonadores, agem de modo semelhante à seção oca ou tampa de ressonância de um instrumento de cordas, que aumenta o volume de som feito pelas cordas. À medida em que as cavidades de ressonância mudam de formato mediante o movimento do palatar, dos queixos, dos dentes, dos lábios, da língua, e da parede posterior da faringe, produzem a qualidade final da voz. As consoantes tais como *l, p, t, d, s, r,* também são formadas enquanto estes movimentos ocorrem.[11]

Até mesmo um entendimento casual do mecanismo vocal revela que, visto que o tom é produzido na corrente exalada de hálito, uma boa reserva de hálito, regularmente controlada, é essencial. Visto que o tom começa pela vibração das cordas vocais, um impulso de cordas vocais livre de força ou tensão indevidas também é necessário. Visto que o som final resulta da modificação nas cavidades ressonadoras, deve-se prestar atenção à garganta, à boca, e aos ressonadores nasais.

A maioria dos preletores pode melhorar a qualidade da sua voz, até mesmo sem treinamento extensivo, se entenderem como são feitos os sons vocais. Por exemplo, se você respira de modo eficiente, deve expandir a área da cintura ao invés do peito. Um preletor deve ter a capacidade de recitar o alfabeto inteiro num único fôlego. Alguns ministros deixam a altura da sua voz subir quando aumentam o volume. Precisam praticar a descida da agudez enquanto sobem na força. Outros amortecem o seu som ao falar com um queixo tenso, uma língua preguiçosa, ou dentes cerrados. Ainda outros deixam uma quantidade demasiada de ar escapar enquanto falam, o que dá à voz uma qualidade de respiração. Alguns ministros falam rápido demais, e pronunciam indistintamente as palavras, ao passo que muitos falam num tom monótono. A maioria dos textos básicos acerca da elocução oferece exercícios que podem corrigir estas falhas comuns.[12] As universidades principais e muitas faculdades menores mantêm clínicas de elocução, cujo corpo docente consiste em instrutores competentes para a fala, que fornecem ajuda para os locutores com problemas mais complexos. Com tal assistência disponível, o ministro tem pouca desculpa para não desenvolver a capacidade da sua voz até ao máximo.

O preletor enfatiza o que diz em apenas quatro maneiras — pela variedade da altura, pelo impacto, pelo progresso, e pela pausa. O emprego destas, ou de uma combinação delas, fica sendo a pontuação da fala.

A Altura da Voz

A altura da voz envolve o movimento da voz para cima e para baixo da escala, em registros diferentes, com várias inflexões. Às vezes, as mudanças da altura são chamadas melodia. Se alguém perguntar, com uma inflexão que sobe rapidamente da altura baixo até à aguda, "Você crê no inferno?" está fazendo uma pergunta. Precisamente essa mesma frase, com uma mudança diferente de altura, pode subentender: "Você não quer dizer que você — você de todas as pessoas — estaria tão fora de contato com a teologia moderna ao ponto de acreditar numa superstição medieval daquelas!" Se o indivíduo responder com degraus abruptos para baixo, "Não creio assim," aquela melodia comunica: "Não, não sustento aquela posição. Certamente que não. Não me acuse de semelhante idiotice." Embora as palavras não expressem nojo, a altura o expressa.

A altura única fala de modo monótono até nos fazer adormecer ou nos cansa como quando uma criança bate com força a mesma tecla num piano. A falta de controlar a altura

de modo eficaz é, às vezes, a razão porque o humor do pregador cai por terra sem efeito. Seus ouvintes não percebem pela oscilação da voz que está brincando.

O Impacto

As variações do volume alcançam o interesse bem como a ênfase. Uma mudança da força comunica a relativa importância das idéias. Na declaração: "O Senhor é o meu pastor," há apenas seis palavras; mas se a frase for repetida seis vezes, e cada vez uma palavra diferente fosse destacada, o significado mudaria. Seções inteiras de um sermão podem ser ressaltadas se o pregador as pronuncia com volume maior.

Infelizmente, alguns pregadores não sabem qualquer outra maneira de sublinhar suas lições, e seus sermões soam como sessões de gritaria. Confundem o volume com o poder espiritual, e pensam que Deus somente fala no redemoinho. Como a altura única, a monotonia do volume invariável cansa o ouvinte. A ênfase vem através da variedade. Abaixar a voz para o nível de quase um sussurro pode grifar uma idéia tão eficazmente quanto um grito alto. A intensidade pode ser tão eficaz quanto o volume. A maioria dos ministros emprega um só grau de força, quando uma larga gama de volume poderia destacar sua entrega.

Progresso

A ênfase também pode ser obtida ao alterar a velocidade da pregação. Por exemplo, fale as palavras de Davi de aflição por causa do seu filho rebelde Absalão, "Meu filho Absalão, meu filho, meu filho Absalão! Quem me dera que eu morrera por ti, Absalão, meu filho, meu filho!" (II Sm 18:33). Depois, fale as frases bem, bem lentamente. Depois, fale a primeira frase rapidamente com sentimento, e o restante muito lentamente. A variedade da velocidade comunica significados e emoções diferentes.

No emprego da velocidade, como noutros meios de demonstrar ênfase, o segredo se acha no contraste. Enquanto recita uma história, transmite fatos ou resume uma passagem, você usualmente o faz num ritmo vivo. Depois, quando chegar a uma declaração-chave ou a um ponto principal, pode diminuir a velocidade de tal modo que a congregação aprecie sua importância. As frases faladas mais lentamente destacam-se porque estão em forte contraste com o conteúdo que as cerca. Embora as palavras também possam ser enfatizadas ao aumentar a velocidade da sua entrega, a ênfase é realizada mais freqüentemente ao reduzir a velocidade.

Alguns ministros obtiveram uma reputação por falarem depressa demais quando, na realidade, o problema talvez seja que deixam de falar de modo distinto ou de variar sua velocidade.

A Pausa

"Pelo seu silêncio," disse Rudyard Kipling, "você falará." O preletor perito reconhece que as pausas servem de vírgulas, pontos e vírgulas, pontos finais e ponto de exclamação. As pausas são os sinais de pontuação da fala. As pausas são "silêncios pensativos." Vão além de ser uma interrupção na fala, e dão ao auditório uma breve oportunidade de pensar, sentir e corresponder. A primeira palavra ou frase pronunciada depois de uma pausa se destacará daquilo que a precedeu. Para ênfase ainda mais forte sobre uma palavra ou frase, a pessoa pode fazer uma pausa *depois* dela e não somente antes. Uma pausa antes do clímax de uma história aumenta o suspense, e uma pausa dramática

introduzida quando um preletor sente profunda emoção pode comunicar sentimentos de modo mais eficaz do que as palavras. As pausas não motivadas pelo pensamento ou sentimento, porém, confundem o ouvinte, assim como a pontuação a esmo desnorteia o leitor.

Muitos preletores têm medo do silêncio. Não têm controle-próprio suficiente para fazer uma pausa por muito tempo. Sentem que devem continuar a falar de modo que o auditório não pense que se esqueceram o que querem dizer. Ao invés de fazer uma pausa, portanto, vão se apressando com uma corrente incessante de palavras — ou, pior, enchem seus sermões com bigodes de palavras tais como *ah — hmm — e — assim — pois é*. Em certos círculos religiosos, "Amém" e "Glória a Deus" são jogados no meio a esmo, e servem de nada mais do que pausas vocalizadas. Estes sons e palavras sem razão de ser nada comunicam; pelo contrário, distraem a atenção da idéia e irritam a congregação.

Uma pausa raras vezes soa tão longa ao ouvinte quanto parece ao preletor. Se você se concentrar ferozmente no seu pensamento e sentir a emoção daquilo que está dizendo, uma pausa sublinhará certos pontos importantes. Os auditórios sentem quando o preletor está pensando com grande esforço, e esperarão com ele. Uns poucos preletores podem abusar da técnica e, com pausas demasiadamente prolongadas, soar melodramáticos. A pausa deve ser suficientemente longa para chamar a atenção ao pensamento, mas não tão longa que o silêncio chame atenção à pausa.

O ministro deve ensaiar o sermão antes de entregá-lo. O ensaio testa a estrutura da mensagem. O progresso do pensamento que parecia claro no papel talvez pareça desajeitado quando a matéria é falada. À medida em que pronuncia seu sermão em voz alta, o pregador talvez mude a progressão de idéias em padrão que flui mais facilmente.

O ensaio também ressalta o estilo. Enquanto pratica, o pregador talvez ache uma frase que ilumina uma idéia de modo especialmente eficaz. Não deve ensaiar a fim de memorizar o sermão (não deve hesitar em alterar algumas palavras ou frases, uma vez que está ao púlpito). Pelo contrário, deve esforçar-se para ter uma progressão clara de pensamento e para expressá-la em linguagem que comunica aquilo que deseja dizer.

O ensaio também melhora a entrega. Um ator profissional não pensaria em comparecer diante de um auditório sem primeiramente passar oralmente pela sua matéria — usualmente muitas vezes — para ter a certeza de que lhe vem à mente facilmente. Como poderá ser falada de tal modo que seja clara? Quando deverá aumentar a força,variar a velocidade, alterar a altura da voz, ou fazer uma pausa para deixar uma linha fazer efeito? Embora o pregador seja mais do que um ator, não deverá ser menos. A entrega eficiente deve ser praticada, pois o ministro não pode pensar muito nela enquanto estiver falando. Os bons hábitos adquiridos no escritório virão à tona mais facilmente no púlpito. Os principiantes tirarão proveito ao ensaiar com a voz inteira, em pé diante de um espelho, e com o uso de um gravador. Os preletores mais experientes talvez se satisfaçam no uso da meia voz ou nenhuma voz ao repassar seus sermões. Para alguns, ficar assentado e pensar sobre o decurso do sermão, animados na sua imaginação ao ver um quadro de si mesmos diante da congregação, será suficiente. Para todos nós, tendo viajado por aquele caminho antes faz com que seja mais simples seguir de novo o mesmo caminho.

---

1. Wayne N. Thompson, *Quantitative Research in Public Address and Communication*, pág. 83.
2. Ver, por exemplo, *Journal of Communication* 22 (1972): 335-476. Esta edição inteira (n.º 4) trata da comunicação não-verbal; artigos individuais sobre o assunto aparecem com regularidade nesta revista. Ver também Robert Rosenthal et al., "Body Talk and Tone of Voice: TheLanguage Without Words," *Psychology Today* 8 (setembro de

1974): 64-68; ou Ernet G. Beier, "Noverbal Communication: How We Send Emotional Messages,"*Psychology Today* 8 (outubro de 1974): 53-56.

3. Em Flora Davis, "How to Read Body Language."
4. Em Loren D. Reid, *Speaking Well*, pág. 141.
5. *The Silent Language*, pág. 10.
6. *The Art of Preaching*, pág. 170.
7. *Dress for Success* (Nova York: Wyden, 1975).
8. Margot Slade, "Casual Clothes Are the Death of a Salesman," *Psychology Today* 13 (agosto de 1979): 29.
9. Ver Jon Eisenson e Paul H. Boase, *Basic Speech*, págs. 334-35.
10. Richard Paget, *Human Speech: Some Observations, Experiments, and Conclusions as to the Nature, Origin, Purpose, and Possible Improvement of Human Speech.*
11. Para uma discussão extensiva da base psicológica da fala ver Giles W. Gray e Claude M. Wise, *The Bases of Speech*, págs. 135-99.
12. Ver, por exemplo, Alan H. Monroe e Douglas Ehninger, *Principles and Types of Speech Communication*, págs. 203-23; ou John A. Grasham e Glenn G. Gooder, *Improving Your Speech.*

Novos Conceitos

Linguagem não-verbal

Definições

Linguagem não-verbal — gestos, expressão facial, e tom de voz que transmitem mensagens.

Apêndice 1

Respostas aos Exercícios

Exercícios no Capítulo 2

1. **Sujeito**: O teste de um bom sermão
   Complemento: Revela o que você é.
2. **Sujeito**: Por que o púlpito moderno é fraco
   Complemento: Tem desconsiderado a Bíblia.
3. **Sujeito**: A conseqüência de não crer em Deus
   Complemento: Creremos em qualquer coisa.
4. **Sujeito**: O valor de uma boa reputação
   Complemento: Vale mais do que coisas materiais.
5. **Sujeito**: Por que todos devem louvar a Deus
   Complemento: Devemos louvá-lo por Seu amor forte e por sua fidelidade eterna.
6. **Sujeito**: Por que precisamos da memória (ou, o benefício da memória).
   Complemento: Conserva-nos da insignificância.
7. **Sujeito**: Como devemos lidar com os outros.
   Complemento: Devemos tratá-los com o respeito que damos aos membros da nossa família.
8. **Sujeito**: Os benefícios de andar
   Complemento: É de benefício físico e psicológico para nós.
9. **Sujeito**: A influência atual da astrologia
   Complemento: Está atraindo mais aderentes e está se espalhando para lugares que normalmente a rejeitariam.
10. **Sujeito**: A má reputação da comida na Casa Branca
    Complemento: A reputação da cozinha da Casa Branca é imerecida.

Exercícios no Capítulo 4

1. **Sujeito**: Por que pessoas mais velhas não aprendem
   Complemento: Sentem que já sabem e estão por demais preocupadas com outros assuntos.
   Pergunta funcional sendo dirigida: É verdade? (validez)
2. **Sujeito**: Como escutar a Palavra de Deus
   Complemento: Escutar com cuidado e obedecer.
   Pergunta funcional sendo dirigida: É daí? Que diferença faz? (aplicação)

3. **Sujeito**: Como melhorar seu jogo de golfe no inverno
   Complemento: Praticar na frente de um espelho
   Pergunta funcional sendo dirigida: É verdade? (validez)
4. **Sujeito**: Como aprendemos acerca da realidade
   Complemento: Aprendemos através da experiência repetida e inconsciente.
   Pergunta funcional sendo dirigida: O que significa? (Explicação).
5. **Sujeito**: A importância da memória na música
   Complemento: Sem ela, não teríamos melodia alguma.
   Pergunta **funcional sendo dirigida**: O que significa? (explicação).
6. **Sujeito**: O efeito positivo do escândalo de Watergate
   Complemento: Aquilo que foi diversão agora ficou sendo trabalho, e aquilo que era
   zado e pervasivo.
   Pergunta **funcional sendo dirigida**: E daí? Que diferença faz? (aplicação).
7. **Sujeito**: A inversão das distinções tradicionais de recreação e trabalho
   Complemento: Aquilo que foi diversão agora ficou sendo trabalho, e aquilo que era
   trabalho agora é recreação.
   Pergunta **funcional sendo dirigida**: O que significa? (explicação).

Apêndice 2

Disposição Mecânica de Efésios 4:11-16

Versículo

11 E ele mesmo concedeu
uns (para ser) apóstolos,
outros para profetas,
outros para evangelistas
e outros para
pastores
e mestres,
12 Com vistas ao *aperfeiçoamento* dos santos,
para o desempenho do seu serviço,
para a edificação do corpo de Cristo:
13 até que todos *cheguemos*
à *unidade*
da fé
e do pleno conhecimento do Filho de Deus,
à perfeita varonilidade,
à medida da estatura da plenitude de Cristo,
14 para que não mais sejamos como *meninos*
agitados de um lado para outro,
e *levados ao redor* por todo vento de doutrina,
pela artimanha dos homens,
pela astúcia
com que induzem ao erro;
15 mas seguimos a verdade em amor,
em tudo
naquele
que é o cabeça,
(ou seja) Cristo,
16 de quem todo o *corpo*:
bem ajustado e consolidado
pelo auxílio de toda junta
segundo a justa cooperação de cada
parte, efetua o seu próprio
aumento
para a edificação de si mesmo em amor

Apêndice 3

Formulário para a Avaliação do Sermão

Os elementos de um sermão sugerido neste livro podem ser reduzidos a certo número de perguntas específicas.

Organização

Introdução

Atrai atenção? .....
Toca nalguma necessidade, direta ou indiretamente? ..... Orienta você para o assunto? ..... ou para a idéia principal? ..... ou para o primeiro ponto? ..... É de duração certa? ..... Há um propósito específico? .....

Estrutura

Está claro o desenvolvimento? ..... Está clara a estrutura global? .....
O Sermão tem uma *idéia central?* ..... Você pode declará-la? .....
As transições são claras? ..... Fazem retrospecto? .....
Há uma ligação lógica ou psicológica entre os pontos? ..... Os pontos principais têm relação com a idéia principal anterior? .....
Os subpontos têm relação clara com os pontos principais? .....

Conclusão

O sermão vai remontando a um clímax? ..... Há um resumo adequado de idéias? ..... Há apelos ou sugestões eficazes no encerrramento? .....

Conteúdo

O assunto é significante? ..... É apropriado? .....
O sermão é edificado sobre exegese sólida? .....
O preletor lhe mostra onde está no texto? ..... A análise do assunto é eficiente? ..... É lógica? ..... O preletor o convence de que tem razão? ..... O conteúdo revela originalidade? .....

Matéria de Apoio

A matéria de apoio tem relacionamento *lógico* com seu ponto? .....
É *interessante?* ..... *variada?* ..... *específica?* .....
suficiente? .....

Estilo

O preletor emprega gramática correta? .....
Seu vocabulário é correto, vívido? ..... variado? .....
As palavras são *empregadas* corretamente? ..... A escolha das palavras contribui para a eficácia do sermão? .....

Entrega

Qualidade Intelectualmente Direta

O preletor quer ser ouvido? ..... Está alerta? .....
Você sente que ele está falando com você? .....
É amistoso? ..... A entrega da mensagem soa como conversação viva? ..... As palavras são *pronunciadas* corretamente? .....

Apresentação Oral

A voz é fácil de escutar? ..... Há articulação clara? .....
Há variedade vocal? ..... O nível da *altura* do som varia? .....
Há variedade na força? ..... A *velocidade* varia suficientemente? .....
O preletor emprega *pausas* de modo eficaz? .....

Apresentação Física

Seu corpo inteiro está envolvido na entrega? ..... Faz gestos? .....
Os gestos são espontâneos? ..... amplos? ..... positivos? .....
Há maneirismos que tiram a atenção? ..... A postura é boa? .....
O preletor parece alerta? ..... Há uma boa expressão fácil? .....

Eficácia Geral

Adaptação ao Auditório

O sermão está adaptado ao seus interesses? ..... atitudes? .....
Tem relacionamento com seu conhecimento? ..... Satisfaz necessidades? ..... O preletor olha você no olho? ..... Você sente que ele tem consciência da resposta do auditório? .....

Bibliografia Seletiva das Obras Citadas

Baumann, J. Daniel. *An Introduction to Contemporary Preaching.* Grand Rapids: Baker, 1972.

Beecher, Henry Ward. *Yale Lectures on Preaching.* New York: J.B. Ford, 1872.

Blackwood, Andrew W. *Expository Preaching for Today: Case Studies of Bible Passages.* Nashville: Abingdom-Cokesbury, 1953. Reprint. Grand Rapids: Baker, 1975.

Booth, John Nicholls. *The Quest for Preaching Power.* New York: Macmillan, 1943.

Brigance, William Norwood. *Speech: Its Techniques and Disciplines in a Free Society.* New York: Appleton-Century-Crofts, 1952.

Broadus, John A. *On the Preparation and Delivery of Sermons.* Rev. ed. Edited by Jesse Burton Weatherspoon. New York: Harper, 1944.

Brown, Charles R. *The Art of Preaching.* New York: Macmillan, 1922.

Bryant, Donald C., and Wallace, Karl R. *Fundamentals of Public Speaking.* New York: Appleton-Century, 1947. 3d ed. New York: Appleton-Century-Crofts, 1960.

Cox, James W. *A Guide to Biblical Preaching.* Nashville: Abingdon, 1976.

Davis, Flora. "How Read Body Language." "In *The Rhetoric of Nonverbal Communication: Readings,* edited by Haig A. Bosmajian. Glenview, Ill.: Scott, Foresman, 1971.

Davis, H. Grady. *Design for Preaching.* Philadelphia: Muhlenberg, 1958.

Dickens, Milton. *Speech: Dynamic Communication.* New York: Harcourt, Brace, 1954.

Eisenson, Jon, and Boase, Paul H. *Basic Speech.* 3d ed. New York: Macmillan, 1975.

Flesch, Rudolf. *The Art of Plain Talk.* New York: Harper, 1946.

Grasham, John A., and Gooder, Glenn G. *Improving Your Sppech.* New York: Harcourt, Brace, 1960.

Gray, Giles, W., and Wise, Claude M. *The Baes of Speech,* 3d ed. New York: Harper, 1959.

Hall, Edward T. *The Silent Language.* Garden City, N.Y.: Doubleday, 1959. Reprint. Greenwich, Conn.: Fawcett, 1968.

Haselden, Kyle. *The Urgency of Preaching.* New York: Harper & Row, 1963.

Hayakawa, S.I. *Language in Thought and Action.* 2d ed. New York: Harcourt, Brace & World, 1964.

Howe, Reuel L. *Partners in Preaching: Clergy and Laity in Dialogue.* New York: Seabury, 1967.

Jowett, J.H. *The Preacher: His Life and Work.* New York: George H. Doran, 1912. Reprint. Grand Rapids: Baker, 1968.

Macpherson, Ian. *The Art of Illustrating Sermons.* New York: Abingdon, 1964. Reprint. Grand Rapids: Baker, 1976.

Miller, Donald G. *The Way to Biblical Preaching.* New York: Abingdon, 1957.

Minnick, Wayne C. *The Art of Persuasion.* Boston: Houghton Mifflin, 1957.

Monroe, Alan H. *Principles and Types of Speech.* 3d ed. Chicago: Scott, Foresman, 1949.

Monroe, Alan H., and Ehninger, Douglas. *Principles and Types of Speech Communication.* 7th ed. Glenview, Ill.: Scott, Foresman, 1974.

Paget, Richard. *Human Speech: Some Observations, Experiments, and Conclusions as to the Nature, Origin, Purpose, and Possible Improvement of Human Speech.* New York: Harcourt, Brace, 1930.

Pelsma, John R. *Essentials of Speech.* Rev. ed. New York: Crowell, 1924.

Reid, Loren D. *Speaking Well.* Columbia, Mo.: Artcraft, 1962.

Reu, J.M. *Homiletics: A Manual of the Theory and Practice of Preaching.* Translated by Albert Steinhaeuser. Chicago: Wartburg, 1924. Reprint. Grand Rapids: Baker, 1967.

Sangster, William E. *The Craft of Sermon Construction.* Philadelphia: Westminster, 1951. Reprint. Grand Rapids: Baker, 1972.

Sarett, Alma Johnson; Sarett, Lew; and Foster, William Trufant. *Basic Principles of Speech.* 4th ed. Boston: Houghton Mifflin, 1966.

Soper, Donald O. *The Advocacy of the Gospel.* New York: Abingdon, 1961.

Stibbs, Alan M. *Expounding God's Word: Some Principles and Methods.* Grand Rapids: Eerdmans, 1961.

Sunukjian, Donald R. "Patterns for Preaching: A Rhetorical Analysis of the Sermons of Paul in Acts, 13, 17, and 20." Th.D. dissertation, Dallas Theological Seminary, 1972.

Thielicke, Helmut. *Encounter with Spurgeon.* Translated by John W. Doberstein. Philadelphia: Fortress, 1963. Reprint. Grand Rapids: Baker, 1975.

Thompson, Wayne N. *Quantitative Research in Public Address and Communication.* New York: Random, 1967.

Thonssen, Lester, and Baird, A. Craig. *Speech Criticism: The Development of Standards for Rhetorical Appraisal.* New York: Ronald, 1948.

Tizard, Leslie J. *Preaching: The Art of Communication.* London: Allen & Unwin, 1958.

Whitesell, Faris D., ed. *Great Expository Sermons.* Westwood, N.J.: Revell, 1964.

Whitesell, Faris D., and Perry, Lloyd M. *Variety in Your Preaching.* Old Tappan, N.J.: Revell, 1954.

Williams, George G. *Creative Writing for Advanced College Classes.* Rev. ed. New York: Harper, 1954.

Wood, John. *The Preacher's Workshop: Preparation for Expository Preaching.* Chicago: Inter-Varsity, 1965.

Índice de Pessoas

Abel, 83
Abraão, 19, 62
Absalão, 135
Adão, 40
Adler, Mortimer, J., 60
Agur, 104
Acabe, 73
Albright, W.F., 44
Alsop, John R., 42
Arliss, George, 128
Arndt, William F., 42
Bacon, Francis, 117
Baillie, D.M., 98
Baird, A. Craig, 24
Barber, Cyril J., 45
Barclay, William, 19
Barker, Kenneth L., 45
Barnabas, 57
Barnhouse, Donald Grey, 58
Baruch, Bernard, 96
Bateseba, 39, 62
Bauer, Walter, 42
Baumann, J. Daniel, 63
Baumgartner, Walter, 42
Baxter, Richard, 9
Beecher, Henry Ward, 74, 121, 125
Beier, Ernst, 137
Billings, Josh, 121
Blackwood, Andrew W., 30
Blass, F.W., 43
Boase, Paul H., 137
Booth, John Nicholls, 104
Brigance, William Norwood, 30
Briggs, Charles A., 42
Bright, John, 61
Broadus, John A., 30
Bromiley, G. W., 44
Brooks, Phillips, 18
Brown, Charles R., 129
Brown, Colin, 42
Brown, Francis, 42
Browning, Robert, 96, 125
Bryant, Donald, C., 30, 122
Buttrick, George Arthur, 44
Byron, George, 124

Caim, 40
Campbell, Ernest T., 97, 121
Chappell, Clovis G., 93, 115
Chesterton, G.K., 32
Childs, Brevard S., 45
Childs, Julia, 34
Cohen, Arthur, R., 108
Conrad, Joseph, 118
Coolidge, Calvin, 23
Cowley, A.E., 43
Cox, James W., 30
Crim, Keith, 44

Dana, H.E., 43
Danker, Frederich W., 42, 45
Davi, 39, 57, 62, 99, 135
Davis, H. Grady, 10, 25, 28, 66
Debrunner, A., 43
Demas, 63
Dickens, Charles, 121
Dickens, Milton, 30
Douglas, J.D., 44
Driver, S.R., 42
Durocher, Leo, 9
Ehninger, Douglas, 137
Einspahr, Bruce, 60
Eisenson, Jon, 137
Elias, 40
Fellner, Rudolph, 69
Flaubert, Gustave, 123
Flesch, Rudolf, 120
Forsyth, P.T., 18
Foster, William Trufant, 30
Freud, Sigmund, 128
Friedrich, Gerhard, 42
Funk, R.W., 43

Gardner, John W., 68
Geden, A.S., 42
Gesenius, William, 42, 43
Gingrich, F. Wilbur, 42
Glover, T.R., 98
Gooder, Glen G., 137
Grasham, John A., 137
Grassmick, John D., 45
Gray, Giles W., 137
Hall, Edward T., 128
Hals, Ronald M., 96
Hamilton, J. Wallace, 59
Hammond, N.G.L., 44
Hardy, Thomas, 97
Haselden, Edwin, 40
Haseldon, Kyle, 13, 125
Hatch, Edwin, 40
Hayakawa, S.I., 100, 104
Hegel, Georg, 100
Hercus, John, 99
Hoehner, Harold, W., 50
Homer, 10
Howard, W.F. 43
Howe, Reuel L., 24
Hunt, Leigh, 117
Jacó, 40
Joel, 57
Johnson, Samuel, 79
Johnson, S. Lewis, 45
Jones, Cynddylan, 59
Jowett, J.H., 25
Judas (Iscariotes), 19, 63, 73
Kautzsch, E., 43
Keats, John, 117
Kennedy, John F., 34
Key, William Bryan, 27
Kierkegaard, Soren, 100
Kipling, Rudyard, 10, 135
Kittel, Gerhard, 42
Koehler, Ludwig, 42
Kubrick, Stanley, 84
Lambdin, Thomas O., 43
Lewis, C.S., 59, 118
Lewis, Sinclair, 121
Liddell, Henry George, 42
Lincoln, Abraham, 121
Lucas, 25
Macdonald, George, 129
Maclaren, Alexander, 80-81, 124
Macpherson, Ian, 104
Mager, Robert F., 76
Mandelkern, Salomon, 42
Mantey, Julius R., 43
Marshall, Peter, 94, 112
Martin, Abe, 128
Maslow, Abraham H., 109
Maugham, W. Somerset, 121
Maupassant, Guy de, 123
Mayer, William, 69
Mehrabian, Albert, 128
Meyer, F.B., 20
Mical, 99
Miller, Alexandre, 64
Miller, Donald G., 24-25
Milligan, George, 42
Minnick, Wayne C., 123
Molloy, J.T., 130
Monroe, Alan H., 104, 115, 137
Montgomery, R.H., 16
Moisés, 19, 54, 62
Moulton, James Hope, 42, 43
Moulton, W.F., 43
Muggeridge, Malcolm, 32, 118
Nader, Ralph, 15
Napoleão, 56
Nixon, Richard. M., 69
O'Neil, Paul, 108
Orr, James, 44
Orwell, George, 69
Owen, John, 110
Paget, Richard, 137
Palmer, Earl F., 94-95
Paulo, 14, 19, 26, 55 ss., 61, 65, 117
Perry, Lloyd M., 30
Pedro, 14, 19, 26, 61, 63, 86
Phillips, J.B., 41
Poincaré, J.H., 119
Qualey, William A., 18
Redpath, Henry A., 43
Rembrandt, 117
Reu, J.M., 53
Richardson, Elliot L., 69
Robertson, A.T., 44
Rose, James, 65
Rosenthal, Robert, 137
Ruskin, John, 13
Ryken, Leland, 50
Sangster, William E., 101, 114

Thompson, Wayne N., 137
Thonssen, Lester, 24
Thoreau, Henry David, 17
Timóteo, 14
Tizard, Leslie J., 109
Tozer, A.W., 73
Traina, Robert A., 45
Trench, Richard Chenevix, 44
Turner, Nigel, 43
Twain, Mark, 117
Unger, Merrill F., 44
Urias, 62
Vine, W.E., 44
Voltaire, 97
Wallace, Karl R., 30, 122
Waltke, Bruce K., 44
Wesley, Charles, 114
White, E.B., 123
Whitehead, Alfred North, 124
Whiteman, Paul, 112
Whitesell, Faris, D., 30
Whitman, Walt, 17
Wigram, George, V., 43
Williams, George G., 121
Wise, Claude M., 137
Wood, John, 30
Woolf, Leonard, 97
Young, Robert, 43
Zuck, Roy B., 44
Sarett, Alma Johnson, 30
Sarett, Lew, 30
Schaeffer, Edith, 68
Schaeffer, Francis A., 16
Scholer, David M., 45
Schopenhauer, Arthur, 120
Scott, Robert, 42
Scullard, H.H., 44
Shaw, George Bernard, 98
Simpson, Matthew, 10
Slade, Margot, 137
Smith, David, 76
Solomon, 20, 108
Soper, Donald O., 125
Spurgeon, Charles H., 98, 124
Stedman, Ray C., 95
Stevenson, Robert Louis, 121
Stewart, James, S., 83, 97, 118 143-44
Stibbs, Alan M., 25
Stonehouse, N.B., 66
Strong, James, 43
Sunday, Billy, 121
Sunukjian, Donald R., 25
Swindoll, Charles R., 108-109
Talleyrand, 119
Tennyson, Alfred, 97
Thielicke, Helmut, 120
Tomé, 63

Índice de Escrituras

Gênesis
41:51 **101**

Deuteronômio **62**
5:2-3 **54**

Juízes
17:6 **62**
21:25 **62**

Rute
4:11-21 **62**

II Samuel
cap. 11 **39**
11:27 **62**
Cap. 12 **39**
18:33 **135**

Salmos
cap. 23 **117, 121**
Cap. 24 **99**
91:11-12 **20**
104:33 **54**
Cap. 117 **29, 42**

Provérbios
6:12-14 **128**
15:1 **64**
22:1 **32**
25:11 **117**
30:25 **104**
31:10-31 **87**

Eclesiastes **61, 97, 108**
3:1-7 **123**
12:9-10 **117**

Isaías
5:30 **96**

Jeremias
50:35-38 **54,55**

Habacuque
2:4 **64**

Lucas
12:15 **64**
15:11-32 **99**
16:2-7 **99**

João
cap. 3 **65**
3:16 **118**
14:12 **58**
20:31 **74**

Atos **25-26**
cap. 2 **25**
2:36 **26, 57**
6:2 **14**
cap. 13 **26**
13:23 **26**
cap. 20 **26**
20:28 **26**

Romanos
1:1-17 **65, 110**
1:11-12 **14**
1:15 **14**
2:1-29 **65**
3:1 **99**
6:1-14 **65**
cap. 8 **117**
8:28 **86**

I Coríntios, **20**
6:12 **99**
cap. 8 **55, 65**
9:6-12 **57**

9:22 **129**
caps. 12-14 **41**
12:11-12 **55**
12:13 **56**
cap. 13 **41, 117, 121**
15:12-19 **81-82**

II Coríntios **20**
1:3-11 **108**

Gálatas
1:8-9 **54**

Efésios
1:4-14 **87-88**
4-11-16 **141-142**
6:5 **61**

Colossenses
1:15-18 **80-81**

I Tessalonicenses
1:2-6 **65**
1:9-10 **14**
2:13 **14**

I Timóteo
3:15 **74**
4:12-16 **65**
5:1-2 **33**

II Timóteo
3:15 **15**
3:16-17 **15, 19, 74**
4:2 **14**

Hebreus
cap. 6 **108**
10:19-25 **29**
cap. 11 **129**
12:22-25 **83**

Tiago
1:1-16 **65**
1:2-4 **46**
1:5-8 **46, 47**
1:19-20 **61**
4:14 **112**

I Pedro
1:23 **14**
1:25 **14**
2:11 - 3:9 **82-83**

Judas
3 **74**

2ª EDIÇÃO ATUALIZADA E AMPLIADA

Nenhum livro oferece uma opção melhor para cada passo do desenvolvimento e da entrega de sermões expositivos.

Revista Preaching

Nesta segunda edição atualizada e ampliada, o Dr. Robinson melhorou boa parte do material sem mudar seu procedimento básico: "os sermões precisam tratar de ideias". Ele apresenta um método simples, prático e motivador para a preparação de sermões bíblicos. Sua simplicidade, porém, não oculta a profundidade bíblica e científica do seu pensamento.

Além de expor um método para preparar sermões, o Dr. Robinson oferece excelentes conselhos para pregar sermões, utilizando vários recursos da moderna ciência da comunicação.

Pregação Bíblica é um livro de texto para estudantes de teologia, e para os pastores já na ativa, que querem dominar os fundamentos da pregação. Seu estilo é agradável e fluente. Suas definições são exatas e seus conselhos úteis.

Haddon Robinson é Professor Ilustre de Pregação da Cadeira Harold John Ockenga no Seminário Teológico Gordon-Conwell em South Hamilton, Massachusetts; editor geral de PreachingToday.com; professor do programa de rádio Discover the Word e organizador do livro *A arte e o ofício da pregação Bíblica* também da Shedd Publicações. É considerado um dos pregadores mais expressivos do mundo de fala inglesa.

ISBN 978-85-88315-17-4





SHEDD
PUBLICAÇÕES